

REVISTA DA SEMANA

N.º 11

CR\$ 1,50 NA CAPITAL — CR\$ 2,00 NOS ESTADOS

16-3-46





JOCKEY CLUB MUNDANO

Os flagrantes que estampamos nesta página, da última reunião turfística, bem mostram o que foi aquela tarde. Muito entusiasmo e muita elegância é o que sempre se vê no belo Hipódromo da Gávea. Todos torceram e todos saíram satisfeitos com os empolgantes páreos a que assistiram.



O MAIOR AMIGO DA ONÇA

NÃO há expressão mais vulgarizada, hoje em dia, do que esta: "amigo da onça". Por que amigo da onça? Creio que a origem da expressão repousa na velha história do caçador que, à beira de um abismo, encontrara no caminho obrigatório uma enorme onça. Levava a espingarda à cara, mas a arma não detonara. O narrador vira-se para o ouvinte e pergunta se ele avalia o que aconteceu. Só podia ter acontecido uma coisa — a onça comera o caçador. Daí a pergunta deste cheia de natural ressentimento: "Mas, afinal, você é meu amigo, ou é amigo da onça?". Parece que está razoavelmente explicada a origem dessa deliciosa expressão popular, que rapidamente se propagou e hoje figura em tôdas as conversas de salão e, talvez, até mesmo nos discursos parlamentares.

— Amigo do povo vossa excelência nunca foi! Vossa excelência é um autêntico amigo da onça!

Se isso ainda não foi dito, brevemente há de ser. E sairá nos anais da Constituinte de 1946, se a Mesa não exercer a polícia vernacular, pegando a onça, onde a encontrar e mandando-a, com as naturais cautelas, para o novo Jardim Zoológico da cidade.

★

A propósito de "amigos da onça", estive outrô dia pensando em qual seria o tipo mais representativo dessa fauna singular — constituída por indivíduos cujas atividades consistem precisamente em dar dores de cabeça ao próximo. Teria sido Adolf Hitler? Teria sido Benito Mussolini? Ou será, agora, o generalíssimo Francisco Franco, alvo de tantos e tão sérias acusações? Bem pesadas as coisas, acho que não foi nenhum deles. Nem tampouco o sanguinário Abdul Hamid, da Turquia, nem Ivan-o-Terível, nem Henrique VIII, da Inglaterra. Não. No meu entender, o maior "amigo da onça" em todos os tempos, foi um espanhol. Mas não foi Franco. Foi o reverendíssimo padre Bartolomé de las Casas, homem de boas intenções e de boa fé — coisa que não devemos perder de vista, porque a aparente boa fé e a inocência exterior são características essenciais do "amigo da onça".



nida Rio Branco, uma mãe negra consumida de doenças, com um filho agarrado ao seio, mamando tranquilamente, enquanto três outros mendigam ao seu redor, às vezes seguindo os transeuntes até à esquina, é do padre Bartolomé de las Casas que me lembro. Foi o padre Bartolomé de las Casas o grande responsável pelo cativeiro dos negros, pelo tráfico de africanos para terras das Américas.

★

Ninguém tinha se lembrado de dominar os negros, metê-los em porões de navios e trazê-los para os trabalhos forçados, nas jovens terras americanas. Foi o padre Bartolomé de las Casas quem se lembrou. Vindo da Espanha para o Peru o padre Bartolomé de las Casas se mostrou revoltado com a exploração e a escravização dos índios americanos pelos espanhóis, conquistadores de uma ferocidade indescritível. Começou, desde então, a escrever cartas veementes, a Madrid, sugerindo que os índios fossem declarados livres. E a colonização? E o trabalho pesado, que os capitães e nobres espanhóis não queriam fazer? Foi então que o padre Bartolomé de las Casas se

lembrou de sugerir: "Se querem escravos, que vão buscá-los nas costas da África, pois os negros africanos são pelo menos duas vezes mais vigorosos do que os pobres índios, fracos e magros, que morrem de tristeza no seu cativeiro". Não queriam os espanhóis outra coisa. Se uma voz da igreja sancionava a escravidão dos negros não havia tempo a perder. Era tratarem de escravizá-los, de encher os navios, de transferi-los para as Américas. Atrás dos espanhóis foram os portugueses, franceses, escoceses, etc. Eis a gênese das populações negras do nosso continente, do problema racial, de toda a mixórdia étnica que por aí anda. Os negros, libertados, continuam ainda a roer a banda pobre, numa semi-escravidão econômica e numa semi-ignorância acuados pelos preconceitos, a não ser na pequena nação que conseguiram fundar nas Antilhas, a República do Haiti.

★

Tudo isso nasceu do "oncismo" do padre Bartolomé de las Casas. Para se mostrar amigo dos índios, ele jogou os negros no fogo. Os índios representaram, no caso dele, o partido da onça. Muito se arrependeu ele, mais tarde, ao ver a crueldade com que os escravos africanos eram tratados, de haver pleiteado na sua famosa "Memória" "la libre saca de negros para ser empleados en las industrias y en el laboreo de las minas". Conseguiu, na sua viagem à Europa, que Carlos V declarasse livres os selvagens americanos, mas foram infrutíferos todos os seus esforços para sustar depois, o tráfico de negros que ele próprio sugerira e que, afinal, proclamou ser "tan injusto quanto el cautiverio de los aborígenes". Nenhum homem se penitenciou mais fortemente das suas culpas do que o padre Bartolomé de las Casas. O jesuíta espanhol morreu cheio de remorsos, em julho de 1569, temendo ser responsável, perante a justiça divina, pelos crimes cometidos contra a raça negra.

Quase quatrocentos anos se passaram. E alguns milhões de negros continuam a sofrer as consequências do erro do padre Bartolomé de las Casas. Nunca, na história da humanidade, um só homem fez tanto mal a tantos milhões de indivíduos. Em cada drama da intolerância racial, em cada tragédia que se desenrola nos "slums" de Chicago, nas plantações de tabaco da Virgínia nos algodais da Louisiana, nas "favelas" do Rio de Janeiro e em outros lugares onde os negros se comprime, em condições miseráveis de vida, há o dedo do "amigo da onça" que sugeriu com a maior boa fé, com a maior ingenuidade, o terrível cativeiro dos negros...

R. MAGALHÃES JUNIOR





NO CHINESE THEATER — Um dos mais interessantes e pitorescos lugares de Hollywood é, sem dúvida, a entrada do Chinese Theater, frequentado pelos "astros" e "estrêlas" da cidade do cinema. Ali deixam todos gravadas sobre o cimento as suas impressões. Shirley Temple deixou as marcas de suas mãos e de seus pés. John Barrymore deixou o seu perfil. Na foto acima vemos alguns dos autógrafos que aparecem na porta do tradicional teatro de Los Angeles.

HOLLYWOOD A REALIDADE E A FICÇÃO DA CIDADE DO CINEMA

CARNAVAL EM LOS ANGELES? NÃO. CINEMA... — UMA GRANDE RIVAL PARA NOVA-YORK — PRIMEIRO CONTACTO COM OS ESTÚDIOS E OS ARTISTAS — ONDE OS VENDEDORES DE JORNAIS SÃO CELEBRIDADES — MULHERES E HOMENS QUE VIVEM SONHANDO OU DECEPCIONADOS — EPISÓDIOS CURIOSOS DE HOLLYWOOD NA INTIMIDADE

CELESTINO SILVEIRA — (Enviado especial da REVISTA DA SEMANA aos Estados Unidos)

NOSSA primeira impressão, ao saltar do expresso prateado de Santa Fé, em Cahuenga Boulevard, no coração de Los Angeles, foi a de ter voltado ao Rio em pleno sábado de Carnaval, tal o número de gente fantasiada que se nos deparou. Desde Miami e Nova-York, nossos olhos vinham se habituando a ver homens e mulheres trajando espetacularmente, os primeiros sem o que no Brasil se denominaria uma noção de bom senso e discreção no escolher as cores das camisas e gravatas, as segundas sem ligar importância às aparências e vestindo-se como bem entendem. Os veranistas de Miami eram um arremêdo de filme em technicolor; as noviorkinas de indumentária masculina, um atestado da noção de conforto e despreendimento aos preconceitos, mas o que nos esperava em Los Angeles assumia proporções aparentes de um legítimo Carnaval sem máscara. Ou as máscaras estariam invisíveis, e cada qual se disfarçava ocultando seus sentimentos, quem sabe!

Mas a verdade é que nunca havíamos deparado com tanta gente enfeitada, vistosamente

ataviada, em dia comum, de serviço, quanto aqui. E não pensem que seja Los Angeles uma pequena cidade onde apenas se cogite de cinema, pois os indicadores oficiais falam em três milhões e meio de habitantes, muito mais que a população do Rio, admitindo-se existir assim uma perigosa rival para a ciclópica Nova-York com seus oito milhões. Se em 1830 o censo de Los Angeles não ia além de 1.200 almas, e hoje só o distrito central acusa quase dois milhões, o que não se pode esperar dentro de dez ou quinze anos, pôsto que a marcha de todos os pontos dos Estados Unidos para a Califórnia, em virtude do seu excecente clima, está apenas iniciada? Não, não é uma cidadezinha provinciana a que encontramos, porém uma notável metrópole, embora muito artificial e sofrendo a influência poderosa dos latinos, particularmente dos mexicanos. Começando pela estação ferro-carril, passando pelas construções normais da cidade, indo aos arredores, às praias, aos hotéis, aos museus, mesmo aos estabelecimentos comerciais aparatosos, esquisitos e sempre com seu toque de origina-

lidade, tudo aqui faz lembrar a influência dos colonizadores. E' bom saber que só em 1950 Los Angeles festejará seu primeiro centenário de emancipação norte-americana.

Conquanto o cinema seja de fato a atração número um desta terra, nem tudo aqui existe em consequência da indústria de filmes. Sente-se que a excelência do clima, a aproximação das montanhas, o afastamento do período invernosos mais forte — na Califórnia a neve existe apenas na crista das montanhas distantes — tudo contribuiu para esse desenvolvimento, aliado e robustecido com as facilidades de transportes, magníficas estradas de rodagem, gasolina, aço e ferro à vontade, e o espírito prático do "yankee" tirando o melhor partido de todos esses fatores. Temos, assim, em Los Angeles, muito de artificial, mas pôsto a serviço do conforto de seus habitantes. Desapareceram dos nossos olhos os "arranha-céus" portentosos que ainda em Chicago nos esmagavam, as ruas largas ou estreitas mas onde o sol vai banhá-las, quando o "fog" permite, por volta do meio-dia, porque os prédios altos são um embaraço

maior, e tudo cedeu lugar a novos panoramas, que nos recordam paisagens das serras nas vizinhanças do Rio. Um pedaço é a imagem perfeita de Teresópolis ou Friburgo, outro, pelo pitoresco de suas vivendas, mostra-nos o que será Miguel Pereira melhor aproveitada; ainda outro, nas praias, serve para matar saudades de Copacabana. E tudo perfumado, como nas montanhas brasileiras, pelo aroma suave das selvas não distantes, banhado de sol que nos aquece o corpo e a alma depois de cinco semanas de "fog" e neve, de ventanias que pareciam levar-nos pelo espaço, tudo à nossa moda. Por isso os brasileiros se aclimatam facilmente neste pedaço da América, embora o consulado nos informe que apenas vinte e cinco patrícios têm residência fixada em Los Angeles. Se eles soubessem as oportunidades que aqui se nos oferecem, esses vinte e cinco se multiplicariam por milhares rapidamente.

★

Hollywood não chega a ser um arrabalde de Los Angeles, pois está ficando encravada na própria cidade. O Sunset Boulevard começa nas proximidades da estação de Santa Fé, esticando pela cidade a dentro, deixando para trás o reduto cinematográfico, o famoso Beverly Hills onde as "estrelas" têm suas casas de milionários, e indo até mais longe, à praia

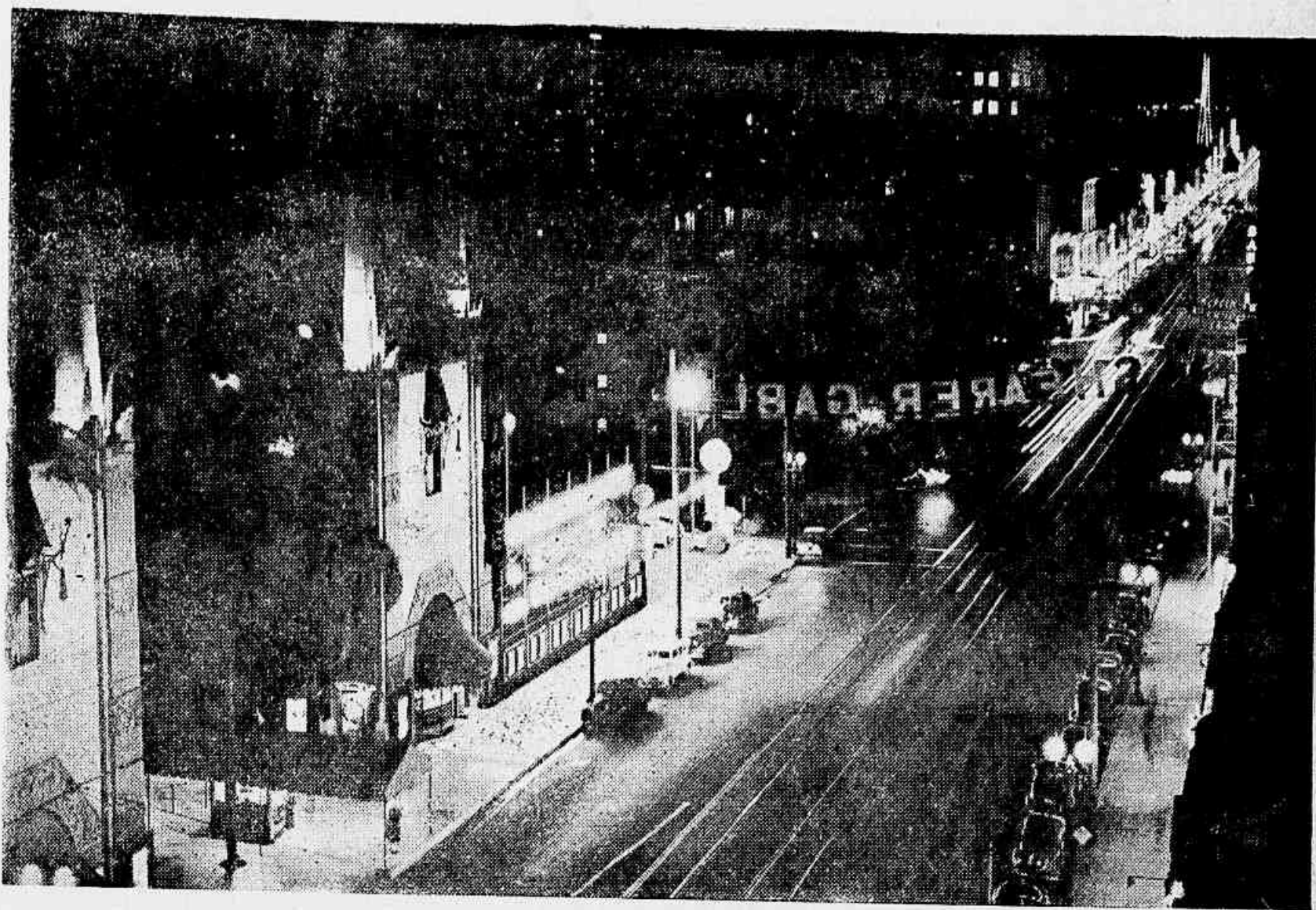
de Santa Monica e ainda além. O consulado brasileiro fica no 6.606, mas o Sunset Boulevard tem três vezes ou quatro essa numeração e promete ir muito adiante.

Eis por que Hollywood faz parte integrante de Los Angeles, embora persista a dificuldade inevitável para quem estiver desprovido de automóvel, pois os estúdios ficam situados distantes uns dos outros, e não em um bloco

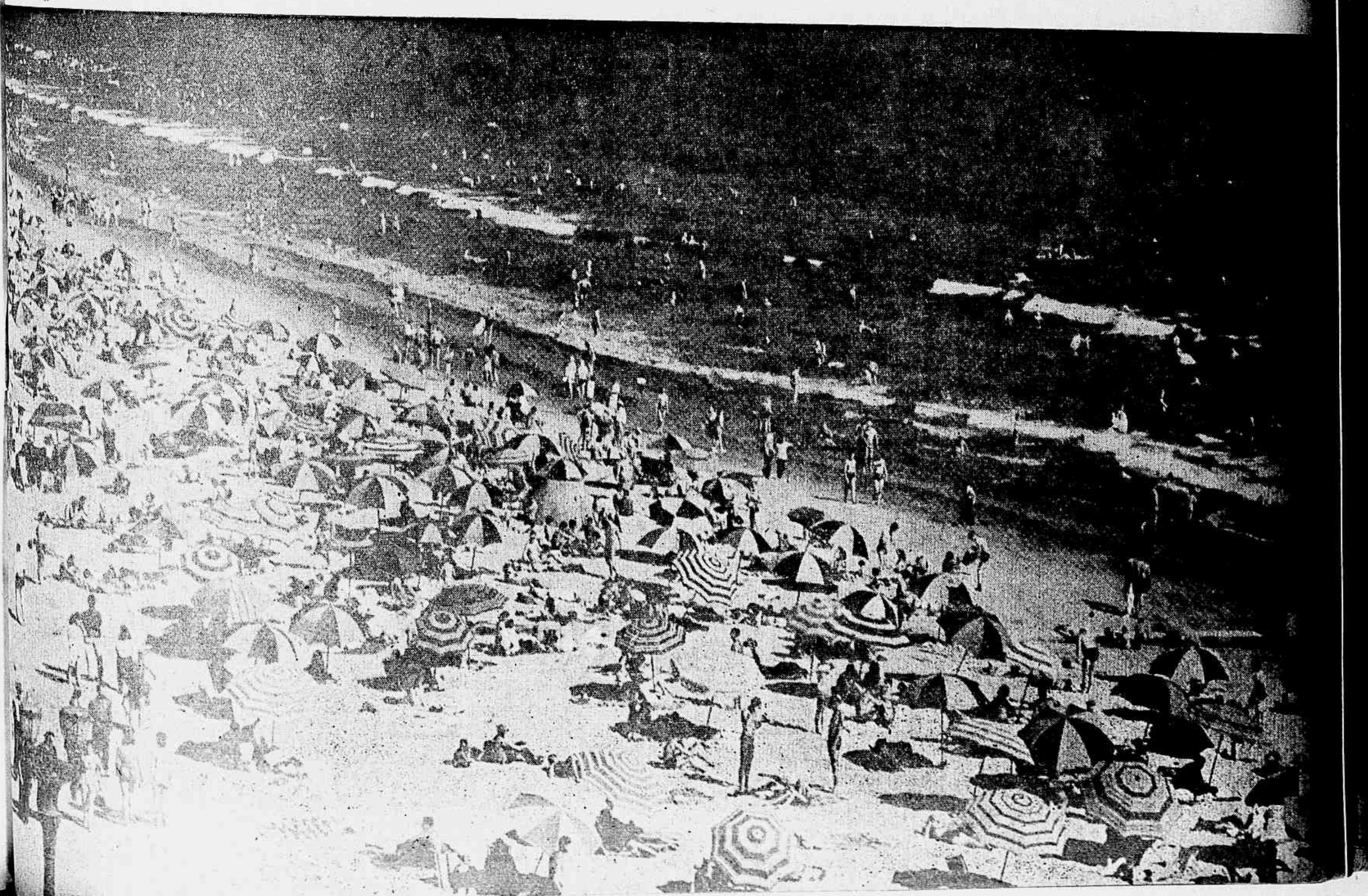
ou bairro como se admite a distância. Quase quatro milhões de almas não permitem que se depare facilmente com uma cara conhecida da tela, embora esse encontro possa acontecer acidentalmente, ou quando se frequentam os lugares nos quais, de hábito, a colônia cinematográfica se reúne. O primeiro "astro" — ou miniatura de "astro" — que

(Continua na pág. 46)

LONG BEACH — Para esta praia maravilhosa, que fica perto de Los Angeles sobre o Pacífico, se dirigem, todos os fins de semana, milhares de banhistas, entre os quais quase sempre se vêem as mais famosas "estrelas" de cinema. Nestas águas se banham Hedy Lamarr e Dorothy Lamour. Este aspecto foi feito em pleno verão, quando maior era o movimento de Long Beach, a praia maravilhosa das "estrelas".



HOLLYWOOD A NOITE — Ai está uma vista do famoso Hollywood Boulevard à noite. Em horas de pouco movimento ele apresenta toda a sua orgia de luzes em pleno esplendor. Para esta artéria se convergem todos os olhares de 5 continentes.



OS GRANDES CONCURSOS LITERARIOS DA "REVISTA DA SEMANA"

Temos a satisfação de registrar hoje mais uma grande vitória da REVISTA DA SEMANA, assinalada pelo encerramento da terceira etapa de seu Concurso Permanente de Contos, que, como as fases que a precederam, obteve o mais amplo sucesso.

Respondendo aos pedidos de informações que nos têm sido dirigidos por telefone e por cartas, podemos assegurar que os originais que se destinavam ao "Concurso de Romances" ("Prêmio REVISTA DA SEMANA") e "Concurso de Peças Teatrais" ("Prêmio Apolônia Pinto") já estão sendo lidos pelos membros das respectivas comissões julgadoras, que deverão apresentar brevemente o seu veredito. O resultado de tais concursos serão publicados assim, provavelmente, na primeira revista do mês de abril próximo.

OS CONTOS PREMIADOS

Abaixo damos a relação dos doze contos premiados na terceira apuração do concurso permanente. Os autores dos trabalhos abaixo discriminados fizeram todos jus ao "Prêmio Aureliano Machado", constante de Cr\$ 100,00 a cada conto aceito.

Eis a lista dos originais contemplados com o prêmio:

"Última balada", de Newton Antunes; "Sapatos velhos", de Vera Sant'Anna; "A hungaresa", de Yvonne Miranda; "Entre três horizontes", de Alberto Moraes Cardoso; "Restaurante p'ra môças", de Hilda Macedo; "Senhorita Francinette", de Visconde de Nova Cruz; "Desprendimento", de Henrique Oscar; "O bilhete 30.530", de Ciro Armando Catta Preta; "Astúcias de caboclo", de Antonio Julio Gomes de Moraes; "Barcos ancorados", de Alvaro Ladeira; "Grande desilusão", de Gil Mendonça; "O velho", de Elcius de Oliveira.

Estes contos serão publicados no trimestre de abril a junho.

OS TRABALHOS RECEBIDOS

São os seguintes os trabalhos que recebemos até o dia 28 de fevereiro último, destinados à terceira apuração do Concurso Permanente de Contos:

"Última balada", Newton Antunes (premiado); "Sapatos velhos", Vera Sant'Anna (premiado); "A Hungaresa", Yvonne de Miranda (premiado); "O colecionador de autógrafos", Aluisio Ferreira dos Santos. "Clarinha", Maria Emilia Miraglia; "Depois do Fim", Lina Lemos Bastos; "O zelador", H. Miranda; "Um filantropo", Epaminondas Souto; "Incoerência", Mariam Isaura P. de Queiroz; "E o destino interferiu", Wilson A. Gil; "Memórias de um jogador de foot-ball", Antônio Coelho; "O ladrão", Florzinha; "A matemática", Décio Pignatori; "O canto das sereias", Dalton Trevisan; "O balisa", Luiz G. Toledo Machado; "Uma noite inesquecível", Erasmo Catauli Giacometti; "José Ramires", Ruy Nogueira; "O Alegria", Antônio Coelho; "Meia noite", Pedro A. A. de Azevedo; "Entre três horizontes", Alberto de Moraes Cardoso (premiado); "Os que morreram na minha vez", Aldo Freire; "Metamorfoses", Geraldo Ribeiro; "Confissão... oportuna", Vera Maria de Lima Costa; "A primeira causa perdida", Nepomuceno de Araujo; "Janinha", Aziz Abraão; "Esta noite ressuscitei", Nepomuceno de Araujo; "O desengano do pracinha", Silvio Ribeiro da Fonseca; "Um rio, uma viagem, uma história de amor", Lina Angelica; "O intruso", Newton Prado; "Restaurante para môças", Hilda Macedo (premiado); "Um dia voltarei e serás minha", Claudio Fer-

nando de Novais; "Fôrça da lua", Salazar Pessoa; "Cega", Claudio Fernando de Novais; "A verdadeira história do dr. Fernando Matoso", Maria de Lourdes Lima Costa; "Senhorita Francinette", Visconde de Nova Cruz (premiado); "Perto do coração distante", Maria Leticia; "Desprendimento", Henrique Oscar (premiado); "O bilhete n.º 30.530", Ciro Armando Catta Preta (premiado); "Olhos de mulher", Helena Portilho; "A ladra", Pedro de Alcantara da Silva Leme; "Astúcias de caboclo", Antonio Julio Gomes de Moraes (premiado); "O judeuzinho da livraria ambulante", Alberto de Moraes Cardoso; "Passo a passo chegaremos", Samuel Rawet; "Um presente para Carmelia", Aluisio Melo; "Barcos ancorados", Alvaro Ladeira (premiado); "Aquele valsa", Florzinha; "Grande desilusão", Gil Mendonça (premiado); "Um sonho sui generis", Heitor Vasconcelos; "O velho", Elcius de Oliveira (premiado).

Os originais recebidos após a data de encerramento para a seleção da 3.ª Fase, serão automaticamente julgados juntamente com os originais destinados à 4.ª Fase.

CONCURSO PERMANENTE DE CONTOS

"PRÊMIO AURELIANO MACHADO"

4.ª Fase

São as seguintes as condições para a participação no mesmo:

- 1) O prazo para o quarto concurso será de 90 dias, expirando, portanto, a 31 de maio.
- 2) Os originais deverão vir datilografados em espaço dois, em folhas de papel formato ofício, num mínimo de três e máximo de cinco páginas.
- 3) O assunto dos contos ficará a critério e escolha do autor, exigindo-se, todavia, **enredo, estilo e unidade de ação**, no relato da história, podendo inscrever-se autores inéditos ou já publicados.
- 4) Os originais devem ser enviados com todos os esclarecimentos do autor — nome, endereço, etc. — para Roberto Lyra Filho, Redação da REVISTA DA SEMANA — Rua Visconde de Maranguape, 15, Rio de Janeiro.
- 5) A seleção dos 12 contos, uma vez terminado o prazo do quarto trimestre, será feita pela redação da REVISTA DA SEMANA. Os originais premiados serão publicados durante os três meses seguintes.
- 6) Cada conto premiado, uma vez publicado, facultará ao seu autor o recebimento de Cr\$ 100,00 (cem cruzeiros), pagos na administração da REVISTA.
- 7) Os contos ficarão de propriedade dos autores, a quem é facultado o direito, posteriormente, de publicá-los onde entenderem; todavia, compreende-se que só serão aceitos originais inéditos.
- 8) Os autores poderão usar pseudônimo, se assim desejarem.
- 9) O Concurso Permanente de Contos tem como patrono o antigo diretor da REVISTA DA SEMANA e demais publicações da Companhia Editora Americana, o saudoso jornalista Aureliano Machado.
- 10) Automaticamente, em 1 de julho de 1946 será iniciado o 5.º Concurso de Contos, que terá assim, sempre, etapas de três em três meses, de modo a ser publicado semanalmente e com regularidade um conto premiado.
- 11) Não serão devolvidos os originais, premiados ou não.

REVISTA DA SEMANA

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 90,00; Seis meses — Cr\$ 45,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 110,00; Seis meses — Cr\$ 55,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 200,00; Seis meses — Cr\$ 100,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 no Distrito Federal, e Cr\$ 2,00 no Interior; atrasado Cr\$ 2,50
Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro
Tels. — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447;
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1012; Portaria: 22-5603.

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7886
Corresp. na Baía: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149
TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL
REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Koppe & Co. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1748, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.
Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO
Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores
ESTE NÚMERO CONSTA DE 52 PAGINAS
O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaborações solicitadas pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados.

NESTE NUMERO

ANO XLVII - N.º 11

16 . 3 . 1946

LITERATURA

O maior amigo da onça (R. Magalhães Junior)	3
Os grandes concursos literários da REVISTA	6
Conselho de família (Valerio Hofili)	15
Dias de 1866 (Escragnolle Doria)	22
A mascarada (Barton James)	23
Intermezzo (Dorothy Parker)	29
Livros Novos (J. L.)	32/33

REPORTAGENS

Jockey Club Mundano	2
Hollywood... (Celestino Silveira)	4/5
Romance, esporte e vida (Celius Aulicus)	8/13
Ecos do Carnaval	18/20
Figuras e Fatos	38

SECÇÕES

Música (Roberto Lyra Filho)	40
-----------------------------------	----

FEMININAS

Nos bastidores femininos	21
Para a praia	26/27
Para mocinhas	30/31
Primeiro dia de aula	39
Mulheres que o mundo não esqueceu	40
Femininas	45
Vamos usar chapéu?	48/49

CURIOSIDADES

Uma visita às Ilhas Scilly	16/17
Aspectos do Canadá de hoje	41/43

CINEMA

Uma mulher como as outras	24/25
A casa de uma "estrêla"	28

CARICATURAS

De bom humor	14
"Charge" de Raul	34

REVISTA DA SEMANA



NA CAPA

Em nossa capa de hoje aparece a graciosa "estrêla" da Metro, Laraine Day, cuja beleza foi sempre um dos motivos de seu espetacular sucesso em todos os filmes em que aparece. O sorriso de Laraine Day, famoso em todo o mundo, é pois mais um motivo de encanto para os seus fãs, que a REVISTA DA SEMANA lhes oferece hoje.

Até o Gênio! Uma Calamidade!



Muitas mulheres sofrem de moléstias que fazem da vida um verdadeiro inferno.

Uma Calamidade!

Em certas doenças, até o Gênio da Mulher pode ficar alterado e ela, de alegre e bem disposta que era, passa a ser triste, aborrecida, desanimada, sem vontade nenhuma de trabalhar e zangando-se facilmente pelas cousas mais insignificantes.

Um martírio!

Para tratar estes padecimentos, consequências do mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos, use **Regulador GESTEIRA**.

Regulador Gesteira é o tratamento indicado.

REGULADOR GESTEIRA é o Remédio de Confiança para tratar inflamação do Útero, o Catarro do Útero causado pela inflamação, Debilidade, Palidez e Perturbações nervosas provocadas pelo mau funcionamento dos órgãos Útero-ovarianos, a Pouca Menstruação, as Dôres e Cólicas do Útero e Ovários, as Menstruações exageradas e Muito Fortes ou Muito Demoradas, as Dôres da Menstruação e as irritações causadas pelo pêso do Útero congestionado.

Comece hoje mesmo a usar **Regulador Gesteira**

LIMPE A RELE UMA VEZ POR DIA
RASTA DE AMENDOAS
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
A VENDA EM TODA A PAZEE



REGRESSA ESTA SEMANA O NOSSO EN- VIADO ESPECIAL AOS ESTADOS UNIDOS

Como já é do conhecimento dos nossos leitores, encontra-se desde meados de janeiro nos Estados Unidos o redator-secretário da REVISTA DA SEMANA, jornalista Celestino Silveira, reporter que se fez famoso pelos seus trabalhos elaborados sobre os mais diversos assuntos, em vários pontos do território nacional.

Indo à América a serviço de nosso semanário, Celestino conseguiu ali uma série de notas interessantes, muitas das quais já publicamos, devendo serem dadas a público outras tão logo retome o nosso companheiro o seu pôsto nesta redação. Entre os trabalhos jornalísticos que elaborou na terra de Tio Sam, figuram brilhantes reportagens de assuntos cinematográficos, ramo em que, há muito tempo, se especializou Celestino Silveira.

Agora, terminada a sua missão nos Estados Unidos, regressa Celestino Silveira por via aérea, devendo chegar hoje, sábado, ao aeroporto Santos Dumont.

OFICINA DE 1.ª ORDEM
AVIAM-SE RECEITAS ME-
DICAS COM EXATIDÃO

O PINCE-NEZ

OCULOS, PINCE-NEZ, LORGNONS
R. CARIOCA N.º 23

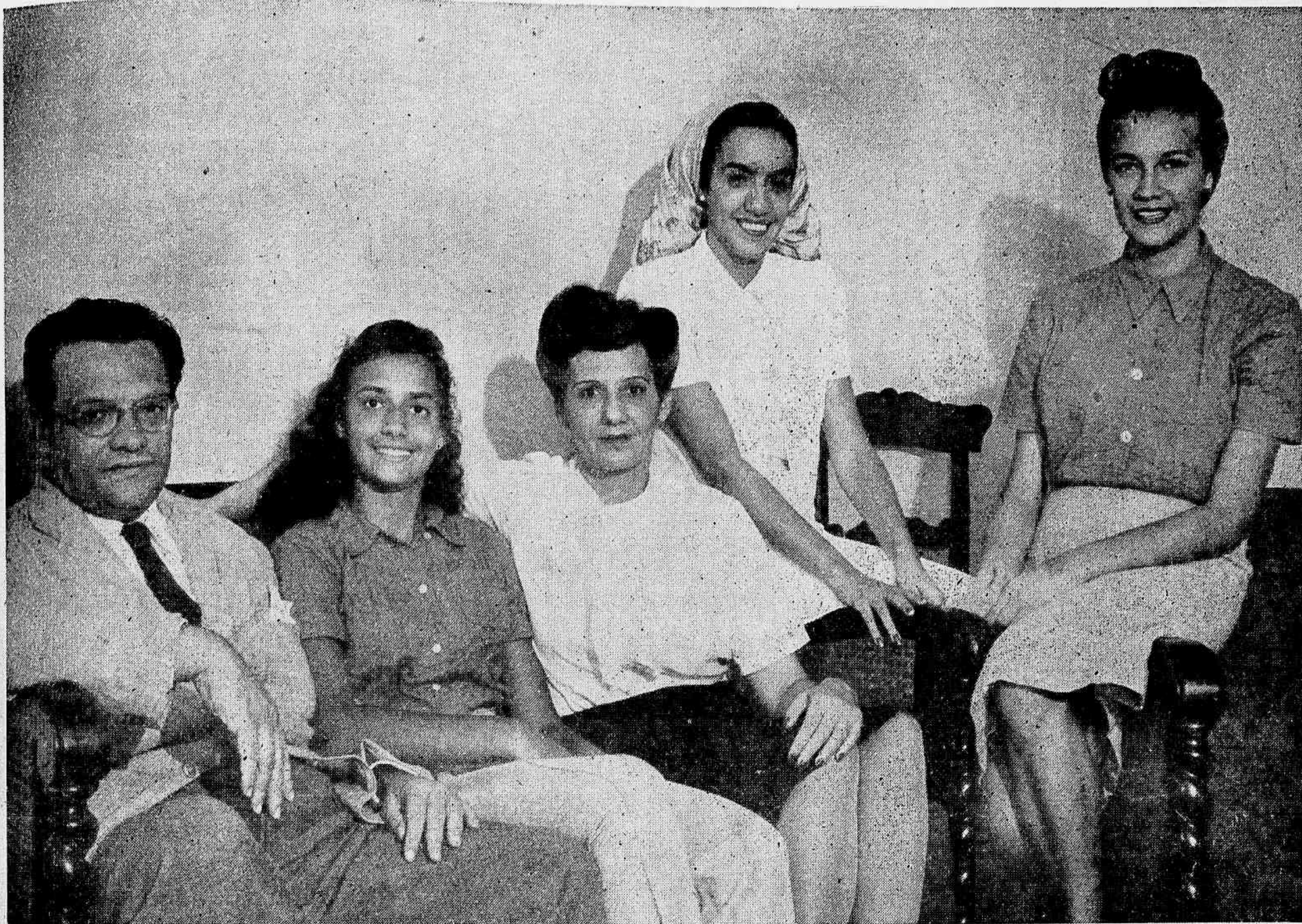
Joaquim
Joaquim

DE OURO

LUIZ R. RICART
TEL. 22-4690 — RIO

JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES





EM FAMÍLIA — Aqui está José Lins do Rego ao lado de sua esposa e das três filhas do casal. Muitos leitores hão de ficar surpresos, como nós, ao constatar que o escritor já tem filhas-môças. Hoje, ele já não é mais o menino de engenho que brincava na bagaceira com os moleques do banguê paterno. É um pai de família cheio de responsabilidade, que nada na piscina do Piraquê para emagrecer. Uma família feliz a família do José Lins.

ROMANCE, ESPORTE E VIDA

O ESCRITOR JOSÉ LINS DO REGO NO LAR E NA QUADRA DE TÊNIS — UM PAI DE TRÊS FILHAS QUE TENTA EMAGRECER À CUSTA DE EXERCÍCIOS FÍSICOS — COMO EVOLUI UM "MENINO PERDIDO, MENINO DE ENGENHO"... — "CERCA VIVA", O ESTUDO DE UMA OBSESSÃO — FLAMENGO ATÉ DEBAIXO D'ÁGUA

Escreveu
CÉLIUS AULICUS

Fotografou
ARNALDO VIEIRA

José Lins do Rego é francamente do esporte. Do esporte e da vida. Gosta da vida e não compreende a vida sem esporte.

É por isto que todas as manhãs, envergando um calção super-moderno, o escritor se dirige à ilha do Piraquê, na lagoa Rodrigo de Freitas, de raquete em punho. José Lins tem razão. A vida é bela assim, quando a gente se acorda de manhãzinha e sai para a beirada da lagoa. Vem de longe o aroma dos jardins recém-acordados, que o orvalho da madrugada regou gratuita e generosamente. As águas da lagoa se agitam. Anda no ar um cheiro de madrugada.

José Lins do Rego, de calção, parado à porta do clube granfino da Gávea, sente saudades das madrugadas de sua infância, quando o aboio o despertava no quarto de telha vã do banguê paterno. Pulava da cama, vestia-se depressa e ia brincar com os moleques do engenho.

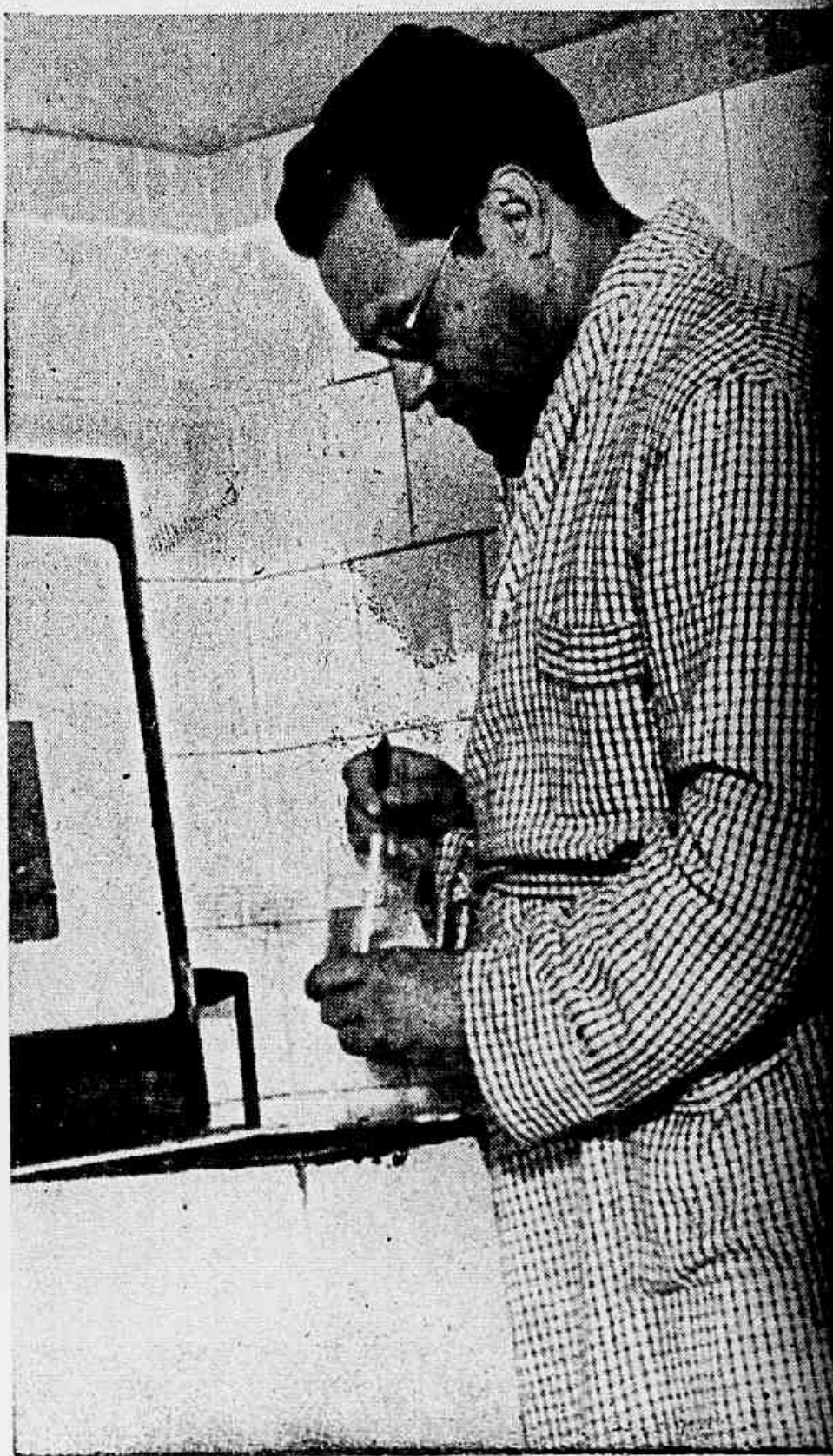
Foi assim que ele passou sua infância.

Agora, muitos anos depois e muitas milhas ao sul, José Lins do Rego confessa ao repórter que "Menino de Engenho", como todos os seus livros, tem um pouco de imaginação e muito de realidade. Ele foi de verdade um herdeiro daquela velha aristocracia rural que durante trezentos anos forneceu ao mundo açúcar mascavo à custa do braço escravo e da água desviada. A música que embalou o seu berço foi o guincho da moenda. E quando entrou para a escola de Itabaiana já havia aprendido todas as coisas da vida e do banguê, na escola gratuita que lhe ofereciam os moleques da bagaceira. Como todos os garotos dos campos, mais cedo aprendeu história natural que português. E quando o tio o foi levar para o colégio, ele já podia se considerar, sem exagero, um homem. No entanto não era mais que um menino, menino perdido, menino de engenho...

"DOIDINHO"

A experiência do colégio foi dura: o colégio de Itabaiana era dirigido por um pedagogo à antiga, que seguia todas as boas regras tradicionais da palmatória e do bago de milho. "Nada de contemplações", pensava ele consigo. E quando um pai o procurava para entregar-lhe o filho, era com orgulho

LIMONADA PARA TRÊS — Na cozinha de sua residência, José Lins prepara uma limonada para três. O refresco veio com muito açúcar, mas nós não estranhámos.



ESPORTE E VIDA — José Lins do Rego, na quadra de tênis da ilha do Piraquê, abraçado à sua filha Maria Cristina, a mais nova das três. O escritor tenta emagrecer à custa de meia hora diária de raquetadas.



NO ESCRITÓRIO — Guardada a raquete de tênis e esticado no varal o calção de banho, José Lins do Rego volta a ser o intelectual. Na biblioteca de sua residência, que fica num minarete em cima do segundo pavimento, ele se recolhe a si mesmo, ou se entrega à leitura de seus autores prediletos. Aqui está, de Shakespeare em punho, relendo as velhas páginas de um "Rei Lear" em brochura. Aqui, no doce silêncio da biblioteca de sua casa bucólica da Gávea, ele está produzindo o romance "Cêrca Viva", estudo de uma obsessão.

que ele apresentava suas credenciais de educador:

— Eu castigo os alunos.

Era justamente por isto que os "meninos perdidos, meninos de engenho", viam-se metidos todos na escola de regeneração de Itabaiana. Mas, apesar de tudo, José Lins do Rego tomou gosto pelos livros. No colégio havia meninas. Cupido brincou com o coração do moleque de engenho. Houve vaia quando se descobriu a paixão do garoto pelas tranças negras de uma colega. Houve castigo. O castigo e as vaia não foram estéreis. Dêles nasceu um grande romance que se chamou "Doidinho".

Hoje, passando a mão pela cabeça, o escritor fala saudosamente:

— "Doidinho" é o meu livro mais autobiográfico. Tudo o que contei ali é verdade. O longo desespero dos alunos à espera dos bolos, a mãe de Licurgo, o drama moral do diretor da escola, tudo pura realidade.

— Mas "Doidinho" com certeza não era você — retrucamos.

— Talvez fôsse, por que não? Ninguém pode dizer que não tem um pouco de doidinho.

Concordamos com o romancista. Em verdade, "Doidinho" é a biografia de todos nós. Talvez por isto mesmo foi que o livro se tornou tão popular.

"BANGUÊ"

Conversávamos com José Lins do Rego junto à quadra de tênis da ilha do Piraquê, onde terminara uma partida com a sua filha Maria Cristina. A moça fôra para nós uma surpresa. Julgávamos que íamos encontrar um rapaz solteiro, de seus trinta e cinco anos, despreocupado e magro. Para esta idéia que fazíamos do escritor, muito contribuíram as caricaturas infames que a "Revista Acadêmica" espalhou pelo Brasil durante muitos

anos. Assustamo-nos quando vimos Maria Cristina chamar o romancista de "papai". Mas ele nos declara, com orgulho, que aquela é a mais moça de suas três filhas.

Prosseguimos a conversa:

— E "Banguê"? — perguntamos.

— "Banguê" foi como os outros romances: alguma ficção, muita realidade.

— Como nos filmes — aventuramos. — "Qualquer semelhança"...

— Nada disto — responde o escritor. — Nenhuma semelhança entre os personagens de meus livros e pessoas da vida real é coincidência. Como já disse, os personagens como os fatos de meus romances são um misto de ficção e verdade.

Maria Cristina chama o pai e ele volta à quadra para uma nova partida.

Ficamos de longe, olhando o jogo e lembrando-nos de uma frase que ouvimos ou lemos alhures: "A vida e o romance são talhados no mesmo estôfo fantástico". Mas por mais que façamos não conseguimos ver naquele homem que dava raquetadas na bola, a imagem daquele magro dr. Carlinhos que dormia guardado por dois rifles.

Uma coisa é o José do Rego esportista, e outra coisa é o José Lins do Rego romancista.

"MOLEQUE RICARDO" E "USINA"

O escritor chega suado à borda da piscina, pega no corrimão da escadinha de ferro e começa a descer lentamente. Experimenta com o pé a temperatura da água e mergulha. Lembra-se então de que está ainda com os óculos. Tira as lunetas, entrega-as ao zelador da piscina e corta a água em braçadas lentas.

Quando ele sai do outro lado com o calção gotejante, perguntamos-lhe, sem malícia:

— Há muito tempo que você pratica a natação?

— Desde quando era menino. Sempre nada muito.

Mas não fomos ali para entrevistar um nadador. Por isto voltamos a falar de literatura. E, para reencetar a palestra, perguntamos:

— E quando escreveu você o primeiro livro?

— Depois dos trinta e dois anos, quando já estava casado.

— E o "ciclo da cana de açúcar" foi escrito pela ordem cronológica?

— Foi. Primeiro escrevi "Menino de Engenho". Depois "Doidinho". "Banguê" veio logo a seguir. Pouco após o seu lançamento "Moleque Ricardo" foi editado.

— E todos eles foram escritos no Norte?

— Todos, com exceção de "Usina", que escrevi quando já me encontrava no Rio, em 1935.

— E Moleque Ricardo — indagamos — é um tipo fictício ou o estudo de um negro verdadeiro?

— Repito que todos os meus personagens têm um pouco de irreabilidade e muito de verdade. Moleque Ricardo existiu, ou existe. Naturalmente não é o meu Moleque Ricardo completo. Este entretanto é uma mistura de vários tipos que fui encontrando pelo caminho.

DO "CICLO DA CANA DE AÇÚCAR" A LIMONADA

Saindo da piscina, José Lins nos convida para chegar à sua residência, que fica em frente ao clube, na rua General Garzon. É uma rua calma, que lembra em tudo o ambiente bucólico de uma fazenda do interior. No centro da via corre um canal, cortado por uma pinguela rústica. Em frente está a casa do escritor, em estilo colonial, com venezianas azuis e flores na varanda.

Entramos. Enquanto esperávamos na sala, José Lins foi à cozinha e preparou uma limonada gelada. Veio o refresco com muito açúcar. Não estranhámos.

NA PISCINA — Depois de algumas braçadas em bom estilo paralbano, José Lins do Rego vira-se de costas e ensaia um novo nado. O fotógrafo bate a chapa: o escritor aparece em póse de campeão depois de vencer "cem metros de costas".

A conversa prosseguiu depois, no escritório do romancista, que fica num mirante, acima do segundo pavimento. E' ali que o escritor tem os seus livros e os seus quadros. Entre estes está uma moldura vermelha envolvendo um pergaminho onde se grava a profissão de fé do jornalista flamengo. E' uma velha crônica publicada no "Jornal dos Esportes", onde o articulista expõe em vários "porques" os motivos que o levaram a abraçar o pendão rubro-negro.

José Lins senta-se ao "bureau" e prossegue sua explanação:

— Como já disse, escrevi "Usina" aqui no Rio. E todos os romances que lhe seguiram foram também compostos nesta cidade.

— E, antes de escrever romances nunca havia feito uma experiência literária?

— Já. Desde os tempos de estudante que escrevia críticas e ensaios para a imprensa periódica. Só iniciei entretanto a minha carreira de romancista depois de 32 anos completos, quando já era casado. Comecei, como já ficou dito, com "Menino de Engenho". A seguir, como uma consequência do êxito do primeiro, vieram numa série lógica os outros romances do "ciclo da cana de açúcar". Vim depois para o Rio e continuei a escrever. Então eu já havia abraçado de uma vez para sempre a profissão de escritor.

— E continuou sempre escrevendo para os jornais?

— Sim. Acostumei-me. Depois comecei a fazer crônica esportiva.

"EU FUI REDATOR DE "A MANHA"

Estava a conversa neste pé, quando José Lins se aproxima do quadro que mostra a sua profissão de fé flamengo. Olhámos para o pergaminho e não pudemos deixar de rir, lembrando-nos das crônicas de "A Manhã" assinadas por José Lins do Rego.

Falámos nisto ao escritor e êle responde:

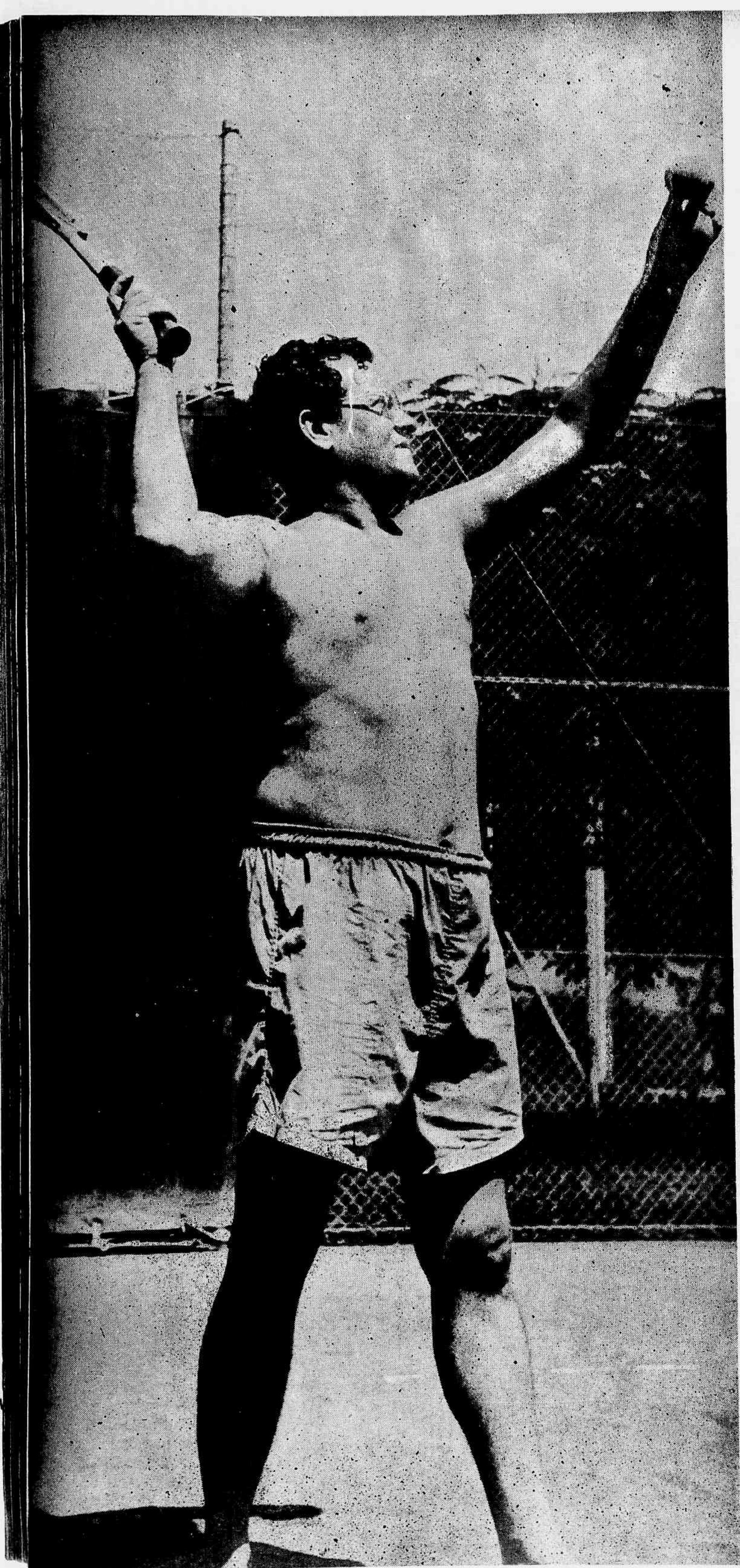
— Aquilo era justamente eu quem fazia. Eu mesmo me chamava de cronista imparcial; os trocadilhos a meu respeito também eram meus. Eu fui redator esportivo de "A Manhã" durante algum tempo. Depois retirei-me. Não sei quem assumiu o meu lugar. Mas a crônica de José Lins do Rego continuou a sair.

— E você se considera de fato um cronista imparcial?

— Relativamente. Mas todos os cronistas são mais ou menos parciais. E não têm obrigação de deixar de sê-lo. Mas eu sou sincero. Nunca neguei que sou flamengo. Flamengo até debaixo d'água. Continuo entretanto, a meu modo de ver, servindo ao leitor das seções esportivas, na medida do possível. Escrevo para o "Jornal dos Esportes" e penso que o público que me lê não tem razão de queixar-se contra o meu partidarismo.

"FLAMENGO ATÉ DEBAIXO D'ÁGUA" — José posa orgulhosamente para o fotógrafo ao lado do pergaminho que lhe foi oferecido por um diretor do Flamengo. Neste quadro está reproduzida a sua profissão de fé de rubro-negro doente. Como nas crônicas de "A Manhã", êle se declara aqui "flamengo até debaixo d'água".





A VOLTA DO ROMANCISTA

— Mas as suas atividades de cronista esportivo não impedem com certeza que você continue a trabalhar como romancista? — foi a nossa pergunta.

— Não — responde José Lins do Rego. — As minhas atividades de cronista esportivo são parte de minha profissão de jornalista. Continuo porém a escrever ensaios e críticas para os jornais.

— E romance? — insistimos.

— Ainda não dei por encerrada a minha carreira de romancista. Estou agora escrevendo uma nova história que deverá ser editada sob o título "Cêrca viva".

— Qual o assunto do livro? Poderia nos informar por alto?

— Trata-se do estudo de uma obsessão. Uma idéia fixa do personagem central que serve de argumento para toda a trama do romance.

— E também se passa no Nordeste este romance?

— Não. A ação desenvolve-se numa pequena cidade do Estado do Rio. Aliás, dos meus últimos livros nenhum tem a sua ação desenvolvida na região onde nasci.

— Quer dizer que não pretende escrever mais sobre o Nordeste?

— Teria muito gosto. Mas como estou agora no Rio e os meus romances precisam de ambiente real, escrevo sobre as coisas e as pessoas daqui.

— E não quer voltar à sua terra?

— Querer quero. Mas infelizmente não posso. Adoro o Nordeste, amo imensamente a Paraíba. Mas agora já me é impossível abandonar o Rio de Janeiro. Aqui já me aclimatei, aqui tenho os meus afazeres, minhas filhas foram criadas aqui. Mas, apesar de tudo, a saudade da Paraíba me acompanhará sempre.

E dizendo estas palavras José Lins do Rego suspira longamente. Parece que a imagem do menino de engenho volta a viver em sua mente.

REGIME PARA EMAGRECER

Agora voltamos a conversa para outro rumo. Falamos sobre a função do esporte na vida. E a nossa primeira pergunta é:

— Há muito tempo que você pratica esportes?

— Não digo que pratique esportes há muito tempo. Mas sempre gostei muito de nadar. Agora jogo tênis também. Todas as manhãs me entrego a exercícios pesados.

— E faz isto por prazer, ou apenas para desenvolver os músculos?

— Não. Faço apenas para emagrecer. Este é o meu regime. Muitos médicos aconselham hoje os exercícios físicos como o único meio de emagrecimento higiênico. Aliás eu nunca me sujeitaria a um regime alimentar. Mas estou ficando gordo. E não quero ficar obeso. A vida sedentária do escritor termina sempre dando-lhe a barriga, que se não é da prospe-

TENISTA NAS HORAS VAGAS — José Lins do Rego todas as manhãs dirige-se à ilha do Piraquê, na Gávea, para dar prosseguimento ao seu regime de emagrecimento. Vemo-lo nesta gravura quando preparava um saque magistral.

ridade pelo menos é da glória. Prefiro ficar sem este símbolo da glória e da prosperidade. Por isto é que eu estou sempre pela manhã na piscina e na quadra de tênis da ilha do Piraquê.

— E durante a tarde? Permanece com certeza fechado aqui no escritório entregue aos trabalhos de "Cêrca viva"?...

— Não. À tarde, isto é, do meio dia em diante sou um homem do trabalho. Estou na rua, entregue aos meus afazeres de jornalista e de escritor. Corro as livrarias, procuro os editores, vou às redações, escrevo minhas crônicas. A última badalada do meio dia marca o fim de meu dia esportivo.

Compreendemos muito bem o que queria dizer José Lins do Rego. O relógio marcava doze horas. Dali por diante ele seria o escritor. O esporte estava guardado na ilha do Piraquê, esperando a manhã seguinte. A tarde era para a literatura, para as crônicas escritas às pressas sobre as mesas das redações atulhadas de telegramas das agências telegráficas e fotografias de polícia. A tarde era para as palestras elevadas à porta da José Olímpio, sobre Wilde e Maximo Gorki. Mas se alguém da roda levantasse a voz contra o Flamengo, aí voltaria a viver dentro de José Lins do Rego a combatividade e o ardor rubro-negros.

JOSÉ LINS DO REGO NA VOZ DO POVO

O povo, do qual sem dúvida fazem parte os críticos profissionais e os críticos gratui-

tos, julgam de diversas maneiras o romancista José Lins do Rego. Muitos têm-no como o maior escritor brasileiro vivo, outros são do partido de Jorge Amado ou de Erico Veríssimo. Outros dizem que ele está em decadência, desde os tempos saudosos de "Banguê".

Vêm finalmente aqueles que afirmam ser José Lins do Rego o homem que foge de si próprio e faz o que não quer fazer. Não é muito raro encontrar quem diga que ele escreve crônicas esportivas por cabotinismo e demagogia. "Para se tornar popular", explicam. cremos porém que José Lins do Rego é sincero. Sincero no seu entusiasmo pelo Flamengo, sincero na sua paixão pelo tênis, sincero na sua persistência na natação. Pensamos que não pode deixar de ser sincero também o homem que declara doidinho a sua própria imagem. Este homem, que afirma ser um personagem cheio de defeitos a sua personificação literária, não pode deixar de ser sincero. O homem que deixa a sua alta posição de membro da sociedade anônima que governa as letras nacionais para escrever crônica esportiva, não pode deixar de ser sincero. Um homem que faz a força que ele fez para atravessar a piscina da ilha do Piraquê, não pode deixar de ser sincero. Daquele esforço é que se fazem os grandes atos de heroísmo. E quando ele não fôsse mais nada, teria a seu crédito a grande virtude de sua fidelidade e disciplina partidárias: Flamengo até debaixo d'água.



ANTES DO SALTO — Do alto do trampolim o escritor olha a água da piscina que se agita mansamente lá em baixo. Vista do alto, a piscina parece estar a mais de vinte metros de distância do saltador. Mas não há um minuto de indecisão. O "sportman atira-se ao tanque.

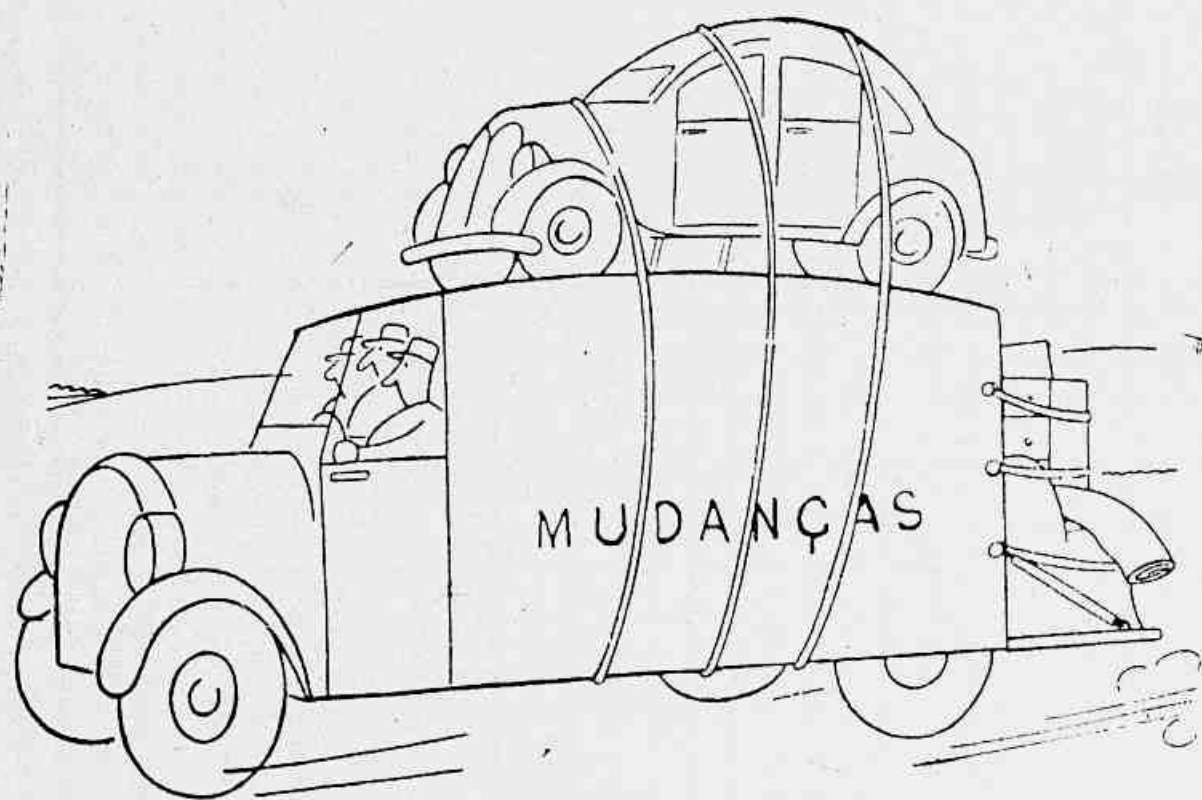
MEIO DIA — Mal soam as badaladas das doze horas, cessa a vida de José Lins do Rego esportista, para começar a vida do escritor José Lins do Rego. Ele se despede da esposa e das filhas e desce para a cidade. Conversa com os amigos na rodinha da José Olímpio, escreve artigos para os jornais. Mas se alguém fala no Flamengo, desaparece o escritor e o torcedor faz sua "rentree". Na foto abaixo aparece o momento de transição, quando o escritor se despedia da família para se dirigir ao trabalho.



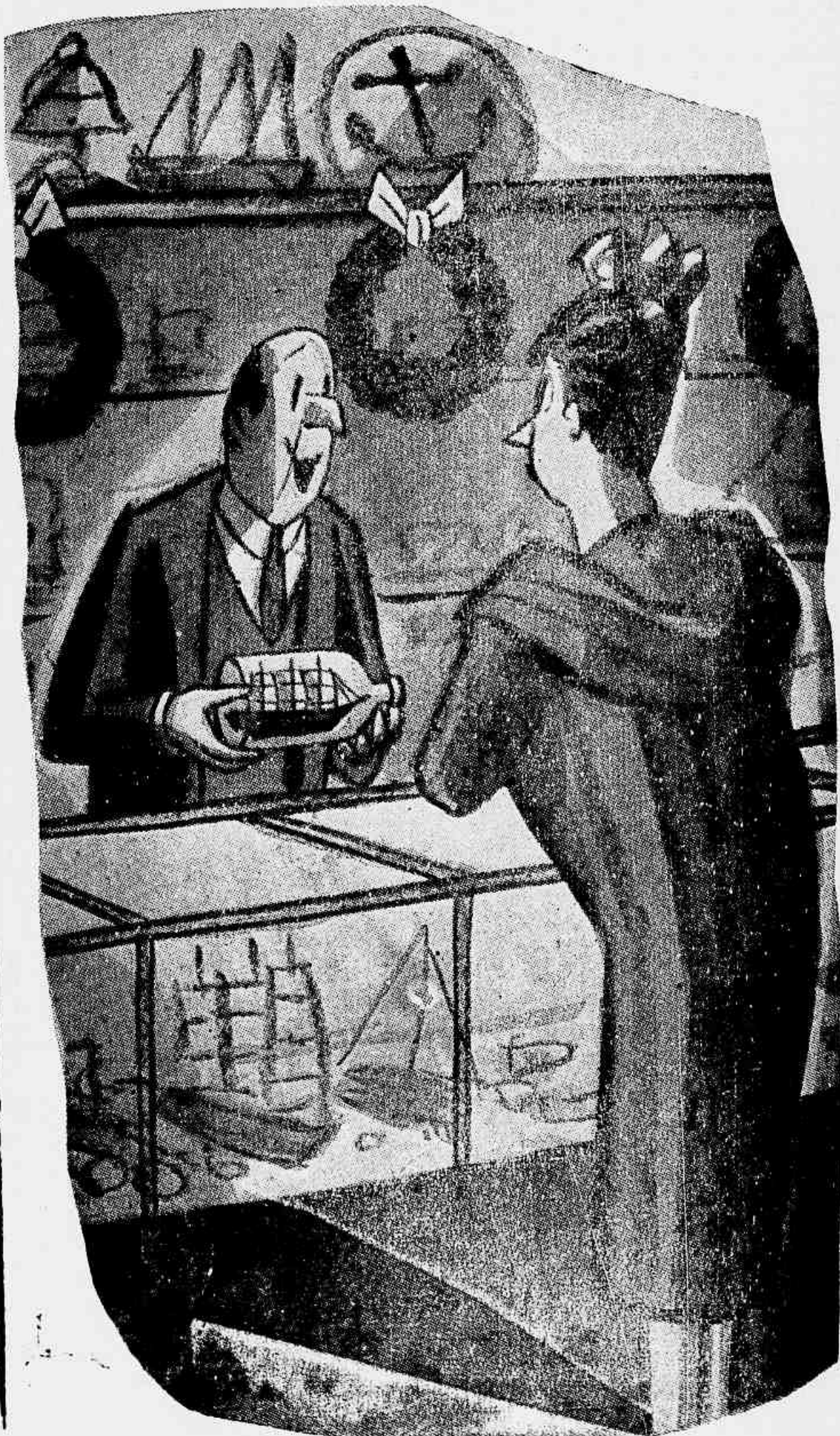
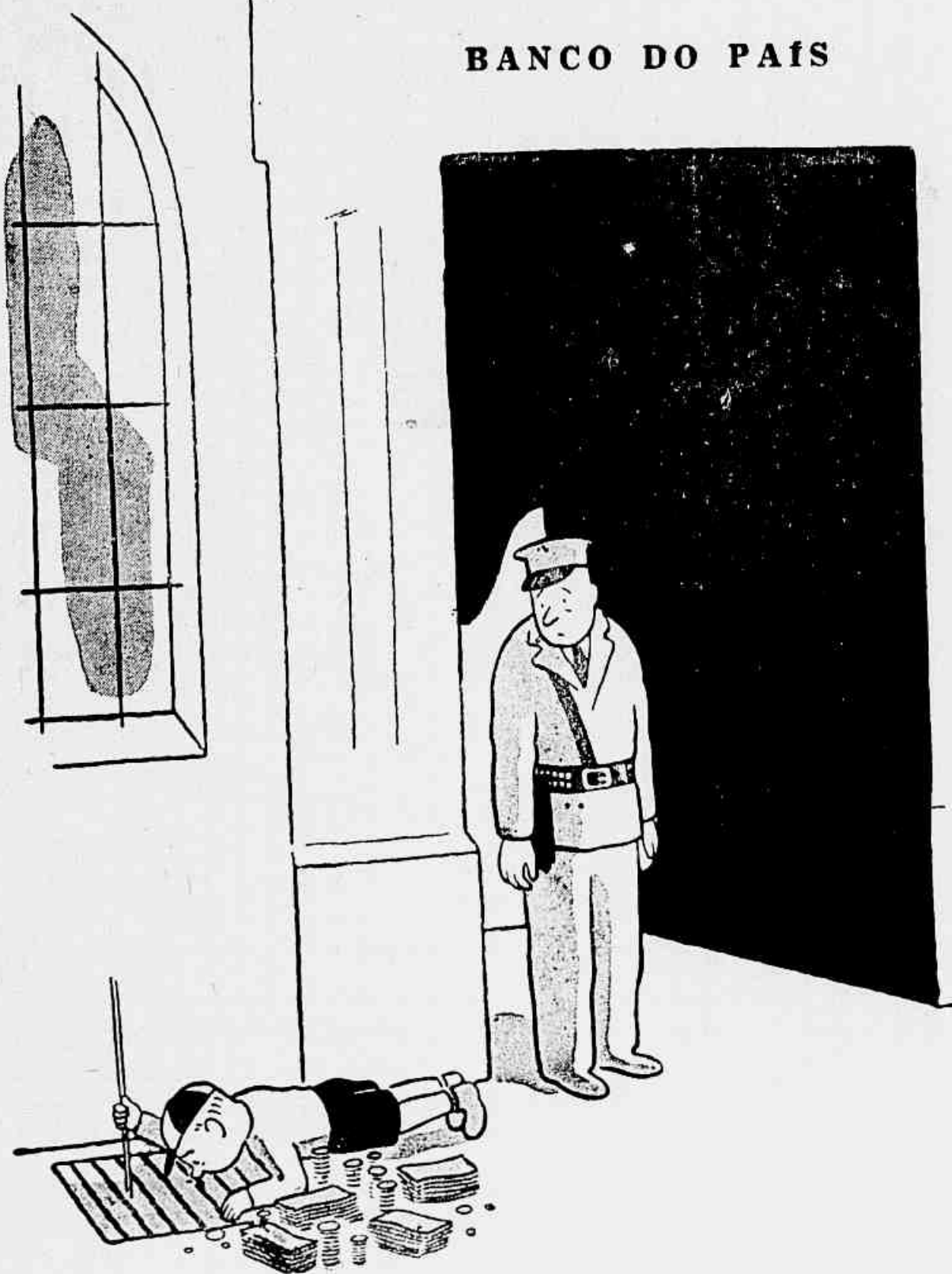
DE BOM HUMOR



— Depressa, depressa! Um "habeas-corpus", por favor!



BANCO DO PAÍS



— São Cr\$ 150,00 pelo barquinho e mais Cr\$ 1,50 pelo depósito



CONSELHO DE FAMÍLIA

A cena passa-se em 1929.
A casa está tôda em reboição; o enceramento do assoalho, mudança de cortinas, lavagem de louça e das lâmpadas elétricas absorveram todo tempo de d. Maricota.

Continuos vai-vens das filhas da cozinha para a sala de jantar, inúmeros pratos extraordinários, doces variados atestam que alguma coisa de extraordinário vai passar-se.

A mesa está pronta para o jantar.

O sr. Manduca regressa do armazem cansado, esfalfado pela

labuta do dia e, notando aquela azáfama que não é comum, pergunta assombrado:

— Maricota, que novidades temos? Alguma visita de cerimônia ou aniversário?

— Pois você não sabe? Esquecia-me que tudo isso é surpresa para você. O dr. Jaques vem hoje pedir nossa filha em casamento.

— Qual delas? Ritinha? Mas Ritinha já vai casar? Está muito môça...

— Não, Ritinha fez vinte e cinco anos e está em idade de casar; já se namoram há dois

CLASSIFICADO NO CONCURSO DA "REVISTA DA SEMANA"

Conto de
VALERIO HOFILI
Ilustração de
ARMANDO MOURA

anos; fui apresentada a êle: é rapaz de muito boa família.

— Por isso é que inúmeras vêzes telefonei para aqui e o telefone estava sempre em comunicação; telefone é para recado ligeiro; levam essas meninas o dia inteiro agarradas ao telefone... Creio até que conheço êsse camarada, pois já o vi rondando à porta daqui de casa; é um sujeito comprido como dia de fome, de pince-nez e careca...

— Aquilo não é calvície: é testa larga, indicando inteligência.

— Sempre tive esperanças que Ritinha casasse com o Fagundes...

— O Fagundes do armazem? Deus me livre de semelhante homem para marido de nossa filha! E' surdo, burro e malcriado.

— Qual burro, qual nada. Escreve com alguns erros, mas é bem inteligente; tem um tino

para negócio como tu não fazes idéia. Cada dois quilos de banha na mão dêle rende três quilos. E além disso tem umas economias na Caixa Econômica, perto de seis contos... E era o marido que convinha.

— Qual o que, Manduca; o dr. Jaques é rapaz inteligente e ha-de dar bom marido. Dizem até que êle sabe muito bem topografia e faz "prantas" bem feitas...

— Isso de saber "fotografia" não é vantagem, porque nunca cursei a Escola Politécnica e tenho tirado boas fotografias.

Intervem o Joãozinho, lembrando-se dos picolés que tinha abiscoitado:

— O dr. Jaques é muito inteligente e muito generoso...

O sr. Manduca repreende-o:

— Ó moço, cuide de seus estudos; as crianças não se intrometem na conversa dos mais velhos.

D. Maricota prossegue a defesa do futuro genro:

— Também não pode exigir-se muito de quem está começando a vida. O rapaz tem um anel tão bonito...

— Olha, Maricota, isso de di-

(Continua na pág. 17)

UMA VISITA ÀS ILHAS SCILLY

Especial do B. N. S.,
para a REVISTA DA
SEMANA



CÊRCA de vinte e sete milhas a sudoeste da extremidade mais oriental da Grã-Bretanha, Land's End — a estreita faixa de terra que se projeta no Atlântico — é constituída por um grupo de ilhas rochosas. Entre elas e o continente o mar se agita tão furiosamente que muitas vezes é impossível se efetuar a travessia de barco. Mas no início da primavera, em fins de janeiro, um pequeno vapor inicia o seu serviço regular transportando uma preciosa e frágil carga. Trinta a quarenta toneladas aproximadamente de flôres colhidas recentemente — narcisos de tôdas as variedades — são transportadas em cada viagem para o continente.

Foi por volta de 1870 que Augustus Smith, então Lord Proprietário das Ilhas Scilly, fez a descoberta de que devido ao clima, a um tempo ameno e úmido, os narcisos brotavam nas ilhas semanas mais cedo do que acontecia no continente, na Holanda ou nas ilhas do Canal. As plantações de flôres são pequenas e são transmitidas de pai para filho. Atualmente cerca de noventa por cento dos 1.800 habitantes das ilhas se mantêm com o lucro proporcionado pelo cultivo das flôres. Tôdas as plantações estão reunidas sob a "Scilly Isles Bulb and Flower Organization", fundada em 1895 e provavelmente a mais antiga federação de cultivadores de flôres do mundo.

Diversos pesquisadores investigam os problemas relativos ao crescimento das flôres e existem cerca de dezesseis estações experimentais nas quais são postos em prática diversos métodos de cultivo. Os "solidors" (a pronúncia correta, deturpada pelos insulares, é "soleil d'or") são uma variedade de narcisos em que se especializaram os cultivadores. Mas os narcisos "fortuna" constituem os melhores espécimes plantados nas Ilhas. São o resultado mais recente do cultivo científico.

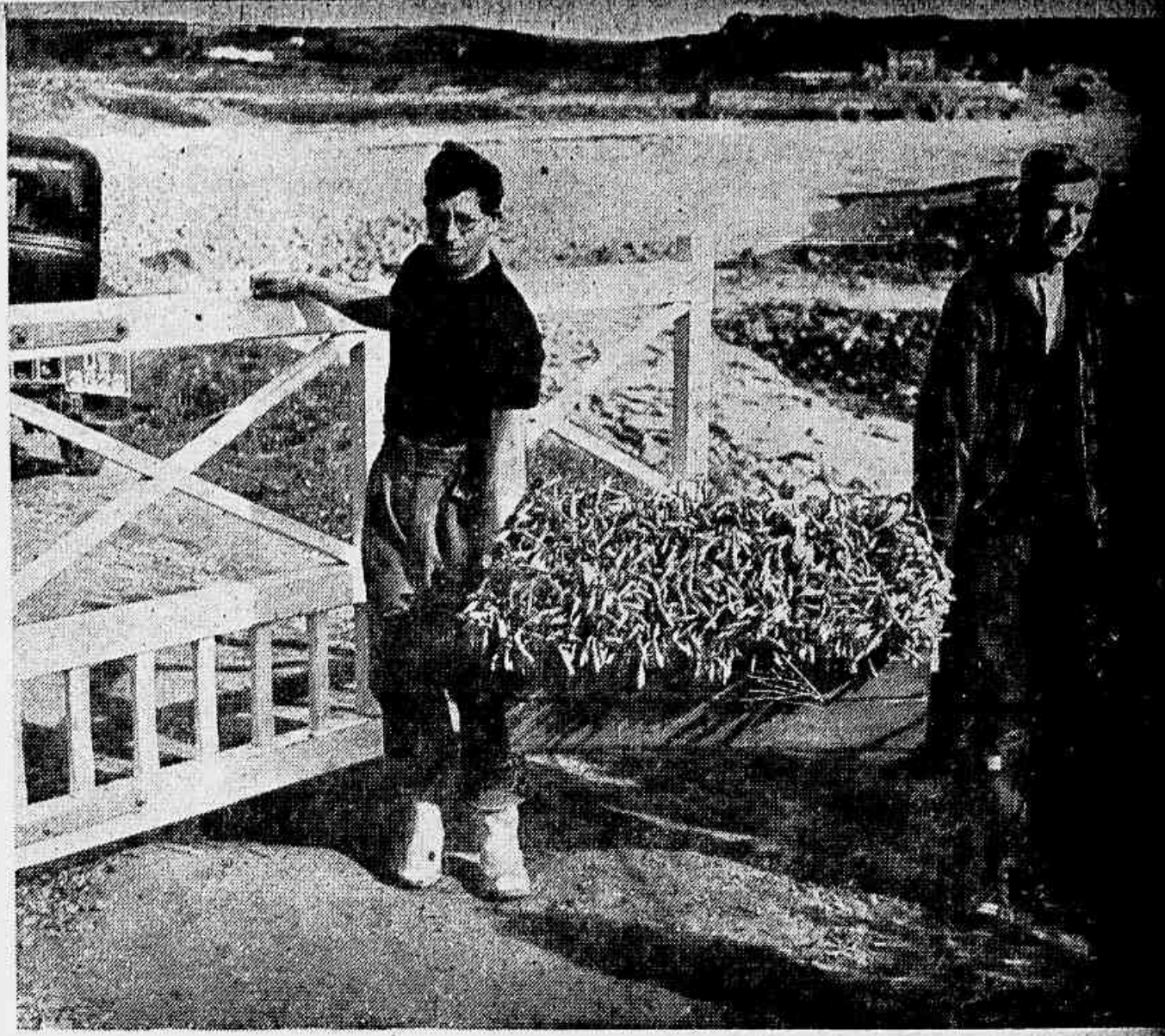
As flôres são colhidas antes de terem desabrochado completamente, desta forma quando chegam a Covent Garden — o mercado de flôres de Londres — ostentam tôda a sua beleza.

O vapor "Scillonian", de propriedade das Ilhas, é carregado em St. Mary, a maior das quarenta ilhas. Os visitantes também podem fazer a travessia a bordo do "Scillonian", mas o percurso pode ser vencido por avião em apenas vinte minutos. O "trem das flôres" para Londres funciona três vezes por semana, partindo da estação Penzance.

Quando os insulares começaram a cultivar flôres, exportavam sessenta e cinco toneladas anualmente. Hoje, 1.100 a 1.200 toneladas de flôres são exportadas todos os anos. Mesmo com os rigores da guerra, as Ilhas Scilly jamais deixaram de abastecer os mercados londrinos com lindas e primaveris variedades de flôres.

Ao alto — Vista aérea das ilhas Scilly, o paraíso perdido no meio do Atlântico, entre a Grã-Bretanha e o continente. Em baixo — Um dos jardins de Scilly.

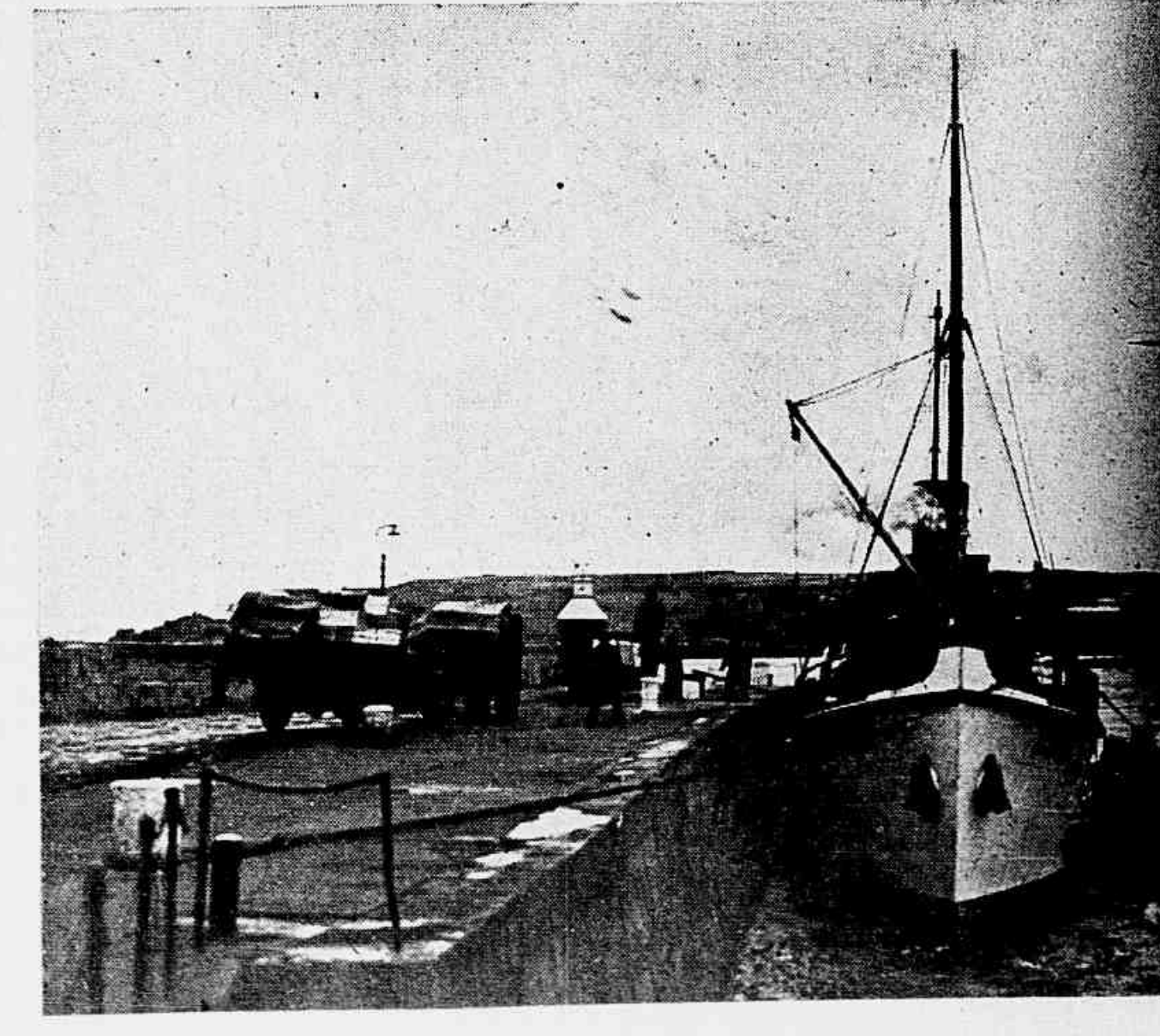




A esquerda — Uma das culturas de narcisos, que constituem a base da agricultura das ilhas, vendo-se dois técnicos colhendo mudas de um dos campos experimentais. A direita — Dois dos agricultores empregados nos vastos campos de cultivo de flôres, trazem para fora da plantação a sua colheita. As flôres de Scilly são famosas tanto na Inglaterra como em todo o continente europeu.



Nestas quatro fotos podemos ver, em sequência da esquerda para a direita e do alto para baixo: a colheita da primavera numa das estufas de uma estação experimental; um canteiro dos célebres narcisos "solidor" (corruptela da expressão francesa "soleil d'or"), em que se especializaram os floricultores de Scilly; afim de seguirem para os mercados de Londres, as flôres são acondicionadas em caixas especiais; O "Scillonian" atracado ao cais; este vapor serve somente ao comércio de flôres de Scilly.





ECOS DO CARNAVAL

EMBORA bem mais frio que nos anos anteriores, o Carnaval de rua telmou em existir. Não faltaram na Avenida e nos bars os tipos característicos que fazem a alegria dos foliões e o terror da garotada, com suas carantonhas disformes e sua voz rouquenha.

Também houve, como sempre, os tradicionais bebês chorões, passeando pelas ruas e dizendo as mesmas gracinhas que os seus pais usavam em 1905. Houve hawaianas belíssimas, sambando e pulando sobre o asfalto, metidas em suas roupas edênicas.

Mas, de um modo geral, podemos dizer que o Carnaval se recolheu aos clubes, restringindo-se aos salões, onde reinou uma animação nova e mais viva.

Mas os foliões acostumados à folia ao ar livre telmaram em permanecer ao relento, fazendo explodir sua alegria em canções vulcânicas e danças atômicas.

Tivemos o samba anônimo ganhando força e se fazendo, cantado por milhares de bôcas, alguns minutos depois de ser cantado pela voz isolada de seu autor:

"Ai, ai, meu Deus!
Tenha pena do meu penar!..."

Tivemos o frevo, o passo velho e gostoso do Norte trazido para a cidade pelo bloco dos "Vassourinhas".

E tivemos por fim a marchinha que reabilitava a mulata, depois de 15 anos de ostracismo:

"Mulata, deusa do meu samba,
Rainha do meu Carnaval!..."

Nesta página, três aspectos do Carnaval que se fol, o Carnaval da Vitória, o Carnaval dos salões, o Carnaval do Rei Momo, cada vez mais vencido pelo Cidadão Samba.





Nesta página reproduzimos alguns grupos de foliões e flagrantes feitos no Automóvel Clube do Brasil, durante os bailes carnavalescos ali realizados, aos quais compareceu grande massa de súbditos de Momo. Em cima, um grupo de alegres adolescentes posando para a objetiva da REVISTA DA SEMANA. Em baixo, dois blocos de pequenas foliões que animaram as matinées infantis do Automóvel Clube do Brasil.





Um dos redutos de Momo onde mais animados estiveram os seus folguedos foi o Clube de Regatas do Flamengo, que abriu os salões de sua sede social para receber os foliões da elite em notáveis noites e animadíssimas matinées. Da vespéral infantil que teve lugar nos jardins do elegante clube da praia do Flamengo são as cinco fotografias que reproduzimos nesta página e que nos mostram os alegres foliões liliputianos que enfeitaram a linda festa.





NOS BASTIDORES F E M I N I N O S

PENSO, querida amiga, que a sua pele está precisando de um repouso. Com certeza, nestes dias de Momo, você também resolveu comemorar o Carnaval da Vitória e, preocupada com os folguedos, nada mais fez senão aplicar camada sobre camada de "rouge" e "bâton", pouco se importando com os resultados que daí poderiam advir.

Agora, sua pele deve estar tão cansada que naturalmente está precisando de cuidados especiais. Aproveite os últimos dias desta semana ou tire dois dias da próxima semana para dedicar-se à sua pele. Comece o tratamento à noite, antes de deitar-se, limpando o rosto com um pedaço de algodão embebido em água e um bom tônico, acrescentando ao mesmo um bom creme de limpeza. Em seguida, aplique fartamente o seu creme favorito, e ao redor dos olhos um creme especial, mais fino do que o primeiro. Pela manhã, lave o rosto com água morna e sabão e mais uma vez aplique o creme lubrificador.

Alimente-se de preferência com legumes e frutas nesses dois dias, pois a dieta muito auxiliará o seu tratamento de repouso e beleza.

Deitada num quarto escuro, coloque sobre os olhos compressas de água boricada.

À noite e na manhã seguinte repita o mesmo tratamento, e já na terceira manhã, quando precisar sair, substitua o creme lubrificador por uma "base", fazendo então o seu "make-up". Dê preferência às cores claras tanto para os lábios como para as faces e os olhos; use apenas um pouco de vaselina ou outro preparado que já possuir para esse fim.

Com dois dias apenas de tratamento, a sua pele e, consequentemente, você perderá esse ar de quem passou noites em claro, dançando, cantando e pulando e, querida amiga, a sua beleza estará novamente "em forma". — Kitty.

NAOMI SCHER (Metro)

DIAS DE 1816

A 31 de julho de 1866, em sua casa apalaçada à rua Nova do Conde, o conselheiro Zacarias de Góes e Vasconcelos recebia chamado especial. Vinha Do Alto, do Homem de S. Cristóvão, expressões com as quais os políticos da época designavam o Imperador.

Na véspera do chamado falecera em massa mais um ministério, o 12 de maio de 1865. A política é de óbitos e de cemitério e nesta uns ressuscitam, outros nunca.

O aviso dirigido a Zacarias para visita a palácio, era do punho do marquês de Olinda, chefe do recém-falecido e parlamentar 12 de maio.

Por costume o presidente do conselho demissionário prevenia o seu provável substituto da urgência de ir a S. Cristóvão. Aí o esperava o imperador em geral tendo já consultado os presidentes do Senado e da Câmara sobre crise determinando mudança de governo ou de situação política.

Ir a S. Cristóvão, pela posição de sua casa, no fim da hoje rua Frei Caneca, era para Zacarias meio caminho andado.

Incumbido por D. Pedro II da organização de gabinete, Zacarias relutou em aceitar fardo de poder, que por três vezes suportara.

O imperador insistindo no convite, obrigou Zacarias a três viagens a S. Cristóvão. Na noite de 2 de agosto de 1866, à vista da instância imperial e consultados correligionários liberais, Zacarias apresentou à corôa os nomes de seis colegas de ministério.

A Paranaguá, Martim Francisco, Fernandes Torres, Ferraz, Afonso Celso e Dantas entregara Zacarias as pastas da Justiça, dos Estrangeiros, do Império, da Guerra, da Marinha e da Agricultura, reservando-se Zacarias a pasta da Fazenda.

Ministros de Estado pela primeira vez tornaram-se Martim Francisco, Afonso Celso e Dantas. No gabinete 3 de agosto de 1866 conservava Ferraz a pasta da Guerra a ele confiada no ministério Olinda.

Segundo práticas parlamentares, explicados ao poder legislativo a sua organização e o seu progresso de governo, o ministério Zacarias entrou em trabalhos sérios.

O mais urgente e grave era o de providenciar a respeito da guerra do Paraguai em curso desde 1864 e para cúmulo de males emendada com outra guerra, a do Uruguai, devida às eternas caudilhagens platinas.

Assomado ao governo, o 3 de agosto de 1866 encontrara a guerra assinalada de pouco por vitória magna de Osorio em Tuiuti. Um mês justo após a organização do gabinete, Porto Alegre tomava Curuzú. Infelizmente, a 22 de setembro de 1866, Porto Alegre, associado a Mitre, levava a culpa do desastre de Curupaiti. Desastre para Lopez único sorriso de vitória na campanha da Tríplice Aliança movida contra El Supremo pela bajulação superno a Cristo, bajulação de crê ou morre, por parte de turbuladores do pior.

O Duque de Caxias



Lançando-se à batalha, em Curupaiti, antes de insucesso de Caxias em Ipororó, Porto Alegre, sexagenário, teve a farda crivada de balas, saindo ileso, a morte respeitando-lhe na coragem vida gloriosa.

Curupaiti ocasionou grandes repercussões, uma no coração do Brasil, outra na torva alma de Lopez. Repercussões de natureza bem oposta, uma pungitiva, outra de passageiro ânimo recobrado.

A publicação em Londres do tratado da Tríplice Aliança avivou dileção por Lopez. Tal dileção, por portas abertas ou travessas, fôra manifestada sempre pelo bloco da América Espanhola co-irmã do Paraguai.

Venezuela, Equador, Colômbia, Chile encarregaram o Peru de falar por todos, oferecendo mediação para termo de guerra julgada injusta. Não se esqueceu o procurador de invocar o Direito das Gentes, pobre Direito, tanto em cena quanto esquecido quando se o devera aplicar a bem humano na poupança dos povos sangrados a valer.

A resposta do governo brasileiro foi de agradecida recusa a bons ofícios e na delicadeza talvez de ponta irônica. Prêso a um tratado de aliança, dêle se não destacaria o Brasil sem consulta aos seus aliados. Em 1866 os tratados ainda eram papel e não farrapos dêste. Ficaria isto para mais tarde e para maior bazófia de civilização.

Nossas forças no Paraguai ressentiam-se no momento das dualidades de comando de Polidoro e Porto Alegre, Flores e Mitre também nada acordes, embaraçados por desordens no Prata, afinal Mitre quedando em Tuiuti e Flores seguindo para Montevidéu, onde o esperava o assassinio para lhe dar a viagem da qual ninguém volta.

Pouco antes do malôgro de Curupaiti, Lopez tentara negociações de paz, mas a conferência para tanto em Itaiti-Corá deu em nada. Polidoro excusou-se, Flores compareceu, mas não tardou a ir embora, Lopez a sós com Mitre para confabulação realizada quitemente, com a presença de um só de três convidados.

A 11 de setembro de 1866 a malograda conferência, a 22 de setembro o desastre de Curupaiti.

Tendo a Inglaterra perdido Calais, Maria Tudor morreu dizendo que se lhe abrissem o coração nele encontrariam escrita a palavra Calais. Tal afirma tradição.

Aculeado pelo revés de Curupaiti, o coração do Imperador do Brasil não chegou ao extremo da rainha inglesa, mas que alma a dentro sentiu a maior dor isto é incontestável.

Prova-o todo o esforço para desafogar-se, desafogando outro coração, o da pátria, atingido pelo desastre. E dia a dia a loirice dos cabelos de Pedro II passava a prematura canícia.

Mais do que nunca, após Curupaiti, o Homem de S. Cristóvão pensou num Homem de Guerra. Propôs-se a enfeixar-lhe nas mãos as forças divididas por vários comandos no Paraguai. Se dividir é reinar, concentrar é vencer, e o imperador não teria esquecido os benefícios da sua presença suprema em Uruguiana.

D. Pedro II não tinha muito que pensar. Para comando único Caxias se impunha. Impô-lo, porém, ao ministério 3 de agosto e sobretudo nele a Ferraz, nisto estava o buafis.

Zacarias não tinha queda por Caxias, Ferraz nenhuma. Ele e Caxias viviam mais que de ponta.

Para chamar Caxias a comando único, o imperador teve de abrir campanha, a sua posição não a consentindo aberta. Cabia poupar o melindroso Zacarias, o pirônico Ferraz, as susceptibilidades do partido liberal, que em Caxias general enxergava Caxias o conservador.

Não podia o imperador ferir de frente, obrigado a limar dificuldades. E as foi limando até convencer geralmente, ao menos na aparência.

Zacarias chamou seus colegas de ministério a reunião e conselho. Que pena não fôsem taquigrafadas as palavras da reunião, sobretudo as de Zacarias expondo as razões da premência da nomeação de Caxias para comandante em chefe. Mas reuniões da natureza da assinalada conferência do 3 de agosto são por si mesmas sigilosas. Quando muito passam a pósteros por meio de Memórias, sempre bem poucas no Brasil, onde tudo se esquece e ninguém se inutiliza, conceito atribuído ao último Rio Branco.

Levou Zacarias, oficialmente, ao conhecimento de colegas de ministério delicada situação, impossível de procrastinar. Mas Ferraz, ministro da Guerra, referendaria nomeação de Caxias? Caxias serviria com Ferraz ministro da Guerra, com ele, neste caráter, já se tendo espinhado em Uruguiana? Eis o que perplexionava os membros do 3 de agosto.

Ferraz, alegando enfermidade, não comparecera à reunião ministerial. Incumbiu Zacarias os ministros Dantas e Martim Francisco de visitarem Ferraz, portadores da seguinte carta indívilgada talvez ainda e de espada aos peitos:

"9 de outubro de 1866.

Ferraz

As notícias do Rio da Prata obrigam o Gabinete a tomar a resolução de convidar um general que allí tome o commando de nossas forças.

O general que eu e os colegas entendemos que deve ser convidado é o Caxias. M.to sinto o incommodo que o privou de cá vir e não podendo ir pessoalmente consultar a sua opinião, peço aos nossos colegas Dantas e Martim Francisco que lhe vão dar conta do ocorrido e por elles aguardo na Secretaria d'Agricultura a sua resposta.

Sou seu primo e am.º

Z. G. Vasconcellos."

Dantas e Martim Francisco deixaram a casa de Ferraz, na rua de S. Pedro, com um previsto não, acompanhado por um pedido de demissão. Este de fato resolvia muita coisa, satisfazia o Imperador, resguardaria o ministério, abria caminho e pronta solução serenava a opinião pública. O não de Ferraz facilitava o sim de Caxias.

Veu o sim, o calmo Paranaguá, amigo de Caxias, tomou a pasta da Guerra, Martim Francisco trocou a dos Estrangeiros pela da Justiça, antes com Paranaguá, Sá e Albuquerque ministro novo, dos Estrangeiros.

Ferraz não sobreviveria muito ao não de 1866. A 19 de janeiro de 1867 morria em Petrópolis. O barão de Uruguiana não veria duque o marquês de Caxias.

A MASCARADA

conto de BARTON JAMES

SKY sentou-se perto da janela, abriu o livro mas não começou logo a lê. Limitou-se a gozar durante alguns minutos o bem-estar que lhe proporcionava aquela calma. Lá fora, êle via a multidão enchendo as ruas, com suas fan-

na idade de se aventurar naquela multidão, procurando aventuras. Ao completar quarenta e cinco anos, decidira que

lou-se confortavelmente na velhice, assim como se ajeitara confortavelmente naquela poltrona, e achou como ocupação principal e condigna do personagem que resolvera criar uma única mania: estudar os seus semelhantes. Dedicou-se à psicologia que, como todos sabem,

tando um ardor que os anos já deveriam ter amainado, êle fugia, fugia desavergonhadamente, porque ceder à tentação de mais um flirt, mais uma aventura, seria negar todo o perso-



tasias multicores. Ruído de gaitas, canções trauteadas alegremente — o famoso carnaval de Nova Orleães... Sky acomodou-se mais confortavelmente e suspirou. Já não estava mais

era velho. Largou todos os hábitos da mocidade, inclusive o esporte, convencido de que não ficava bem para sua compostura de ancião, o box, que êle praticara até aquela idade. Insta-

é um ramo da filosofia — eis aí uma preocupação adequada a um homem de minha idade. Quando Sky encontrava na rua uma mulher formosa e o coração batia mais depressa, deno-

nagem, velho, gorducho e maneiroso, que êle criara para se instalar dentro dêle, evitando os trancos da vida... Eis aí, em breve resumo, Sky.

Eu, um livro e uma poltrona eram suas ambições naquela noite de arnaval. Não! Faltava uma coisa. Um copo com uis-que, indispensável a todo velhote que se preza: é destino inevitável dos anciãos sofrer de gota e gostar de uisque. Acrescentemos portanto um copo de uisque e teremos o quadro aca-

(Continua na pág. 35)

UMA MULHER COMO AS OUTRAS

Por KITTY LAWRENCE

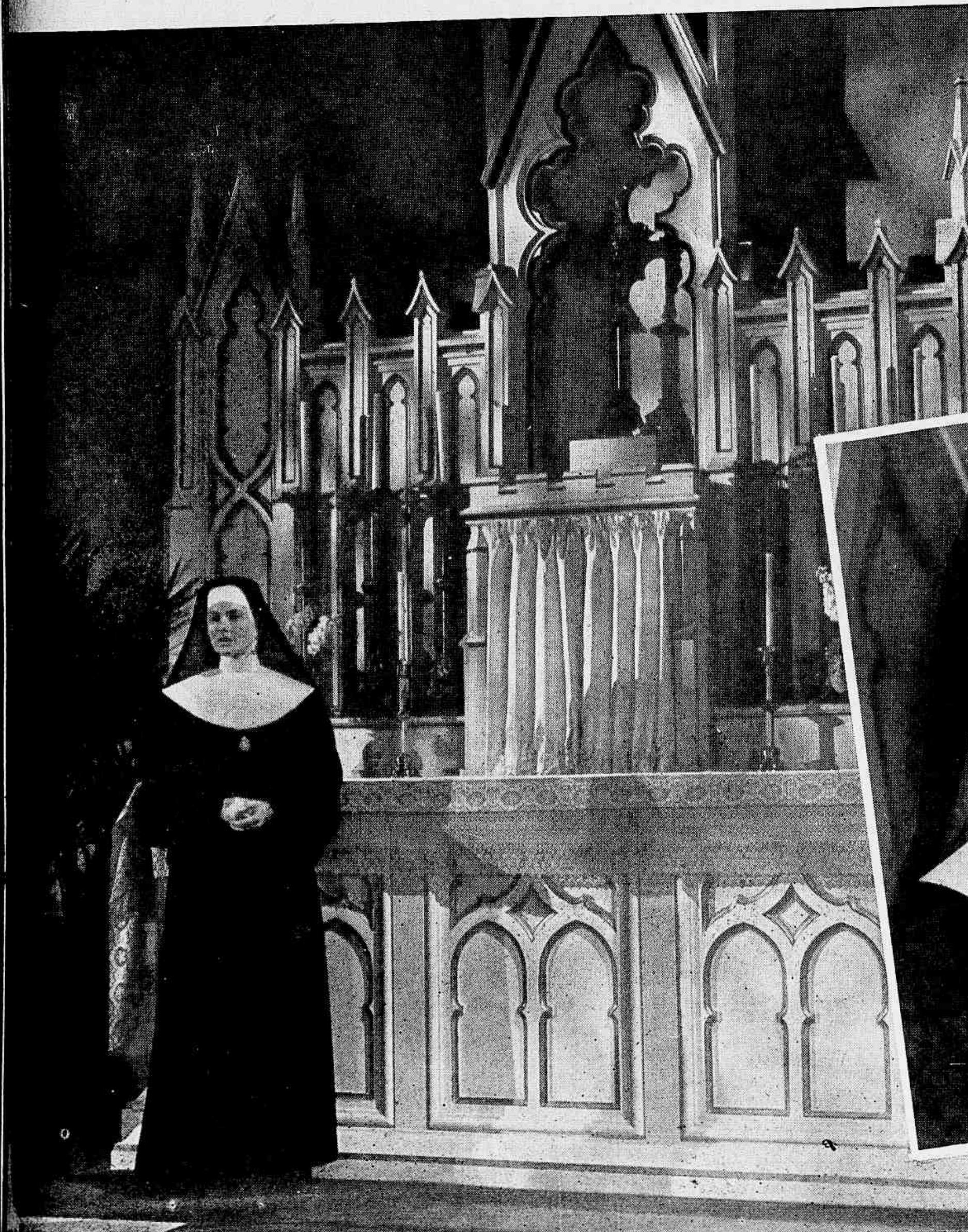
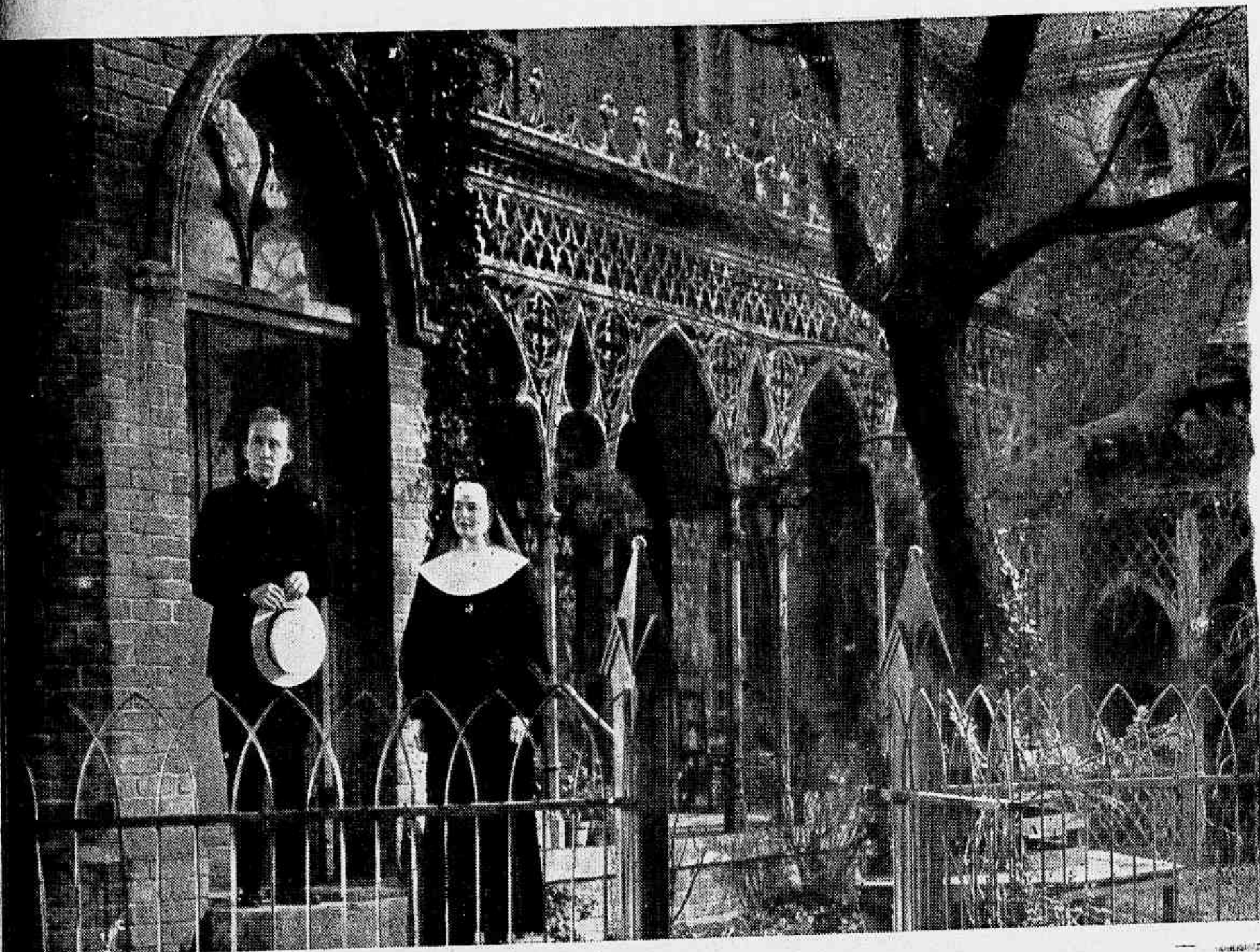
Quando fui convidada a comparecer ao estúdio da RKO RADIO, onde Ingrid Bergman terminava as últimas cenas desse já tão esperado "Os Sinos de Santa Maria", ia certa de encontrar uma mulher bonita, mas tal qual uma estátua; uma mulher que me olharia com ares de rainha e que se chegasse a falar comigo, não perguntaria "como vai?". Seria enfim uma mulher digna e austera.

Mas, meus amigos, como eu estava enganada! A primeira coisa eu vi, ao entrar no "set" onde a grande atriz se encontrava com Bing Crosby e algumas crianças, bastou para que a minha opinião mudasse; Ingrid acabava de ouvir Bing numa boa piada e ria estrondosamente. Fiquei um tanto confusa e foi nesse estado que entrei no camarim da "estrêla" para uma longa palestra; logo depois era ela chamada para outra cena e pude ver como é grande a sua arte.

Ingrid estava bonita no seu traje de freira, e sua beleza nada tinha de inacessível; notei logo que tôdas as pessoas do estúdio a estimavam. Contaram-me que rara era a semana em que ela não organizava pelo menos duas festas, oferecendo doces e sorvetes às crianças que também trabalhavam no filme. Certo dia, um dos diretores chegando ao estúdio, perguntou à Ingrid: "O que é que vocês comemoram hoje?". Sem pestanejar, a "estrêla" respondeu: "Não sei; ah! sim, é terça-feira!"...

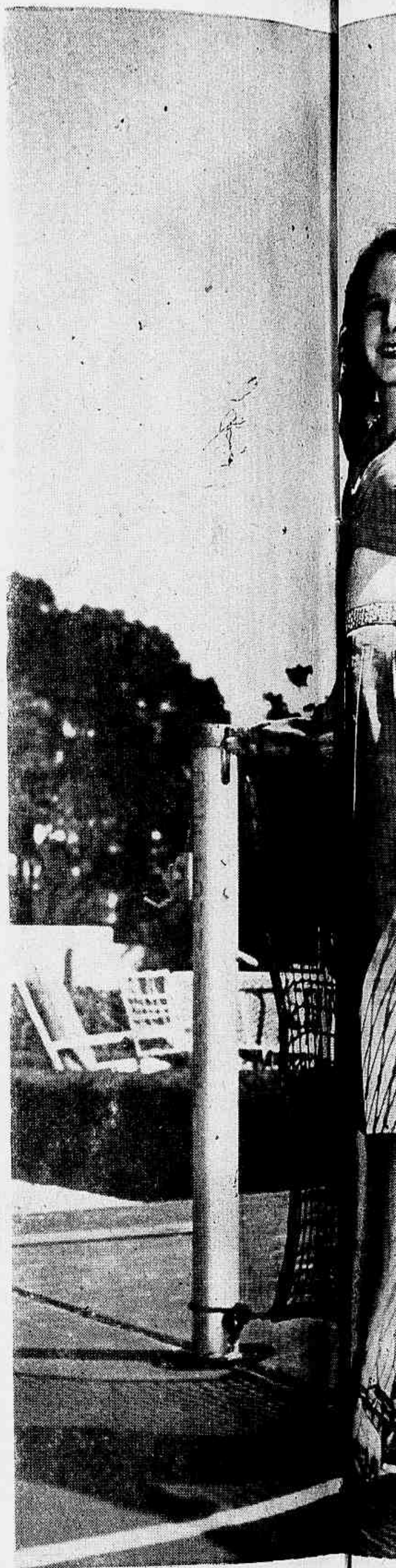
Ingrid é simplicíssima; contaram-me que há dias ela estava no "set", próximo ao telefone, e acendeu-se então uma luz branca, indicando que havia chamado de fora; de dez "estrêlas", que ali se encontravam, apenas

(Continua na pág. 44)



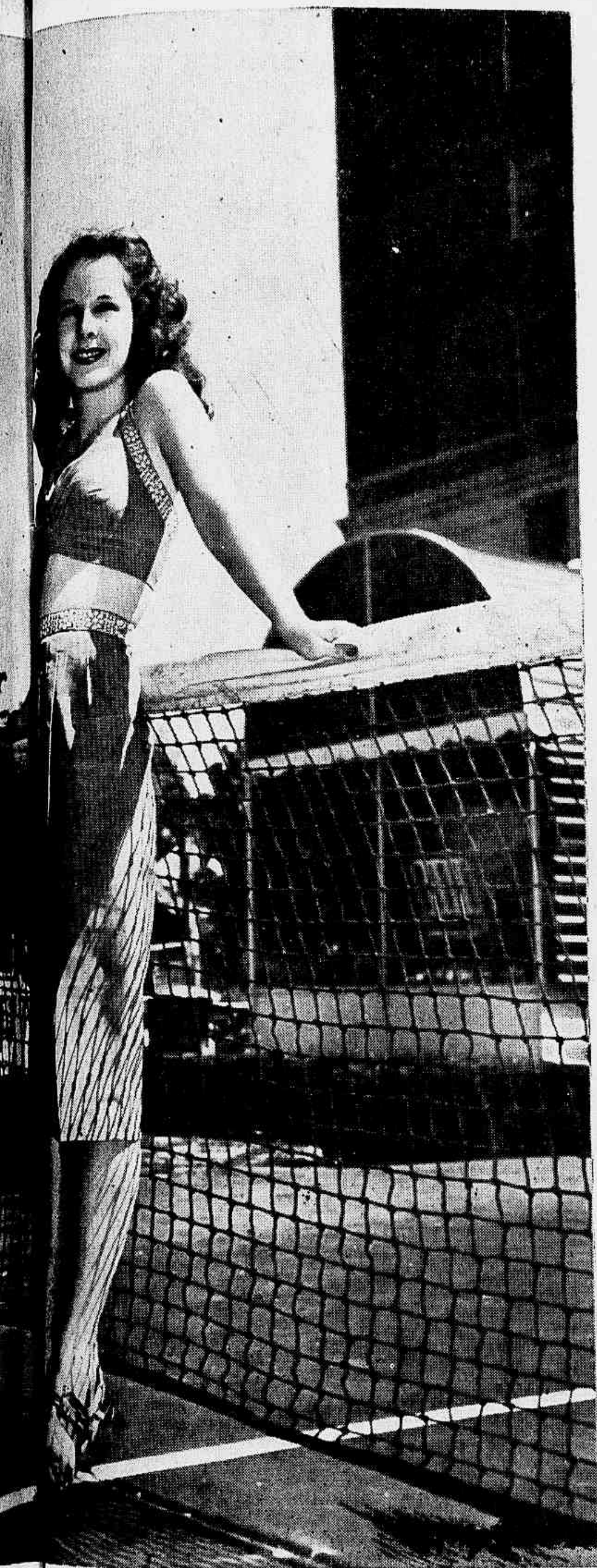
Duas cenas de "Os Sinos de Santa Maria" e uma magnífica expressão de Ingrid Bergman, que cursou durante três meses uma escola paroquial para fazer o papel de freira.



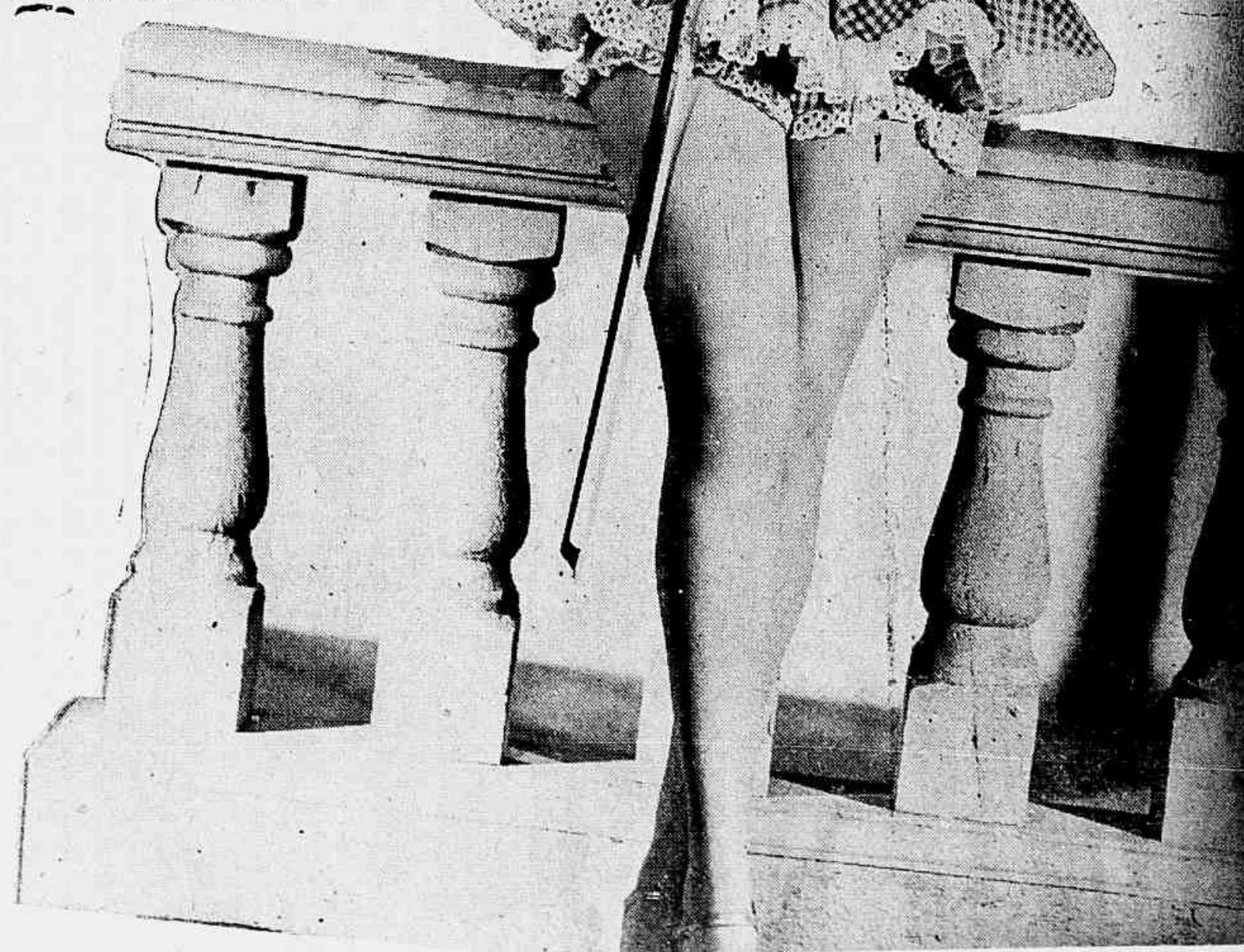


1 — Dusty Anderson, modelo para a praia, compõe peças com barra em cores vivas e motivos fundos. A preta na foto é de Freeman, da Paramount. A "slac" e-verde na cintura é do modelo apresentado por Gloria D. e blusa de cetim em tons brancos e pretos. Um nó com pontas vivas, é este "short" usado por ela. Feito em algodão quando usado azulado e calça.

PARA



nderso...olumbia, oferece às nossas leitoras um interessante conjunto
compo...peças. Para o mesmo foi usada uma seda pesada branca, com
s viva...motivos americanos. O "short" é bastante folgado, com pro-
a fren...asaco é de linhas retas, gola alta, viez em côres. 2 — Mona
Param...sa "slacks" curtos de "shantung" verde. Galão de seda branco-
tura...dor do "soutien". 3 — Inspirado nos trajes dos jockeys, é êste
entado...loria DeHaven, "estrelinha" da Warner Bros. "Short" branco
im em...os branco-e-verde. Mangas compridas, folgadas e ajustadas nos
ó com...ontas prende o franzido da blusa. 4 — Graciosíssimo, sem dú-
short...ntado pela encantadora Helen Pender, da Warner Bros. E'
dão qu...ado azul e branco, saiote "godet" bem armado. Nos ombros,
e calças bordado inglês, também franzido.



AA PRAIA



A CASA DE UMA “ESTRELA”

Joan Leslie é uma garota simpática que conseguiu, com muita dedicação ao trabalho, galgar as escadas da fama. Hoje ela pode vangloriar-se de figurar entre as mais famosas “estrelas” de Hollywood. Sua casa é uma demonstração do seu bom gosto, coisa característica de quase todas as “estrelas”...

Ao alto — Aqui a vemos no dormitório que ela mesma faz questão de arrumar. Não sejam maliciosas... a outra cama é de sua irmã Betty...

À esquerda — Agora a vemos junto a um belíssimo espelho do seu “living-room”, o qual se vê refletido no espelho.

À direita — E finalmente a temos como qualquer boa dona de casa, junto à geladeira. Se é possível um quitute fazer outro quitute, então apostamos que Joan Leslie é excelente cozinheira.



INTERMEZZO

CAMILA era pequena e frágil. Quando voltou do hospital, o marido mandou pedir ao médico que a fizesse acompanhar de uma enfermeira porque ela ainda estava muito combalida. Gerald estava radiante com a menina. Sua filhinha. Camila aceitava as homenagens do marido satisfeito como um justo preito ao esforço que ela dispensara para dar vida àquele pequenino sêr.

Os admiradores de Camila costumavam visitar a casa com a mesma assiduidade. Traziam-lhe flôres raras mas "cavalinho" era quem punha olhos invejosos nelas. Camila nem lhe dava atenção. Agradecia com um sorriso cansado e virava-se. "Cava-

linho" se encarregava de guardá-las.

Por que teriam dado à enfermeira aquêlê estranho apelido? Quem poderia explicar?

Ela era calada, tímida, alta, magra e tinha maneiras ridiculamente delicadas e femininas.

Camila e seus admiradores riam dela. Mas ela, que sabia disso, não se importava. Era humilde e calada como um animal fiel. E, por mais estranho que isso pareça, não há maldade na comparação. Há até uma certa ternura...

"Cavalinho" vivia sempre sempre quieta, sempre afastada. Escrupulosamente limpa, ela tratava da criança enquanto a

mãe recebia os admiradores. Certa noite, ao chegar em casa, Gerald foi surpreendê-la brincando com a criança, com afetadas momices, que pareciam ainda mais ridículas feitas por uma mulher grande, alta, magra... Mas êle olhou e teve pena. Acho mais patético do que rícuulo o esforço que ela fazia para ser graciosa.

Quando "Cavalinho" voltou-se e notou que êle a observava, corrou, envergonhada. Mas êle sorriu, com simpatia, e disse:

— Não fique acanhada. Continue, quem gosta de minha filha, só pode me agradar...

"Cavalinho", muito embaraçada, olhou para êle, com ar tímido e murmurou:

— Ela é linda, tão delicada, tão frágil...

Sem saber por que, Gerald pensou que ela se referisse a Camila. Camila, que jogava com o seu físico para obter as simpatias de todos: suas feições

finas e graciosas, seus gestos estudadamente infantis...

"Cavalinho", disse:

— Está na hora do banho dela.

Depois acrescentou, timidamente:

— Quer... quer assistir?

E êle, com um sorriso, largando a pasta que trazia debaixo do braço, disse, satisfeito:

— Quero.

Uma noite, quando não tinha convidados, convidou "Cavalinho" para jantar com êle. Desagradava-lhe jantar sozinha e Camila não saia do quarto. Desde que vira "Cavalinho" banhar sua filha, ficara impressionada. Que extraordinária delicadeza não tinham aquelas duas mãos enormes, deselegantes para segurar naquele corpinho que acabara de nascer!... Sorriu, sorriu simplesmente, quando avisou "Cavalinho" preparada para o jantar. Evidentemente o seu melhor vestido... Coitada! Que esforço patético para ser elegante...

— Sente-se!

Intimidada, ela sentou-se. — Sozinha com êle, não sabia o que falar. Êle se encarregou de puxar por ela. Duas horas mais tarde, depois do café, ela estava conversando animadamente, rindo como uma criança, contando sua vida a êle. E, sem saber por que, contava tudo com prazer àquele rapaz louro e sorridente que a olhava com simpatia. Seu coração pedia tanto um pouco de carinho...

★

No dia da despedida, Gerald ofereceu-lhe um ramo de orquídeas. Ela ficou parada olhando para a caixa, com a boca entreaberta:

— Obrigada.

(Continua na pág. 37)

Conto de
DOROTHY
PARKER



PARA Mocinhas

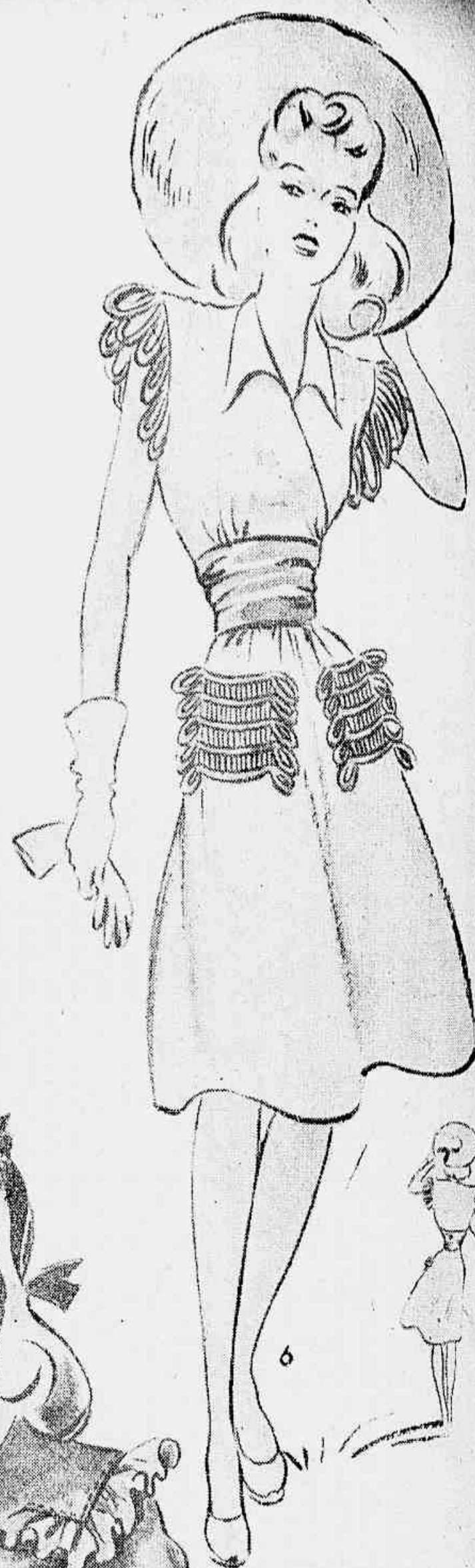


1 — Vestido em algodão quadriculado azul e branco, com barra de piqué branco alternadas na blusa e uma barra larga da saia. Raminhos de cereja na blusa e na saia. 2 — Duas peças em algodão quadriculado, enfeitado com bordado inglês.

3 — Duas peças em "shan-



2



6

tung" azul, com pala branca, pespontada. Um cordão do mesmo tecido forma dois laços no casaquinho. 4 — Modelinho gracioso para campo ou praia, feito em algodão estampado e quadriculado. A saia é bastante franzida, formando muita roda. A frente da blusa sugere um avental. 5 — Modelo para a tarde, em seda marrom. São duas peças, saia "godet" e o casaquinho muito ajustado à cintura. Babados do mesmo pano saem da pala formando gola. 6 — Modelo em seda azul, enfeitado com cordões da mesma fazenda, formando bolsos na saia e grandes bicos nas mangas.

A elegantíssima Rosalind Russel apresenta-nos um maravilhoso "déshabillé", próprio para o nosso clima tropical. É feito em gaze chiffon branca, mangas largas ajustadas aos pulsos, saia bastante ampla e babado franzido sobre os ombros descendo até a cintura. Cinturão de cetim "atacado" com cordão também de cetim. (Foto Columbia)





"Sacrifício de Mãe"
"Punhado de emoções"

DOIS LIVROS ESCRITOS PELO
CORACÃO E PARA O CORACÃO
DEDICADOS À SENSIBILIDADE
DA MULHER BRASILEIRA
Duas obras consagradas de
MARIA DEZONNE
PACHECO FERNANDES
À venda nas boas livrarias



Tenha o mundo a seus pés...

Uma cabeça bem cuidada com cabelos são e juvenis completa a elegância. E o mundo a notará como pessoa de bom gosto e de apuro. Brylcreem dá brilho, torna os cabelos sedosos e brilhantes. De perfume suave, fixa naturalmente o penteado, sem emplastar. Evita a caspa e tonifica a raiz do cabelo. Experimente após o permanente! Nos cabelereiros de 1.ª ou nas suas 5 embalagens diferentes, Brylcreem está ao alcance de todos.

Mais de 27 milhões de unidades
vendidas anualmente no mundo inteiro!

BRYLCREEM

O MAIS PERFEITO TÔNICO FIXADOR DO CABELO

Chegou de Londres

LONDRES. (H. P.) — Já chegou ao Brasil o reputado e esperado tratamento Okasa. — Okasa é hoje uma medicação de escolha universalmente reconhecida pelo seu alto valor terapêutico e pela sua eficácia indiscutível. — Okasa à base de Hormônios vivos, extratos de glândulas sexuais e Vitaminas selecionadas, combate vigorosamente todos os casos ligados diretamente a perturbações das glândulas genitais e do aparelho sexual como: Fraqueza sexual na idade avançada ou por outro motivo, no moço, senilidade precoce, perda de energia, fadiga, fraqueza mental etc., no homem.

— Frigidez, irregularidades ovarianas, idade crítica, obesidade ou magreza excessivas, flacidez da pele e da cutis, queda ou falta de turgência dos seios, todas essas deficiências, de origem glandular, na mulher. Okasa encontra-se à venda nas boas Drogarias e Farmácias. Informações e pedidos ao Distribuidor geral: Produtos Arna, Av. Rio Branco, 109 - Rio. Okasa, importado diretamente de Londres, proporciona Virilidade, Força e Vigor com as drágeas "prata" para homem, — Feminilidade, Saúde e Beleza com as drágeas "ouro" para mulher.

HEMORRHOIDAS? tome

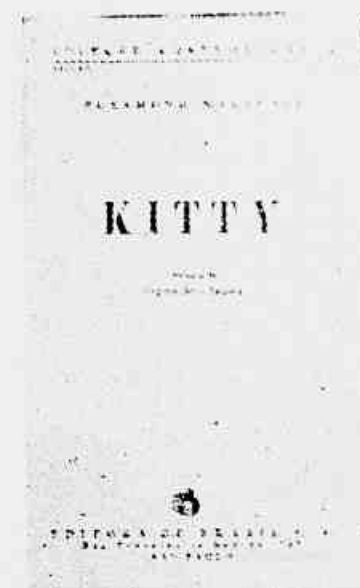
EM TODAS AS
FARMACIAS E
DROGARIAS



DÔR DE OUVIDO? INFLAMAÇÃO E PURGAÇÃO NO OUVIDO? Use **AURIS-SEDINA**

Livros

KITTY, romance de Rosamond Marshall, tradução de Virgínia Silva Lefreve. — Editora do Brasil S. A. — São Paulo, 1945.



Ao começar o romance, Kitty é uma criaturinha, com aspecto ainda um tanto de criança, que pede esmola nas ruas sórdidas de Londres e já conhece outras misérias da vida.

Explorada por uma velha ignóbil, não tinha licença de se aventurar por bairros mais asseados ou mais bem policiados. Mas instintivamente a garota procurava outro meio, outra gente, outro sentido de existência. A sua inteligência viva e pronta aliava-se uma força de vontade deveras singular. O primeiro ensejo que se lhe depa-rou — o convite dum pintor impressionado com a sua graça curiosa, para lhe servir de modelo — determinou em Kitty o impulso de libertação. Quiz fugir, emancipar-se daquela infâmia. Com efeito, pouco a pouco se foi elevando e aprimorando. A simpatia irresistível da sua pessoa lhe abriu todas as portas — e ela sabia por quais podia e dignamente lhe convinha passar. Assim foi até atravessar os humbraes tão rigidamente formalistas da alta sociedade londrina. Por fim, a afecção harmoniosa, feita de compreensão e de ternura, que foi o seu grande sonho na vida, essa mesma Kitty a alcança, conquistando a pura felicidade. Então a mendigazinha dos quarteirões se transforma em defensora, protetora incansável de todos os necessitados. Restitue, multiplicadas, por a sim dizer, ao infinito, as esmolas que recebeu em menina. E é em favor das crianças que a sua generosidade especialmente se aplica, para, tanto quanto possível, as salvar da maldade alheia e da sua própria desgraça.

O romance é, na sua maior parte, dialogado, conforme a regra dos escritores que visam, depois do êxito da livraria, o do cinema.

LIRA HUMANISTA, de S. H. Martins Teixeira — Rio de Janeiro, 1945.

O presente livro comporta um objectivo inquestionavelmente meritório. Traz uma doutrina de louvável inspiração. Corresponde, tanto quanto possível, nas suas dimensões e no seu engenho, nas suas idéias e no seu estilo, a um apostolado.

Assim o Sr. S. H. Martins Teixeira procura esclarecer, orientar os outros homens — e, naturalmente as mulheres, também. As suas composições nem sempre obedecem aos preceitos clássicos da arte poética. O autor faz questão sobretudo, ou apenas, do conceito. Vaidades, ambições, egoísmos, invejas, injustiças, preconceitos, incompreensões — quereria ver tudo isso banido da face da terra. Sonha à sua volta um mundo de perfeições. E eis uma das definições do seu ideal, justamente na página intitulada *Humanismo*.

As nações não formam compartimentos estanques.
Intercambiam-se ao longo da história.
Vivem no mesmo planeta.
Nascem do flanco da humanidade.

Porque se não de hostilizar,
de só se ver como estrangeiras,
se os laços primam sobre as diferenças?

E porque se não de por como soberanas
(nação que encerra
o germen da guerra)
não no quadro de geral lei humana?

LIANA, A PECADORA, romance de Antônio Tibiriçá — Empresa Editora Universal — São Paulo, 1945.



É um romance de feição popular. O autor declara sinceramente que não teve a pretensão de produzir obra literária. Tendo-se dedicado, até agora, aos enredos para o rádio, mantém tanto quanto possível os processos que ali, como atesta uma nota editorial, o fizeram triunfar. Não se detém no estudo psicológico dos personagens nem, por assim dizer, perde tempo em descrições pitorescas. Quase tudo, o próprio movimento da acção decorre do jogo dos diálogos. E manda a boa justiça reconhecer que o Sr. Tibiriçá os compõe ágilmente, com ditosa espontaneidade.

A primeira vista, quer dizer: no primeiro episódio, Liana, a heroína, se nos apresenta como professora de piano, moça inteligente, de sentimentos finos e de exemplar seriedade. Está dando uma lição a domicílio e, na sua maneira de tratar a aluna, em todas as suas palavras se acusa a indole da moça que trabalha para ganhar a vida e não sente a menor inclinação para se conduzir doutra maneira. Chega, porém, Fernando, o pai da discípula, e logo dêsse encontro resulta uma simpatia, uma intimidade que surpreende. Fernando é advogado de certo nome, um pouco homem de negócios também, fraco de caráter, não, porém, incapaz, conforme as circunstâncias, de belos e generosas acções. As relações entre os dois não chegam a ter propriamente duração sentimental. Liana é exigente, geniosa, questionadora; e, *in talis mutandis*, representa o tipo que Abel Hermant classificou na curiosa de amor. Depois de várias brigas e reconciliações — que naturalmente repercutem na vida doméstica de Fernando — a ex-professora de piano passa dêsses amores a outros progressivamente mais viciados e desgraciados. Um tanto a contragosto embora, colabora em trapalhões de jogo; ajuda outras faletradas e extorsões; presta-se a misérias que, para uma criatura nobremente sensível, seriam ainda piores. Além disso, uma espécie de má sorte a persegue: apendicite, desastre de automóvel etc. Finalmente, como nos romances de Tolstói, aparece-lhe um verdadeiro protector, um salvador: é um rico boia-

CULINÁRIA
MODERNA

● ● ●

SOL E SOMBRA

J. L.

★

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO COMERCIO. — Recebemos um exemplar do importante discurso que o sr. João Daudt d'Oliveira proferiu por ocasião da posse da Diretoria da Confederação Nacional do Comércio em 10 de janeiro passado.

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



TINTURA FLEURY
DÁ JUVENTUDE
AO SEU CABELO

APLICAÇÃO FACILIMA:

CONSULTAS, APLICAÇÕES E VENDAS: Rua 7 de Setembro, 40 Sob. Mo
Nome
Rua
Cidade Estado

SOL E SOMBRA

J. L.

★

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO COMERCIO. — Recebemos um exemplar do importante discurso que o sr. João Daudt d'Oliveira proferiu por ocasião da posse da Diretoria da Confederação Nacional do Comércio em 10 de janeiro passado.



O segredo do beijo...
MICHEL em seus lábios

Conheça por experiência própria as qualidades sedutoras do baton Michel.. se é que deseja saber o segredo dos beijos. Os batons Michel são de uma suavidade de cetim, divinamente delicados, infinitamente mais estáveis e esquisitamente perfumados para o arrebatamento dos sentidos. O baton Michel não lambuja e nem se resseca. Peca-o pelo nome — Michel!



Michel

NEW YORK • PARIS • LONDON

BATON — PÓ — ROUGE — MÁSCARA — SOMBRA — MAQUILAGEM CAKE

Tecelagem

QUANDO COMPRAR UM REFRIGERADOR

Exija!

ESSE 5 ANOS

RECORDA FRIO CONSTANTE
GELADO PURO
HUMIDADE DO AR
AR PURIFICADO

TODAS ESSAS VANTAGENS
SÃO EXCLUSIVAS DO

REFRIGERADOR NEVE

PRODUTO DAS

INDUSTRIAS "NEVE" LTDA.

EXPOSIÇÃO PERMANENTE

R. Roca e Silva, 74 (eq. P. M. Deodoro) - Fones 5-1322 e 5-1323

SÃO PAULO

A VENDA NAS MELHORES
LOJAS EM TODO O BRASIL



ILONA MASSEY

Encantadora Estrela da Tela, diz:
"Considero **ARRID** o desodorante por excelência e o recomendo com o maior entusiasmo".

NOVO

Creme Desodorante
que evita manchas
e odor nas axilas

1. Não irrita a pele.
2. Não estraga os mais finos vestidos.
3. Evita as manchas desagregantes, nas mangas e nas costas dos vestidos.
4. Seu efeito é duradouro. Evita o cheiro do suor. Tem um delicado perfume.
5. Tem a fina consistência de um creme de beleza. É branquíssimo, sem gordura, não mancha e desaparece instantaneamente.

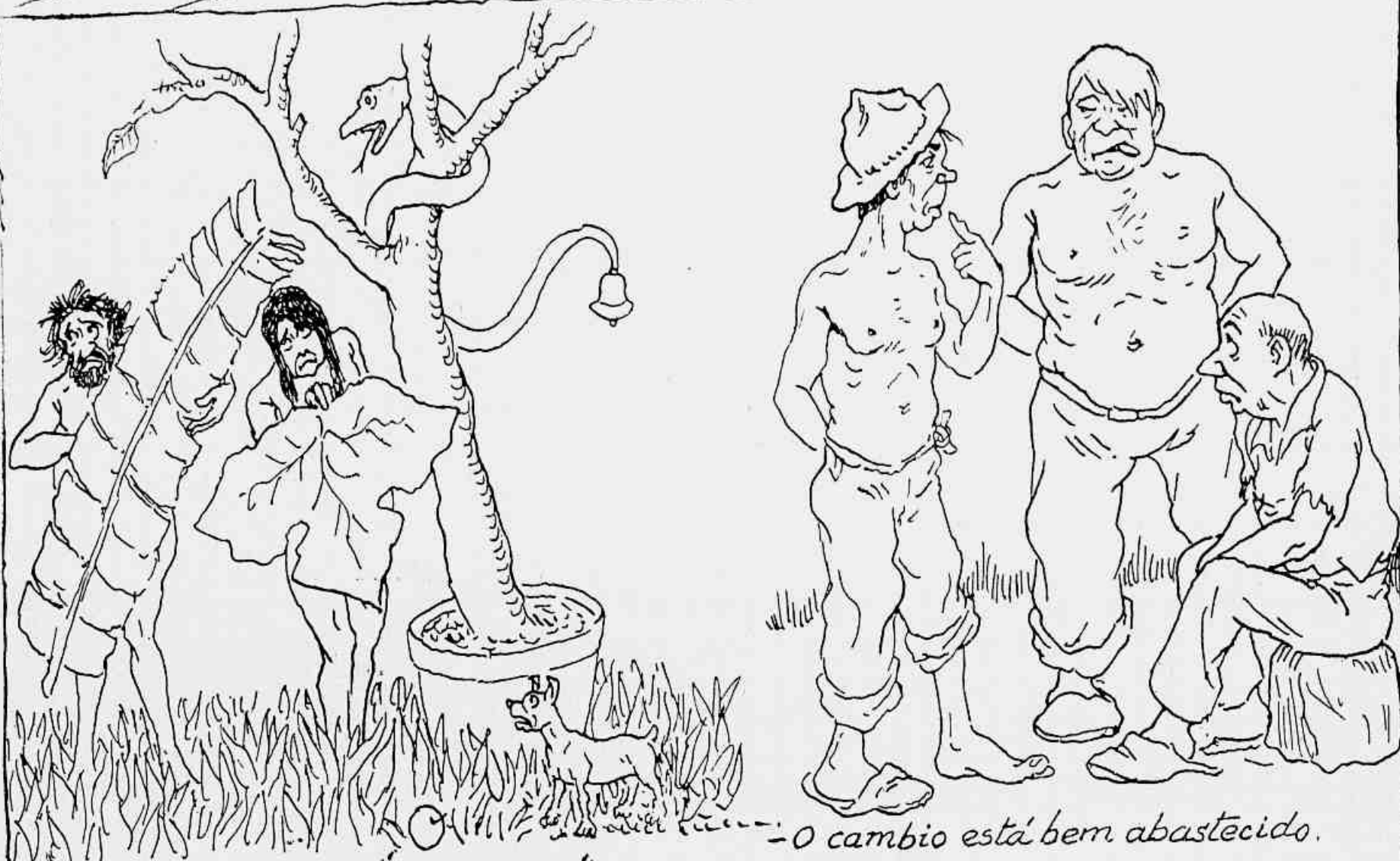
Use **ARRID** com regularidade.

Preços: Cr\$ 4,80 e Cr\$ 9,50

ARRID

O DESODORANTE QUE MAIS SE VENDE.

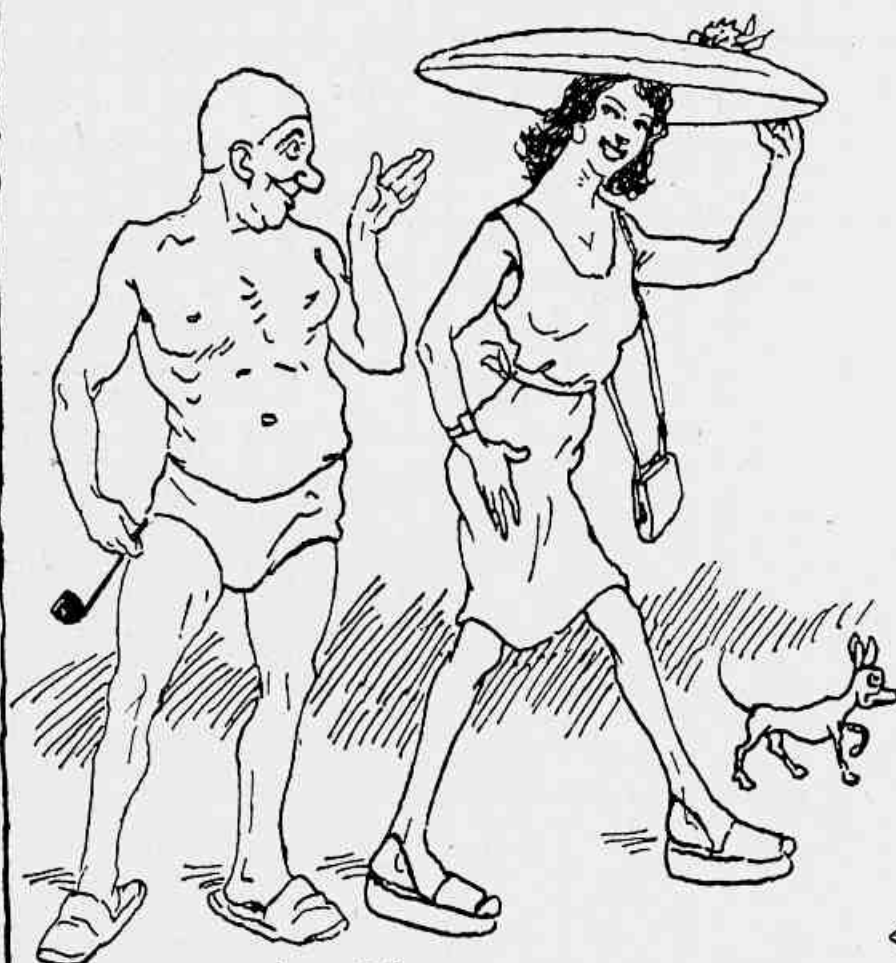
CABELOS BRANCOS?
LOÇÃO
Brilhante



Amor, tecido no Éden, sugeriu a primeira roupa.

- O cambio está bem abastecido.

- Pudera! Rouba os tecidos...



- A carestia dá panos para mangas.

- Panos para mangas são.

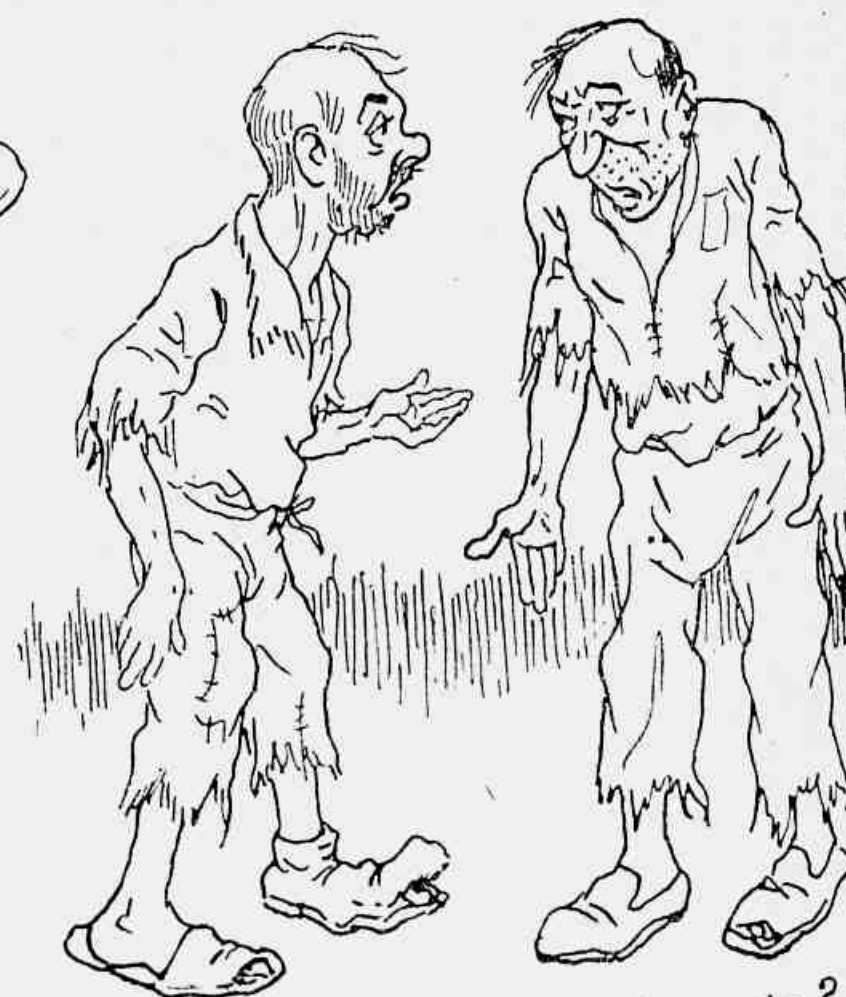


- Chi! Como anda emproada!

- É natural. É a Conchita Casimira...



A inflação continua a voar, a todo o pano!



- É a nossa modesta parcimônia?

- Em trapos.

A MASCARA

(Continuação da pág. 23)

bado. Se parecer artificial, o fato explica-se. Era desejo de liberado do modelo posar artificialmente. Sky, aos quarenta e cinco anos, conservava o mesmo vigor da mocidade. As maneiras de velho eram simplesmente uma pôse, adotada conscientemente. Por comodismo. Para evitar aventuras perigosas. E foi justamente essa pôse que o lançou numa delas.

Chegamos ao ponto onde é conveniente começar a descrição da mascarada. De suas feições nada poderemos dizer, pois cobertas cuidadosamente não podiam ser observadas, mas um alvo pescoço revelava que ela era pelo menos bem moça e a voz era deliciosa, grave e cheia de modulações. Fantasiada de espanhola, evocava com sua aparição noites estreladas e Sevilha, serenatas, amor e morte. Corridas desabaladas. Mas não deixemos a imaginação escapar-se, fugindo ao assunto. Ela apareceu. Como? Sky não saberia explicar. Durante alguns segundos julgou que fôsse uma aparição que se tivesse materializado. Mas, longe de ser uma explicação justa, a ilusão fôra provocada porque êle estava desatento, olhando para o lugar onde ela apareceu. Pouco a pouco seus olhos foram se focalizando na figura parada à sua frente e êle ouviu dois lábios muito vermelhos que a máscara não escondia murmurarem:

— Salve-me!

Êle olhou o livro, com uma noção ridícula de que ela era uma personagem do romance que saltara fora da capa e pulara para surpreendê-lo no seu devaneio.

— Salve-me!

Lentamente êle perguntou:

— Quem é a senhora?

— Não posso dizer. Salve-me!

— Que devo fazer para salvá-la?

— Acompanhar-me...

Um olhar de reflexos imperiosos atravessou a máscara e focalizou-se nele. Sky levantou-se quase que automaticamente, e seguiu-a. Por que teria feito aquilo? Que teimosa chama de mocidade aventureira o impelira àquela loucura? Eis aí indagações difíceis de responder.

Sky seguiu-a. Varou, guiado por ela, a multidão e chegou diante de um palacete todo iluminado. Ela entrou, rapidamente. Um mordomo, compenetrado, abriu a porta.

— Boa noite, madame.

— Boa noite, Pedro. Geraldo está em casa?

— Está, sim, senhora. Chegou logo depois que a senhora saiu. Está esperando a senhora na biblioteca.

— Escute, Pedro, você sabe como êle é. Prepare três cálices e uma garrafa de vinho do Porto e vá se colocar perto da porta. Se ouvir ruído de alter-

cação, bata e entre. Sirva o vinho sem prestar atenção ao que acontecer.

— Sim, senhora. Não se preocupe.

A mascarada voltou-se, então, para Sky e disse:

— Vamos. Coragem!

Sem compreender bem por que era invocada sua coragem, êle preparou-se contudo e seguiu-a, apressadamente.

Ao abrir a porta da biblioteca e afastando-se para que ela passasse, teve uma visão rápida de um rapaz louro e alto, passeando para cima e para baixo. Entrou logo após. Geraldo — devia ser êsse o seu nome — estava esgotado. Assim que viu a mascarada parou e disse:

— Onde esteve?

— Olá, Geraldo!

Sky admirou-se da calma da moça. Percebeu entretanto que estava fazendo um esforço tremendo para conter-se. Atravessou o salão lentamente e foi até o rapaz. Beijou-o no rosto.

— Onde estive? Visitando meu tio. Não lhe disse?

— Que tio?

Ela voltou-se e apontou Sky. Geraldo baixou, pela primeira vez, o olhar em Sky. O nosso herói estremeceu diante do ar truculento. Que tencionava fazer o rapaz?

— Seu tio? Apresente-mo.

— Mas com todo prazer. Tio Alberto, meu marido Geraldo. O senhor já o conhece bem de nome.

E, apressadamente, ela continuou:

— Meu tio chegou hoje mes-

mo de Londres. Está hospedado no Hotel Atlantic.

Geraldo olhou-o com desconfiança. Entretanto apertou-lhe a mão. Um apêto forte.

— Muito prazer em conhecê-lo, caro Geraldo — disse Sky, compreendendo que era necessário dizer qualquer coisa naquele momento.

A seguir, como continuasse o mesmo silêncio constrangedor, Sky prosseguiu:

— De fato, minha sobrinha (como seria o nome da mascarada?) já me tinha falado muito em você nas suas cartas... Hoje à tarde mesmo conversámos a seu respeito.

Geraldo voltou-se:

— Hoje à tarde? A que horas? Teria cometido um engano?



Sabonete DORLY
PREÇO POR PREÇO É O MELHOR!

Mas a mascarada veio em seu socorro.

— Hoje à tarde sim, Geraldo. Quando fui visitá-lo no hotel ainda era dia claro.

— Bem.

Novamente a pausa constrangedora. A mascarada porém, com um riso nervoso, disse:

— Sente-se, titio. Não quer tomar alguma coisa?

— Não, obrigado — disse Sky maquinalmente.

Depois arrependeu-se. Teria, assim, pelo menos, alguma coisa que fazer. Segurar um copo, uma xícara. O silêncio se prolongava e Geraldo recomeçara seus passeios. De repente estacou e voltando-se para Sky disse:

— O senhor não é tio de minha mulher. Ela quer me enganar, mas não consegue. Eu sei muito bem que o senhor não é seu tio. Como ela não tinha meios de explicar sua ausência, pediu ao senhor que passasse por seu tio. Ele porém não chegou hoje. É mentira.

— Que loucura, Geraldo! — disse ela. Como meu tio vai ficar mal impressionado com seus ciúmes! Isso também já está ficando doentio.

— E quem me põe doente é você!

Nesse momento uma discreta pancada na porta anunciou o mordomo, que entrou com o vinho e os cálices. Sky respirou

mais-desafogadamente. Trégua, pelo menos.

— Tome, titio. Mande buscar especialmente para o senhor.

Geraldo calara, porém sorria com ar misterioso. Sky estremeceu ao notar-lhe a expressão maldosa.

Assim que o mordomo saiu, Geraldo disse:

— Não conseguiram enganar-me. O senhor é cúmplice de minha mulher nessa farça.

— O senhor está louco! — Sky julgou-se na obrigação de exclamar.

Geraldo voltou-se bruscamente:

— Não estou louco, e estou quase certo de que o senhor não



é simplesmente um transeunte que ela encontrou e pediu que se prestasse a essa farça. De outra forma, por que a defenderia desse modo? Sim, ela deve ter ido visitá-lo. Mas o senhor não é seu tio. O senhor é seu...

— Geraldo! Você está me ofendendo.

Ele riu:

— E você já não me ofendeu bastante? Já não arrastou o meu nome a toda sorte de situações duvidosas?

— Geraldo, pelo amor de Deus!

Sky notou que ela estava perdendo a segurança. Mas era preciso ajudá-la. Fazer com que ela convencesse a seu marido de que ele era simplesmente o tio Alberto. De outra forma, como escaparia daquela situação. Estava enredado na mais perigosa das situações. E o único remédio, naquele momento, era conformar-se com o que acontecera.

— O senhor está enganado, cavalheiro! Eu ouvi pacientemente tudo isso. Não posso suportar mais. Entristece-me muito saber que minha sobrinha não é feliz em seu casamento. Nem poderia ser, nessa situação.

★

Sky não se lembrou mais tarde como foi precisamente que tudo mudou, como foi que ele veio a saber que o verdadeiro motivo do nervosismo do rapaz eram as dificuldades em que ele se achava. A mascarada, que já tinha tirado a máscara naquele momento, confessou-lhe que fôra buscá-lo, num último recurso, para ver se tinha algum meio de tirar o marido daquela situação.

— Mas por que a mim?

— Porque eu sabia que o senhor era muito rico...

Talvez estivesse nesse ponto o esclarecimento do caso. Nada mais do que um pedido como muitos. Um tanto original, como naquela noite de Carnaval. Ela viera fantasiada e trazia máscara. Mas na realidade era a mesma coisa de todos os dias: o caso doloroso, o pedido de auxílio.

Em casa estamos de acordo!

este creme dental antisséptico...

limpa mais

Kolynos não é um mero dentífrico: é um creme dental antisséptico. A generosa espuma de Kolynos limpa e embeleza os dentes sem arranhar o esmalte.

agrada mais

Kolynos satisfaz a adultos e crianças. Kolynos encanta, refresca a boca... e perfuma suavemente o hálito, deixando uma grata sensação ao paladar.

rende mais

Kolynos é concentrado: com uma quantidade menor de creme se consegue maior limpeza. Kolynos custa menos porque rende mais.

Todos estão de acordo:
para um belo sorriso
não há como
Kolynos



o creme
dental
antisséptico

RUGOL

O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

Por que estranho motivo êle resolveu prestar ouvidos àquele pedido? E nem mesmo estremeceu quando ao puxar o livro de cheques ela pronunciou uma soma astronômica. Naquela noite sentia-se moço e disposto a uma aventura. Talvez fôsse o contacto que tivera com aquela mocidade radiosa...

— Cem mil dólares?

Assinou o cheque sem pestanejar. Afinal de contas, para quem tinha milhões... Que significavam cem mil dólares?

O casal foi acompanhá-lo até a porta de casa... Já se tinha esclarecido o caso do tio Alber-

to. Ela mesma contara ao marido a razão por que fôra procurar Sky.



No dia seguinte pela manhã Sky recebeu uma visita.

— Sky Ames?

— Sim...

O visitante era um homenzinho baixo e troncudo.

— Sou o procurador de Mr. Geraldo Ainley.

— Gerald Ainsley?

— Não está recordado do empregado que foi despedido de sua companhia por ter dado um desfalque de cem mil dólares?

— Não. Meus diretores ainda não me contaram nada.

— Não obstante a polícia já foi notificada. Entrei contudo em entendimento com os diretores e êles prometeram contentar-se com a devolução. Já assinaram o documento que só falta ser assinado pelo senhor.

Sky deu uma vista no documento, olhou o recibo do dinheiro e preparou-se para assinar. Que maçada ter que tratar de negócios no Carnaval... Cem mil dólares... Era estranho! Na véspera êle assinara um cheque de cem mil dólares... Como era mesmo o nome do rapaz? Ge-

rardo! Então êles tinham preparado aquilo para conseguir que êle cobrisse o desfalque do rapaz e... Lembrou-se da mascarada. Viu novamente o seu ar apreensivo e compreendeu tudo.

— Aí está — disse.

E assinou.

Quando o procurador saiu, Sky murmurou de si para si:

— Desta vez ou eu me convenço mesmo de que sou um velho ou então...

E tomou o romance que estava em cima do braço da cadeira. Como se chamava mesmo? "A Mascarada". Largou-o rapidamente.

— Que título tolo!

Intermezzo

(Continuação da pág. 29)

Era a despedida. A menina passara para as mãos de uma ama. Camila, restabelecida, saíra. Não estava ali para despedir-se. Mas êle esperou. Foi para o escritório mais tarde naquele dia para despedir-se de "Cavalinho". Comprou-lhe aquêle ramo de orquídeas.

— O carro está pronto.

Êle mandara levá-la de automóvel até a estação. Encarou-a e estendeu a mão cordialmente:

— Adeus, Miss Parker.

"Cavalinho" apertou-lhe a mão e correu para o carro. Seria ilusão ou êle percebeu um gesto dela, ao afastar-se, atirando-lhe um beijo? Sorriu.

"Cavalinho", envergonhado de seu próprio gesto, do impulso a que cedera, escondeu-se no fundo do carro. Duas lágrimas tristes caíram-lhes dos olhos, escorrendo pelas faces...

Desperte a Bilis do seu Fígado

o saltará da cama disposto para tudo
Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Si a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevem a prisão de ventre. Você se sente abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não eliminará a causa. Neste caso, as Pilulas Carters para o Fígado são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você se sente disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pilulas Carters para o fígado. Não aceite outro produto. Preço Cr\$ 3.00



Regina

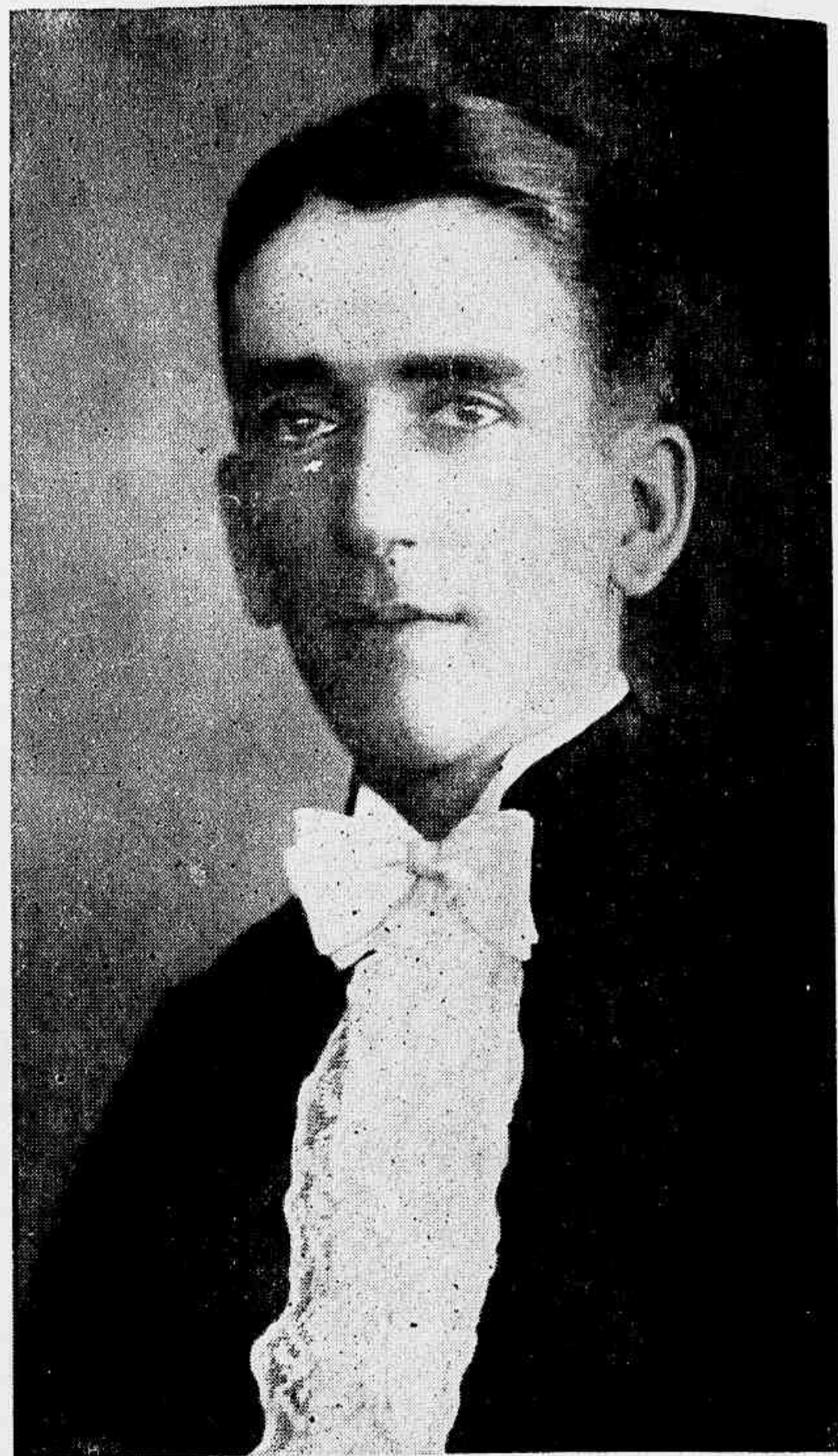
A RAINHA DAS ÁGUAS DE COLÔNIA!

A VENDA EM TODO O BRASIL

R.F.



Sta. Yolanda Possotti, eleita o ano passado "Rainha da Primavera" da cidade paulista de S. Bernardo dos Campos, Estado de São Paulo, no concurso instituído pela Agremiação Cultural Estudantil daquele município.



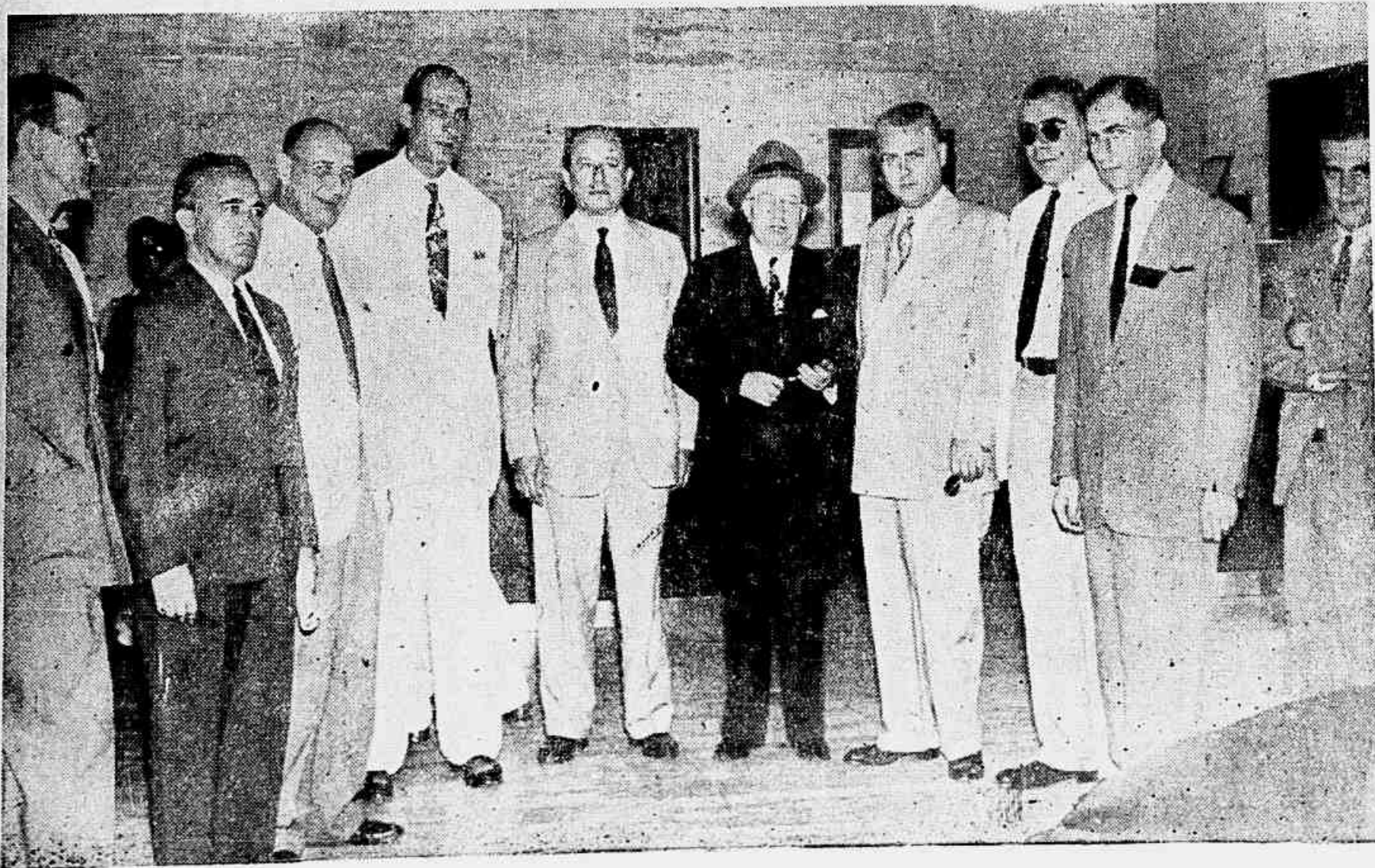
O NOVO DIRETOR DO DEPARTAMENTO NACIONAL DA CRIANÇA

— Mais acertada não poderia ter sido a atitude do novo governo, ao nomear para o cargo de diretor do Departamento Nacional da Criança o dr. Milton Carlos Braga Neto, jovem e ilustre facultativo, que se vem dedicando com carinho ao problema de proteção da saúde da infância brasileira. Natural de Alagoas, formou-se pela Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil em 1931. Exerceu o cargo de oficial de gabinete do interventor Protogenes Guimarães, no Estado do Rio. Foi interno da cadeira de clínica pediátrica do Hospital Artur Bernardes, onde iniciou seus estudos sobre pediatria e puericultura, ciências que lhe grangearam a fama e o prestígio que hoje desfruta. Foi médico do Departamento de Saúde do Estado do Rio, dedicando-se ao problema de assistência à infância. Por tudo, o ilustre pediatra impôs-se como a pessoa indicada para ocupar o alto cargo que o Governo vem de entregar às suas mãos.

O jovem poeta Enoch Lins, que vem de lançar com sucesso o seu livro "Canções do Entardecer", coletânea de sonetos e poemas diversos.

FIGURAS E FATOS

No dia 1 de março corrente chegaram a esta Capital os srs. Joseph A. McConville, da Columbia International Corporation, e Sigwart Kusiell, supervisor daquela companhia para toda a América Latina, que vieram presidir à grande Convenção da Columbia Pictures comemorativa do 25.º aniversário. SS. foram recebidos no aeroporto Santos Dumont pelas mais destacadas figuras do nosso mundo cinematográfico.



5 — Vestidinho em algodão quadriculado. Pregas saindo da pala da blusa acompanham o comprimento da saia. Golinha de piqué branco. 6 — Vestidinho em seda azul clara. Pala dupla com botões da mesma fazenda. Golinha redonda branca com um babadinho plissado também branco. 7 — Bastante gracioso é este vestidinho feito em "shantung" rosa claro. Recortes dos lados, tendo em cada cante uma aplicação de quadriculado vermelho e branco. Gola branca.

Primeiro
dia de
aula



1 — Modelo de sarja azul marinho, com enfeites de pequenos bicos de piqué. Golinha também de piqué. 2 — Vestido de "shantung" vermelho, gravata azul marinho com "pois" branco e colarinho de piqué branco. 3 — Vestidinho de cambráia branca. Gola e ombros de quadriculado azul e branco. franzidos na blusa e na saia. 4 — Modelo em escocês de várias cores. Saia prequeada na frente. Peito e gola de piqué. Botões do tecido escocês abotoados dos lados, fingindo jaqueta.

Mulheres que o mundo não esqueceu

CAROLINA BONAPARTE

ENTRE os oito filhos da senhora Letizia Buonaparte, o penúltimo, a pequena Maria Nunziata, salientava-se, aos sete anos de idade, por uma inteligência sem par. Tinha o dom especial de saber se insinuar e conquistar sempre o objeto cobiçado. Desde pequena adorava os enfeites e a pompa; quando via passar a carruagem do governador, jurava a si mesma que haveria de ser ainda mais poderosa!

Se todos os irmãos de Napoleão foram invejosos, ambiciosos e insaciáveis, Maria Nunziata, tornada mais tarde Carolina, foi a única que nunca lutou abertamente, preferindo esconder, com a sua hipocrisia, toda a sua maldade e escandalosa avidez. Até o fim, ela soube ocultar do irmão toda a sua inveja e até mesmo a desmedida ambição de tomar para si o trono da França.

A medida que Napoleão ia fazendo conquistas, os sonhos de Carolina iam aumentando de volume. O primeiro passo, pensou ela, era escolher um marido e, depois de passar os olhos sobre todos os homens brilhantes que a cercavam, ela escolhe um: Murat! O general tinha então trinta anos, era de estatura alta, elegante, porte dominador. Diga-se em favor de Carolina que ela amava-o sinceramente.

Pra conseguir que Napoleão aceitasse Murat, Carolina fingiu-se amiga de Josefina, pedindo seu apoio. Finalmente Napoleão concordou e Carolina e Murat, pertencentes já um ao outro, são instalados no palacete Bronine, no paço das Tulherias.

Imediatamente Carolina faz da sua casa um centro acolhedor e agradável. Também procura agradar Josefina, e de tal modo que esta não faz senão elogiar a cunhada.

Passados os primeiros arroubos, Carolina trata de despertar no

marido a mesma ambição que a consome. Com apenas 18 anos de idade, ela não pensa senão em elevar-se, a si e ao seu marido, até conseguir o auge do esplendor. Mas Carolina nunca ficaria satisfeita. Muito conseguiu do irmão e muitas decepções teve que sofrer. Mas nada a desanimava e, muito pelo contrário, cada vez mais atirava-se à ambição desmedida que terminou por arruinar-lhe a vida.

Quando nasceu seu primeiro filho, Murat estava na Itália. Ele escrevia cartas desesperadas a Napoleão que por fim concordou em lhe mandar a mulher e o filho. Mas Carolina não ficou satisfeita, pois longe de Paris e das suas intrigas receiava que alguém pudesse arrebatá-la a confiança do imperador. Finalmente consegue voltar a Paris com o marido, e agora Murat voltava como governador de Paris!

Passam a levar uma vida suntuosa; dão grandes recepções e gastam desenfreadamente. Parece que os dois estão satisfeitos.

Sentindo-se segura, Carolina deixa de fazer a corte a Josefina, que só então percebe a falsidade da cunhada. Aliando-se a Fouché, Carolina concebe um plano monstruoso: atirar uma amante nos braços de Napoleão e por intermédio desta exercer influência sobre ele. A escolhida é Julieta Recamier. Não pararam aí as atividades desses estranhos aliados. A custa de intrigas e maldades, Carolina conseguiu galgar os mais altos postos, as maiores honrarias, e para isso usou de todos os meios ao seu alcance. Chegou mesmo a fazer-se amante de Junot, o grande general e grande admirador de Napoleão, afim de poder subjugá-lo e obter o seu apoio na conspiração contra o imperador.

A guerra que Murat, já completamente perturbado pela louca ambição que os consumia, declarou à Áustria, apressou a sua queda. Carolina foi forçada a fugir e por fim teve que viver o resto da sua vida desterrada na Baixa-Áustria.

Essa mulher inteligente e viva poderia ter sido uma grande rainha, mas foi apenas uma mulher má.

M U S I C A

PALAVRAS DE DESPEDIDA

Partiu para o Uruguai o musicólogo Francisco Curt Lange, que esteve dois anos no Brasil preparando a pedido do governo brasileiro um número do Boletim Latino-Americano de Música dedicado a nosso país. Durante sua permanência no Brasil, o sr. Curt Lange exerceu grande influência sobre a geração mais nova de nossos compositores, com a qual travou conhecimento, auxiliando-a com conselhos e incentivando-a com elogios. Enquanto aguardamos uma nova visita do musicólogo, anima-nos a convicção de que ele prosseguirá de longe a sua missão orientadora e que sua influência, embora afastado, se fará sentir. Porque, mais do que sentimento de amizade que ele soube despertar e cultivar, preocupa-nos a falta de seu apoio e seus ensinamentos. O artista contemporâneo está precisando de mestres compreensivos que o amparem. Quebradas todas as regras que prendiam sua imaginação criadora, ele se vê, perplexo, diante de uma multiplicidade de caminhos que o desorienta. Em arte à liberdade, que vem como uma conquista, há de seguir-se, forçosamente, a consolidação dessa mesma liberdade — uma função importantíssima na qual intervêm os mestres.

Não é somente o leigo que vê na música moderna alguma coisa que é "fácil fazer". Muitos artistas, sobretudo os que se iniciam, encaram as pacíficas conquistas de pesquisadores notáveis como uma série de soluções preparadas, fórmulas prontas para serem aplicadas. A arte verdadeira, entretanto, não poderá nunca ser vigorosa e fecunda se os artistas se puserem a resolver os problemas com o livro de soluções ao lado... É preciso procurar, estudar, em esforço metódico.

Schönberg, no prefácio de um livro seu, reclamava para o professor, o direito de dizer: não sei. E lembrava a missão do mestre como companheiro do jovem artista na luta pelo domínio da técnica, para impedir que, entregue simplesmente às fulgurações estereis de uma inspiração que não é sustentada pelo conhecimento seguro e profundo da técnica, o compositor venha a esgotar-se antes de se ter realizado...

A arte contemporânea requer, cada vez mais, cultura e paciência, sem que por isso dispense o talento. Ensina, tão somente, a desconfiar da força todo poderosa do talento e a basear a obra num lastro sólido de estudo e experimentação.

Os compositores brasileiros aprenderam a confiar na cultura do dr. Curt Lange e a ouvir seus conselhos. No momento da despedida, ainda que temporária, devemos agradecer-lhe a maneira pela qual retribuiu, infinitamente multiplicada, a hospitalidade, deixando-nos a lição da dúvida de certezas categóricas e a coragem da pesquisa. Rendendo a homenagem sincera da nossa admiração, gratidão e respeito, àquele que tanto se interessou pelo destino da nossa música, exprimimos nossa confiança em que continuará a enviar-nos as suas críticas, a sua orientação e, naturalmente, como o maior prêmio, a sua amizade.

Roberto Lyra Filho

De Lábio em Lábio...

dou volta ao mundo!



Pela sua massa inconfundível, pelos seus tons modernos e harmônicos, ZANDE - o baton que está na moda - conquistou a preferência de todas as mulheres lindas do mundo. ZANDE dá aos lábios um contorno perfeito, conservando-os aveludados e perfeitamente maquiados durante muitas horas.

Zande

O BATON PERFUMADO DA MULHER BONITA

ASPECTOS DO CANADÁ DE HOJE

O Canadá conquistou, no decurso da última guerra, a admiração do mundo, pelos feitos heróicos dos seus soldados, bem como pelas realizações magníficas das suas indústrias aplicadas ao esforço bélico nacional. Com uma área de mais de três e meio milhões de quilômetros quadrados, tendo uma população de cerca de treze milhões de habitantes, o Canadá é, logo depois dos Estados Unidos e do Brasil, a mais im-

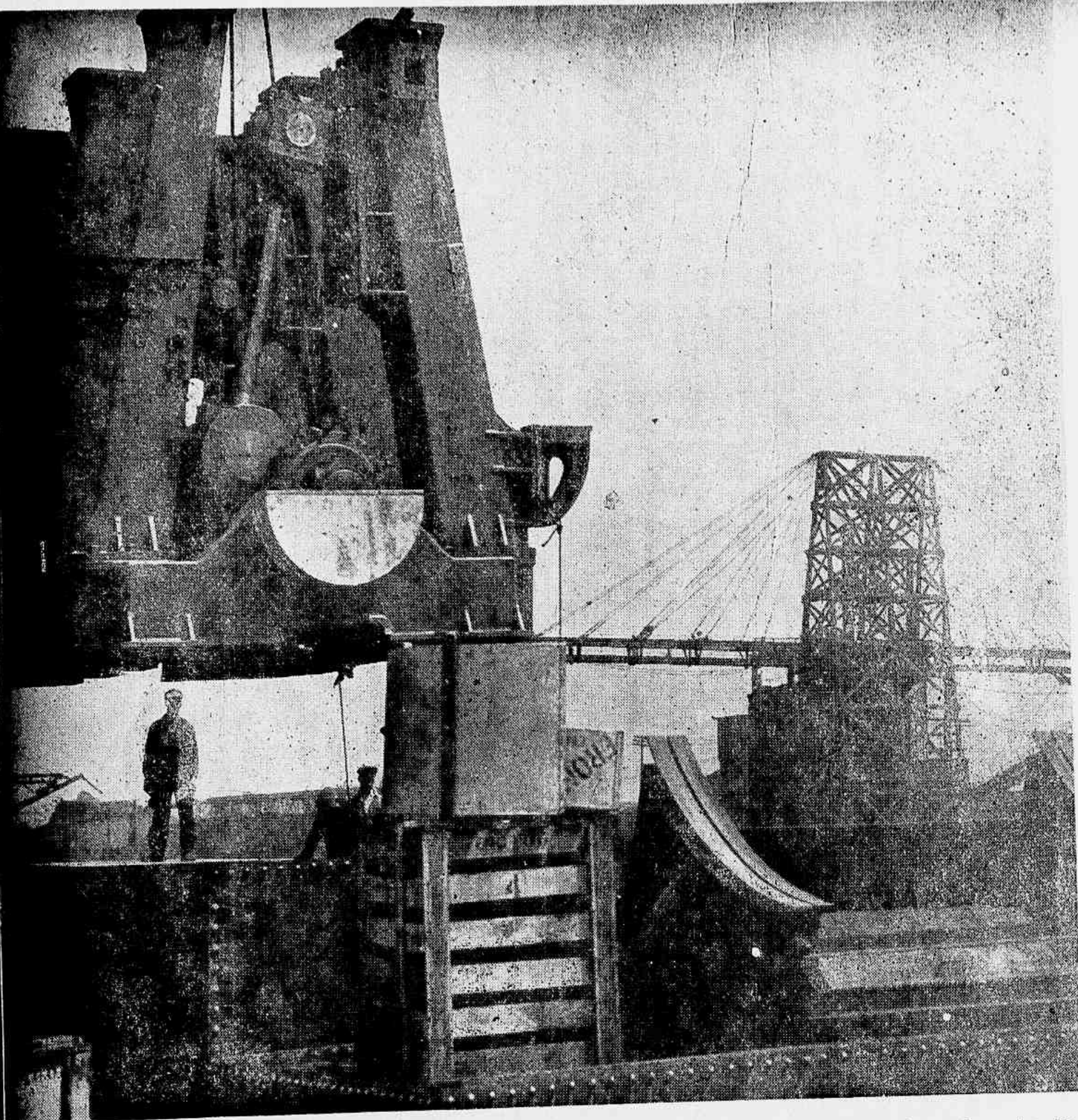
A MAIS JOVEM NAÇÃO DO CONTINENTE ESTÁ PROGREDINDO RAPIDAMENTE, INTEGRADA NO CONCERTO DAS NAÇÕES PAN-AMERICANAS

portante das potências do nosso hemisfério, do ponto de vista dos recursos naturais, da extensão do seu território, ficando abaixo do México, entretanto, em população.

Como os Estados Unidos, o Canadá é uma federação, com governos provinciais semelhantes aos dos Estados da União Americana. Ottawa, a capital canadense, é um distrito federal, idêntico ao de Washington, capital dos Estados Unidos. Em Ottawa têm sua sede as duas casas legislativas do país, o Senado e a Câmara dos Comuns. Os senadores canadenses, tal como os "lords" ingleses, são

A juventude das regiões árticas do Canadá, nos territórios de Yukon e do Nordeste, está mais familiarizada com o aeroplano do que com o trem, sendo-lhe também mais familiar uma canoa do que um bonde ou um ônibus. Presentemente estão sendo feitas outras explorações visando oportunidades de emprego. Devido às dificuldades de transporte as condições de vida têm sido difíceis, especialmente no inverno. (Foto C. N. R.)





As necessidades do Canadá durante a guerra fizeram deste país uma das grandes nações construtoras de navios. Homens e mulheres aprenderam um novo ofício e produziram navios de carga de grande tonelagem bem como navios para a Marinha Real Canadense, nos estaleiros das costas do Leste e Oeste e nos Grandes Lagos. Vê-se aqui um guindaste descendo uma enorme máquina para um navio de 10.000 toneladas, semelhante aos cargueiros adquiridos pelo Brasil ao Canadá. (Foto N. F. B.)

Vistas como esta são familiares nos "week-ends" canadenses dos meses de inverno, pois onde quer que haja colinas e neve, encontra-se gente deslizando velozmente sobre "skies". Vê-se aqui um grupo nos arredores de Ottawa, capital do Canadá, divertindo-se com a perspectiva de uma rápida descida encosta abaixo. (Foto N. F. B.)

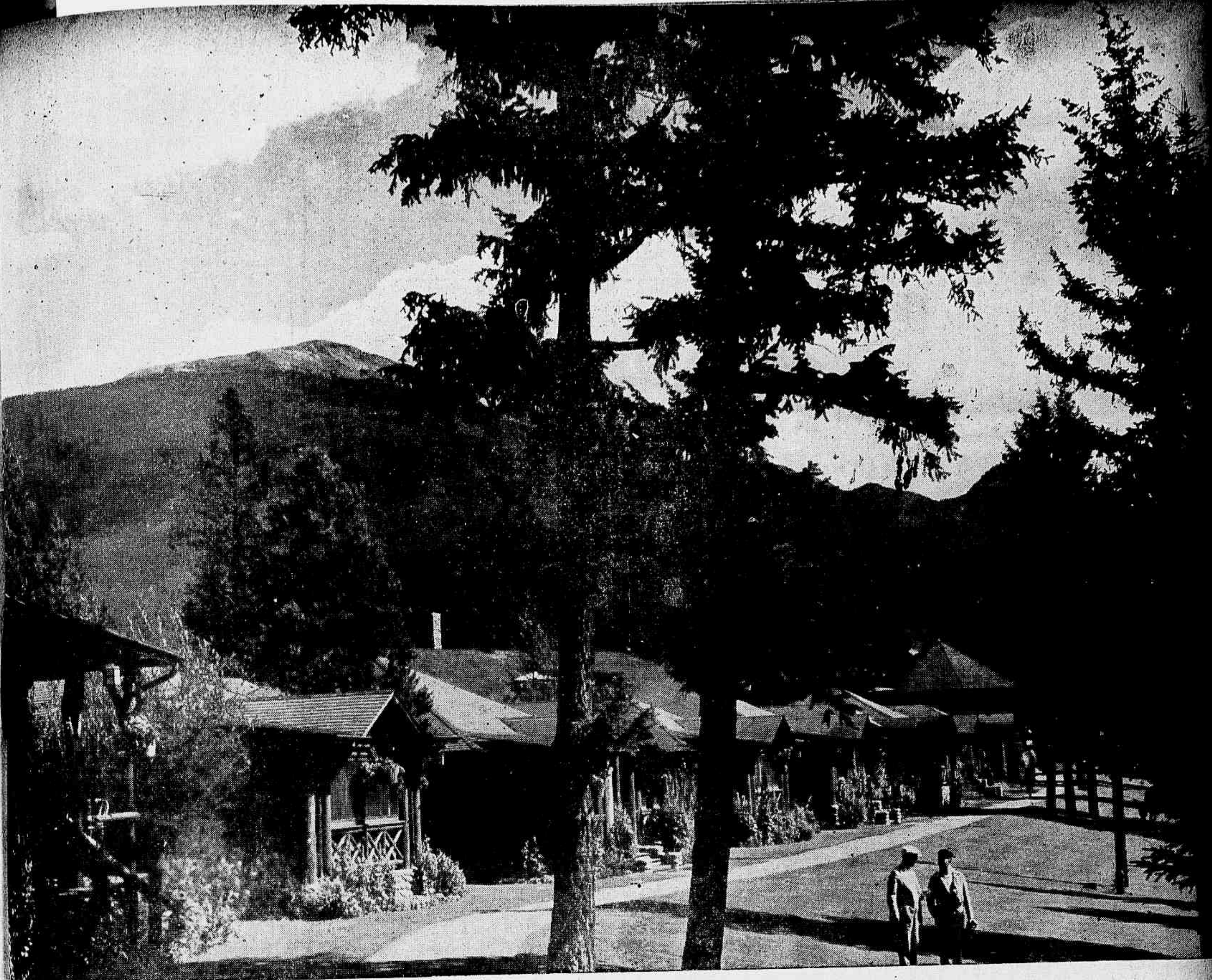


nomeados para essas funções em caráter perpétuo, pelo governador-geral, e os deputados em eleição direta, pelo povo, tendo o mandato a duração de cinco anos.

Durante a guerra, existiam no Canadá vinte ministros de Estado — o que mostra uma tendência para a descentralização administrativa. O primeiro ministro, sr. Mackenzie King, é ao mesmo tempo o presidente do Conselho Privado que assiste o governador geral. Os outros ministros eram os dos Veteranos (incumbido de reempregar e assistir aos soldados desmobilizados); das Munições, Abastecimento e Reconstrução; da Agricultura; da Justiça; do Trabalho; da Indústria e Comércio; da Aviação; das Obras Públicas; dos Correios; da Saúde Pública e Bem-Estar; das Minas e Recursos Naturais; dos Transportes; do Exterior; da Marinha; da Guerra e das Rendas Públicas; da Pesca; da Procuradoria Geral; e, finalmente, de um ministro sem pasta, com as funções de coordenador político.

O governador-geral é nomeado pelo governo inglês, sendo a única ligação direta entre o domínio do Canadá e o Império Britânico, de cuja comunidade de interesses faz parte. O Canadá é uma nação rica, com um grande comércio de exportação, destacando-se entre os produtos de maior aceitação nos mercados estrangeiros o papel para a imprensa, as peles, a lã, o trigo, as conservas de peixes, etc.

Possuindo uma topografia extremamente variada, grandes montanhas, florestas virgens, lagos de poética beleza, o Canadá ajunta às suas atrações turísticas uma grande variedade de estações de veraneio e de parques de caça. No Yukon, especialmente, a caça grossa, bem como a pesca, constitui uma sedução para os amantes dessas emoções. Em alguns dos seus parques nacionais, o Canadá preserva a sua fauna selvagem. No Elk Island Park, em Alberta, por exemplo, existem grandes rebanhos de búfalos. O Nemiskam Park, também em Alberta, é um refúgio dos antílopes canadenses, que os caçadores amea-



cavam extinguir. O Fort Anne Park e o Fort Beausejour Park, o primeiro em New Scotia, e o segundo em New Brunswick, são parques famosos pelo seu interesse histórico, guardando relíquias da época da colonização canadense.

A população do Canadá é uma mistura de sangues diferentes, que conduziu a excelentes resultados. Dela fazem parte descendentes de franceses, de ingleses, de escoceses, de irlandeses, de hanoverianos. Há também descendentes de ucranianos, de judeus, holandeses, escandinavos, esquimaus, russos, checos, chineses, finlandeses, belgas, poloneses, índios, etc., vivendo todos na maior harmonia, sem nunca pensar em problemas de raças e de sangue. No Canadá há duas línguas oficiais — a inglesa, que corresponde à metade da população, e a francesa, que corresponde a pouco mais da quarta parte.

Com a guerra, muito se desenvolveu, no Canadá, a grande siderurgia, a construção de navios, a indústria pesada em geral, e bem assim foram desenvolvidas as linhas férreas e as estradas de rodagem, entre estas se destacando a que vai de Halifax a Vancouver, numa extensão de 4.190 milhas e no custo total estimado entre setenta e cinco a cem milhões de dólares.

A aviação canadense, bem como a sua marinha mercante, com o desenvolvimento alcançado nos últimos anos, tornou-se um grande fator de progresso. Para muita gente, o Canadá é apenas o cenário romântico e semi-selvagem dos filmes norte-americanos, retratando as aventuras dos soldados da Polícia Montada, e de operetas como "Rose Marie". Mas o Canadá não é apenas isso: é uma nação culta, com suas universidades, suas bibliotecas, sua arte própria, seus grandes tea-

Muito popular entre os veranistas, o "Jasper Park Lodge", construído pelas Estradas de Ferro Nacionais do Canadá em um dos belos parques nacionais canadenses situado nas Montanhas Rochosas de Alberta e da Columbia Britânica, é um dos muito deliciosos refúgios de verão. As cabines individuais seguem o modelo da parte externa das residências canadenses dos primitivos pioneiros, e são construídas em madeira.

Entre os trabalhos manuais feitos no Canadá, a arte de esculpir em madeira encontra excelentes aficionados que produzem trabalhos descritivos do país, gente e animais. Os Bourgaults, da província de Quebec, são laboriosos artífices nesta modalidade, caprichando na delicadeza com que sabem delinear seus trabalhos. (Foto C. N. R.)



Antisardina



Minhas amiguinhas, façam como eu, evitem o contraimento da pele ao sorrir. O uso diário do creme ANTISARDINA n.º 1 assegura a perfeita elasticidade da cutis evitando as rugas precoces.

ANTISARDINA é o meu creme ideal.

Em 21 de outubro de 1944

(Ass.) MIRACÍ DE ASSIS



Viva mais!

A Senhora pode viver mais, eliminando mensalmente os 3 DIAS de sofrimentos, usando normalmente ELIXIR DAS DAMAS, que é o remédio que prolonga a vida da mulher!

ELIXIR das DAMAS

PRODUTO DO LABORATÓRIO SIAN

GABRIEL RANGEL FONE 23-4742
Máquinas de escrever e acessórios
OFICINA COMPLETA
RUA SENHOR DOS PASSOS, 85 — 2.º Lote

Uma mulher como as outras (Continuação da pág. 24)

Ingrid atendeu e chamou o homem a quem procuravam. No estúdio ela admira os eletricitistas, os carpinteiros e os pintores; essa admiração leva-a a pedir aos fotógrafos que tirem retratos de todos os homens que trabalham no "set".

Finalmente Ingrid voltou para a entrevista: "Não há muito o que falar de mim — foi logo dizendo ela com um sorriso simpático. — "Sou uma mulher exatamente igual a todas as demais. É possível que eu seja diferente das outras mulheres num ponto: não sou o tipo da dona de casa. Sei cosinhar, mas não gosto de fazê-lo; também não sou das que adoram ficar em casa sem nada fazer".

Perguntei a Ingrid a razão pela qual mantém sua vida particular tão afastada da sua carreira. "É muito simples — respondeu-me ela — meu marido não quer ser envolvido com minha carreira. No entanto, muitas vezes recorro a ele para conselhos; por exemplo, foi ele quem me aconselhou a vir para a América (Ingrid e o Dr. Peter Lindstrom conheceram-se na Suécia; têm uma filha de nome Pia).

— Sei que Pia é um nome estranho — disse-me Ingrid — mas nós não queríamos que ela tivesse um nome comum, e por isso formamos "Pia", com a primeira inicial do meu marido, a do meu primeiro nome, e a inicial do segundo nome do meu marido que é "Aron".

Havia uma coisa que me torturava: havíamos dito que Ingrid dançava o "jitterbug", e eu não sabia se devia ou não indagar se aquilo era ou não verdade. Por fim, me animei:

— Então é verdade mesmo?

— Sim, e sabe por que? Porque quando fui visitar as tropas americanas que estavam no Alaska, os rapazes queriam dançar comigo, e só dançavam o "jitter". Não só aprendi, como também fiquei adorando essa dança...

Dá por diante, nada mais me poderia espantar.

— Quando vim para Hollywood — continuou Ingrid — fui informada de que aqui existia muita inveja; disseram-me que as outras artistas com quem eu trabalhasse fariam tudo para roubar minhas cenas, que os fotó-

grafos me fotografariam mal, afim de que uma outra artista de quem eles gostassem saísse melhor do que eu: enfim, contaram-me coisas de arrepiar os cabelos sobre Hollywood e sua gente. No entanto, só tenho encontrado aqui simpatia e bondade!

Mas parece que ninguém quer escrever sobre este aspecto de Hollywood; chego a crer que o público só está interessado pela parte "suja" de Hollywood...

Ingrid adora o seu trabalho. Trabalha intensamente e leva-o muito a sério. Detesta ser "standartizada"; cada papel é estudado cuidadosamente, como se constituísse uma grande parte de sua vida.

Quando foi convidada para o papel principal de "Os Sinos de Santa Maria", ela frequentou uma escola paroquiana durante três semanas antes de ser iniciada a filmagem. É uma grande artista; sempre quiz sê-lo e o conseguiu; mas a glória não modificou em nada essa mulher simples, simpática e bem-humorada; nem mesmo Hollywood conseguiu modificá-la. Ingrid, que há alguns anos chegou a Hollywood atendendo a um pedido de David O. Solznick para fazer a versão americana de "Intermezzo", continua humana, inatacável e sem afetação.

E no entanto Ingrid Bergman já é detentora de dois "Oscars", e tem sido considerada pelos críticos de quase todo o mundo como uma das melhores atrizes da atualidade.

50 anos
de proteção à Família Brasileira



Uma população superior
à da metade de S. Paulo
tem o seu futuro assegurado na Sul America!

Sul America

Companhia Nacional de Seguros de Vida
Fundada em 1895



BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

FUNCIONA ATÉ ÀS 19 HORAS

DEPOSITOS - DESCONTOS - CAUÇÕES

ALFANDEGA, 50

Femininas

Para obter um "make-up" perfeito, é indispensável o uso de uma boa base.



Mangas "presunto", saias rodadas, decotes em "U", eis os característicos dos modelos parisienses.



Uma "máscara" excelente para as peles oleosas, é obtida com suco de limão e clara de ovo. Passe primeiro o limão e depois a clara, deixando secar e permanecer na pele durante meia hora.



Para as peles secas a "máscara" recomendada é obtida com banana e mel de abelha. A banana é bem amassada e misturada ao mel. O efeito é surpreendente!



Para limpar e dar brilho aos cabelos, use gema de ovo! Sim, espalhe bem a gema sobre os cabelos e deixe secar. Esfregue também sobre o couro cabeludo. Ao lavar, é preciso enxaguar muitas vezes afim de evitar que fique o cheiro do ovo.



Seus cabelos estarão sempre lustrosos se você escová-los diariamente pela manhã e à noite.



Procure sempre vestir-se de acordo com a sua idade, de acordo com a hora e com o local onde se encontra.



Não imite. Procure sempre usar aquilo que fique bem em você, e nunca o que as suas amiguinhas usam...



Use um "make-up" claro no verão. Também o verniz das suas unhas deverá ser mais claro.



Não use pintura nos olhos durante o dia. Isso daria a você um ar de vulgaridade.

O MENU DA SEMANA

PRATO DE FORNO MACARRÃO COM SALSICHAS SURPRÊSAS DELICIOSAS

PRATO DE FORNO

Unte fatias de pão com manteiga e arrume-as em prato que vá ao forno. Polvilhe-as com bastante queijo ralado, deite por cima uma camada de ovos batidos e temperados com sal e pimenta. Novamente coloque fatias de pão, queijo e ovos. Polvilhe novamente com queijo, regue com uma colher de manteiga (derretida) e leve ao forno regular. Leve à mesa no mesmo prato.

MACARRÃO COM SALSICHAS

Ferva bem 2 litros d'água com sal e um "bouquet" de cheiro. Quando estiver em forte ebulição deite ali uma mão cheia de espaguete. Cozinhe-o sem deixar amolecer de mais. Escorra a água, passe-o ligeiramente em água fria e deite-o na caçarola com manteiga derretida. Misture-o bastante e arrume-o no prato polvilhado com queijo ralado. Coloque no mesmo prato algumas salsichas fritas em manteiga. Escalde antes as salsichas, dê-lhes ligeiros talhes e frite-as em manteiga.

SURPRÊSAS DELICIOSAS

Tome uma lata de compota de pêssegos (que os pêssegos estejam inteiros), escorra bem a calda e junte a essa 5 folhas de gelatina, sendo que 1 quarto de folha deve ser vermelha. Junte uma colher de sopa de rum, 50 grs. de amêndoas moídas e torradas e 50 grs. de passas sem caroços. Leve à geladeira e logo que começar a endurecer encha os pêssegos e leve-os à geladeira. Sirva com caramelo misturado com uma colher de rum.



UMA CREAÇÃO INIMITAVEL DE

ROGER & GALLET

Cetrolina

antisséptico
adstringente
bactericida

O produto preferido pelas
senhoras modernas para a
sua HIGIENE INTIMA.



Aqua Florida
MURRAY & LANMAN

dá ao corpo uma delicada fragrância, tonifica a cutis e produz uma deliciosa sensação refrescante.

EM USO NO MUNDO INTEIRO DESDE 1808

Hollywood

(Continuação da pág. 5)

encontramos, verdadeiro homúnculo, foi o anão Jerry Austin, que muitas vezes tem filmado, inclusive em "O Mágico de Oz", e agora mesmo nos oferece uma "performance" agradável em "Saratoga Trunk", película estrelada por Ingrid Bergman e Gary Cooper. Nas horas vagas, Jerry Austin é jornalista, e em suas mãos atrofiadas temos comprado o "Los Angeles Times", que ele não precisa apregoar. Disse-nos ter casado uma semana antes do nosso desembarque, pensando em conhecer o Brasil algum dia, pois sendo também anã a esposa, "com uma passagem inteira viajarão ambos"...

Eugene Pallette, com a sua monumental barriga e suas sobranceiras ameaçadoras, deu-nos um encontrão saindo do elevador do hotel, quando ali entrávamos. Vociferou um "sorry" e foi adiante, aborrecido com a falta de um "taxi". Ida Lupino, que nessa mesma noite encontramos no Mocambo, surpreendeu-nos com seus cabelos vermelhos e sua fisionomia abatida, dona de um físico muito diverso daquele que a consagrou no "écran". De resto, é curioso observar quanto o contacto com a realidade e o cancelamento das distâncias fazem desaparecer o entusiasmo e a sedução dessa gente famosa. O mais anônimo destes seres humanos que aqui estamos encontrando displicentemente guiando seus carros, preocupados com seus serviços profissionais ou distraído-se, à noite, em um "night-club", provocaria no Brasil, ou em outros países, congestionamentos de tráfego e fenômenos de entusiasmo coletivo que aqui não observamos. Todavia, Los Angeles tem uma população flutuante respeitável, em grande parte atraída pelos artistas da tela. O pátio do Chinese Theater, onde a inteligên-

cia do exibidor Grauman imaginou as lages nas quais "estrêlas" famosas em suas épocas respectivas deixam impressões dos pés e das mãos, é visitado de manhã à noite por milhares de "fans". Uma garota americana vestida de chinesa, vende um "souvenir" com fotografias dessas lages, à razão de oito cruzeiros. Francamente, nunca vimos tanta gente olhando para o chão!

★

Na intimidade, Hollywood tem seus encantos. Não deixa de impressionar o número de pequenas bonitas, com "make-up" igual ao das "estrêlas" de maior renome, servindo "ice-cream" e "cup coffee" nas cafeterias envidraçadas, verdadeiros quiosques elegantemente armados em toda parte. Elas são as eternas sonhadoras, vieram para Hollywood iludidas por algum concurso de beleza provinciano, e aqui nada encontraram. Sujeitaram-se a servir "lunch" à freguesia dos quiosques coloridos e envidraçados, na perene ilusão de algum dia o "descobridor de estrêlas" aparecer, olhar para elas e as levar para os letreiros luminosos das "marquises" de teatros. Outras, de vestidinhos por cima do joelho, vendem cigarros no Ciro's ou no Drown Derby, com a mesma e eterna miragem. Algum dia surgirá quem as veja melhor e aos seus encantos, mas algumas apresentam vestígios de maturidade. São as desiludidas. Vieram as mocinhas e tomaram-lhes a vez no terreno da ilusão.

Também os rapazes, de porte majestoso, compram jornais nas esquinas ou pisam o asfalto batido do Boulevard Hollywood, com roupas feitas para chamar a nossa atenção. Aparentam vestígios de "maquillage", como se saíssem do estúdio agora mesmo, quando na realidade nem ali conseguem entrar. Calçam meias amarelas e sapatos azuis, as roupas esportivas são novas em folha, as gravatas parecem fragmentos da porta de uma tinturaria, e olham quem passa, disfarçando o estado de alma, com aparências de celebridade. O "touriste" ingênuo poderá confundí-los com Gregory Peck ou Cornel Wilde...

Outra grande atração de Hollywood: os programas de rádio. São verdadeiras caixas luminosas, de um verde-pistache ou de um "grenat" berrante, as instalações da Columbia Broadcasting System e da National Broadcasting C.^o, com os estúdios envidraçados, e as filas de peregrinos, horas antes de iniciar o "broadcasting" no qual aparecerá Bing Crosby, por exemplo. Mas o cinema absorve todas as atenções, existindo até alguns para se assistir ao ar livre de dentro do automóvel. Ficam os carros alinhados, em uma grande área, seus passageiros ligam o rádio e captam o som do filme confortavelmente, enquanto, a distância, uma tela de proporções respeitáveis reproduz a imagem fantástica dos intérpretes. De resto, o automóvel tem lugar privilegiado. Não é mister sair dele para fazer o "lunch", porque as "girls", fantasiadas de mexicanas, tirolesas ou de indígenas, saem das cafeterias para atender-nos, e não deixou de interessar-nos o "Motorhotel". Imaginem grandes casas de hospedagem, destinadas apenas aos "touris-

SOFRE DO FÍGADO?
TOME
BIO-HEPAX
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARANIDINA

tes" donos de automóveis. Estes são guardados no "parking" imediato, enquanto um quarto, por preço módico, é reservado para o visitante da cidade. Por volta do meio dia, o "Motorhotel" está vazio, mas seus aposentos ficam repletos cinco ou seis horas mais tarde.

★

E assim é Hollywood, a terra artificial, onde tudo é conforto, muita luz, muita cor e muito imprevisto. Terra das máquinas, aqui as encontramos para quase todos os mistérios. Chama-se o "taxi" depositando um níquel no telefone automático da primeira esquina, e o carro aparece como por encanto... quando existe algum disponível. Supre-se a reserva das canetas-tinteiros, mergulhando-as em aparelhos especiais que os "drug-stores" oferecem, à razão de dez centavos cada suprimento. E compra-se o jornal no ponto de revistas, de onde o dono desapareceu, enfiando a moeda automaticamente em um dispositivo especial.

Mas ainda existe muito mais para ver. Agora mesmo recebemos um convite amável, neste fim-de-semana, para conhecer as praias dos arredores onde os artistas dão-se "rendez-vous" e relaxam os nervos, porque segunda-feira o "batente" recomeçará. Que sensação esquisita penetrar os bastidores deste lugar diferente, onde as raças se misturam e tudo parece um convite ao repouso! E no entanto Hollywood trabalha mais do que se pensa a distância, preparando divertimento para metade do mundo.

Aspectos do Canadá de hoje

(Continuação da pág. 43)

tros, jornais e revistas, rádios e outros elementos indispensáveis à civilização contemporânea. A Exposição de Arte Canadense, que nos visitou por iniciativa do embaixador do Canadá no Rio de Janeiro, sr. Jean Désy, foi uma bela demonstração do progresso canadense nos domínios artísticos.

O governador-geral do Canadá atualmente é o famoso general Sir Harold R. L. G. Alexander, que tanto se distinguiu na campanha da África e da Europa, como comandante de forças aliadas. O Canadá de hoje é uma nação em franco progresso, guardando ciosamente as suas liberdades e caminhando ao lado dos países do nosso hemisfério, em tudo quanto diz respeito à defesa e ao prestígio continental. O Canadá tem uma mentalidade mais pan-americana do que inglesa e, sendo uma nação que já vive por si mesma, sente a identidade de destino que liga todos os povos do nosso hemisfério e que impõe a todos eles uma ação comum, nos momentos de decisiva significação histórica.

REGULADOR XAVIER

★ O remédio de confiança da mulher ★

DUAS FORMULAS DIFERENTES PARA DOIS MALES DIFERENTES.



N.º 1 Regras Abundantes - Hemorragias
N.º 2 Falta ou Diminuição de Regras

Usar a pasta S. S. White é saber dar preferência ao dentífrico mais indicado para higiene e conservação dos dentes.



MISSA DO GALO

(Continuação do número anterior)

tenho uma Nossa Senhora da Conceição, minha madrinha, muito bonita; mas é de escultura, não se pode pôr na parede, nem eu quero. Está no meu oratório.

A idéia do oratório trouxe-me a da missa, lembrou-me que podia ser tarde o que dizê-lo. Penso que cheguei a abrir a boca, mas logo a fechei para ouvir o que ela contava, com doçura, com graça, com tal moleza que trazia preguiça à minha alma e fazia esquecer a missa e a igreja. Falava das suas devoções de menina e moça. Em seguida referia umas anedotas de baile, uns casos de passeio, reminiscências de Paquetá, tudo de mistura, quase sem interrupção. Quando cansou do passado, falou do presente, dos negócios da casa, das conselheiras da família, que lhe diziam ser muitas, antes de casar, mas não eram nada. Não me contou, mas eu sabia que casara aos vinte e sete anos.

Já agora não trocava de lugar, como a princípio, e quase não saíra da mesma atitude. Não tinha os grandes olhos com-

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado, que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, alisar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e saudável volta a imperar com o uso do "Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

É um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas.

Agora muitos usam DENTADURA POSTIÇA com mais comodidade

FIXODENT, um pó alcalino (não ácido), de agradável sabor, mantém as dentaduras postizas firmes na boca. Para comer e falar com mais comodidade, experimente um pouco de FIXODENT sobre sua dentadura postiza. Não fica na boca nenhuma sensação pegajosa. Combate o "cheiro característico de dentadura" — perfuma o hálito.

Compre FIXODENT hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário.

Distribuidora para todo o Brasil: ODONTOLOGIA AMERICANA LTDA. Av. Rio Branco, 14, 1.º - Rio de Janeiro

pridos, e entrou a olhar à toa para as paredes.

— Precisamos mudar o papel da sala, disse daí a pouco, como se falasse consigo.

Concordei, para dizer alguma coisa, para sair da espécie de sono magnético, ou o que quer que era que me tolhia a língua e os sentidos. Queria e não queria acabar a conversação; fazia esforço para arredar os olhos dela, e arredava-os por um sentimento de respeito; mas a idéia de parecer que era aborrecimento, quando não era, levava-me os olhos outra vez para Conceição. A conversa ia morrendo. Na rua o silêncio era completo.

Chegámos a ficar por algum tempo — não posso dizer quanto — inteiramente calados. O rumor único e escasso era um roer de camondongo no gabinete, que me acordou daquela espécie de sonolência; quis falar dêle, mas não achei modo. Conceição parecia estar devaneando. Subitamente, ouvi uma pancada na janela, do lado de fora e uma voz que bradava: "Missa do galo! Missa do galo!"

— Aí está o companheiro, disse ela, levantando-se. Tem graça; você é que ficou de ir acordá-lo, ele é que vem acordar você. Vá, que não de ser horas; adeus.

— Já serão horas? perguntei.

— Naturalmente.

— Missa do galo! — repetiram de fora, batendo.

— Vá, vá, não se faça esperar. A culpa foi minha. Adeus; até amanhã.

E com o mesmo balanço do corpo, Conceição enfiou pelo corredor dentro, pisando mansinho. Sai à rua e achei o vizinho que esperava. Guiámos dali para a igreja. Durante a missa, a figura de Conceição interpôs-se mais de uma vez, entre mim e o padre; fique isto à conta dos meus dezessete anos. Na manhã seguinte, ao almoço, falei da missa do galo e da gente que estava na igreja, sem excitar a curiosidade de Conceição. Durante o dia, achei-a como sempre, natural, benigna, sem nada que fizesse lembrar a conversação da véspera. Pelo Ano-Bom fui para Mangaratiba. Quando tornei ao Rio de Janeiro, em março, o escrívão tinha morrido de apoplexia. Conceição morava no Engenho Novo, mas nem a visitei nem a encontrei. Ouvi mais tarde que casara com o escrevente juramentado do marido.

Machado de Assis

Conselho de família

(CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 15)

plomas e anéis é para os trouxas. Se ainda fôsse médico, vá lá; mas engenheiro... Não vê-

o Juca, meu sobrinho? Tirou distinção em Máquinas com o dr. Cunningham e no entanto vive aí ganhando uns miseráveis noventa e novecentos cruzeiros. Mais do que isso ganha o Fagundes no armazem...

— Mas Manduca, você ainda não apreciou as qualidades do rapaz. Ele já teve diversas comissões do governo; foi à Europa buscar uma entropia nova para as máquinas e foi estudar o estabelecimento de um porto em Alagoas... São cargos importantes e que honram a quem os exercem.

— Não vejo grande vantagem nisso; um porto tem somente uma muralha para que o navio encoste e os passageiros e mercadorias possam embarcar e desembarcar facilmente; é a coisa mais banal desse mundo e qual quer um é capaz de fazer. Além disso, se ele tivesse amizade a ela, não ficaria tanto tempo afastado, estudando estabelecimento de um porto em lugar tão longe...

— E' porque tu não sabes, Manduca, o que é a verdadeira amizade: resiste até à separação.

— Qual nada. Nós nunca nos separámos.

— Pelas tuas palavras estou vendo que vais negar consentimento para o casório. Vai ser um golpe tremendo para os dois. O rapaz já tinha alguns móveis comprados, nós já estávamos começando a fazer o enxoval de Ritinha...

— Isso não se perde. Roupa de moça é coisa que tem sempre aplicação e utilidade: nunca é de mais. Ela pode mesmo aproveitar o enxoval começado para o noivado com o Fagundes...

— Mas que, Manduca, você pensa mesmo que Ritinha vai sujeitar-se a casar com um indivíduo tão boçal quanto quanto é o Fagundes? Ela, que recebeu uma educação muito supe-

rior à dêle, nunca se prestaria a ser esposa de tal homem!...

— Falarei a ela com toda a sinceridade e mostrando as vantagens de tal casamento e as desvantagens de casar com engenheiro. Garanto a você que ela se convencerá.

D. Maricota, vendo esgotados todos os argumentos, recorreu ao último recurso:

— Bem, visto o que dizes, não posso insistir mais. Lamento tão somente tua atitude intransigente e o tempo que ela empattou com o dr. Jaques. Ele até já tinha quinze contos na caderneta da Caixa Econômica para realizar o casamento...

— Quinze contos?! E' muito dinheiro! Mas como pôde você saber que ele tinha esse dinheiro todo?

— Mostrou-me a caderneta.

— Olha, Maricota, eu sempre disse a você que os pais não devem dar opinião no casamento dos filhos e muito menos das filhas. A Ritinha é muito ajuizada, fez muito boa escolha. O rapaz é de boa família, tem qualidades que o recomendam, escolheu profissão bonita e ha-de fazer a felicidade de nossa filha. Damos o consentimento de todo o nosso coração. Manda buscar uma garrafa de champagne no armazem para festejar o grande acontecimento.



VAMOS USAR CHAPÉU?

É realmente triste que já não se veja chapéus nem mesmo à noite nos cinemas e teatros. Eles são o complemento de qualquer "toilette" feminina e além do mais contribuem muito para embelezar um rosto, naturalmente quando este está bem "maquillado". Então pode ser que, vendo estes modelos que nos chegam de Hollywood, você se anime e passe a usar novamente chapéu.

Este modelo apresentado por Martha Vickers, da Warner Bros., é feito em palha de cor natural, fita de "gros-grain" e véu marron, e duas penas, uma bege e outra marron.





1 — Chapéu de palha preta, com tule da mesma cor envolvendo a aba e terminando num elegante anarrotado na coroa. Laços de veludo cor de rosa são aplicados ao redor da aba. Usa-o Eleanor Parker, da Warner Bros. 2 — Gloria Holden, da Columbia, apresenta um chapéu bastante elegante e que é composto apenas de uma grande flor. Um véu preto cobre a metade do rosto. 3 — Martha Vickers nos oferece esta sugestão para a noite. Com um vestido de cetim preto, ela usa um chapéu de linhas bem modernas feito em palha brilhante. 4 — Bem primaveril é este modelo sugerido pela mesma "estrelinha". Palha cor de rosa. Laço de tafetá "Aigrette" na coroa e um véu preto completam a elegância deste modelo. Também cor de rosa e flores e véu em verde claro.

OS QUE SONHAM RELAPIDAR O "REGENT"

(Copyright do Serviço Francês de Informação, especial para a REVISTA DA SEMANA)

O lapidário Gabriel Cousin fala com orgulho da profissão que exerce há 40 anos. Hoje ele conta 53 invernos. É raro poder-se exercer este ofício depois dos 50. Apesar de ter sempre a lente colada ao olho direito, a vista já não distingue o defeito imperceptível da pedra, e muitas vezes, mesmo, nesta idade a cegueira começa a chegar.

Gabriel Cousin é uma exceção.

— Sou um dos mais velhos artistas do lugar — diz com um sorriso malicioso que lhe ilumi-

na o delicado rosto de parisiense risonho apesar dos anos.

Tem dois sócios mais jovens, Henri e Albert Geoffrey. Todos três trabalham na mesma oficina, próximo à rua Cadet, quarteirão dos lapidários, tanto dos que vendem como dos que lapidam as preciosas gemas vindas do Brasil ou do Transvaal, via Londres.

Um comum entusiasmo empolga estes três homens quando tratam de sua arte.

— Os lapidários parisienses, asseguram, são os primeiros do mundo, o que constitui verdade reconhecida. São superiores aos de Antuérpia e da Holanda que, por muito tempo, foram seus mestres. Atingiram um grau de perfeição que jamais será ultrapassado.

Vendo-os em atividade, não se tem o direito de duvidar de sua pretensão...

Começam o aprendizado aos 13 anos, ao sair da escola. Durante 4 anos frequentam os cursos de um artista ou de uma escola profissional que a "Fédération du Bijou" criou na rua do Louvre. Antes de se tornarem um artesão qualificado, têm que praticar durante dois anos.

O instrumental do lapidário é simples. Foi inventado e aperfeiçoado pelos holandeses. Resume-se em mós fixas sobre uma banca. Acionadas a eletricidade, giram com uma velocidade de 2.500 voltas por minuto. As mós, que lembram discos de fonógrafo, são feitas de um metal poroso e mole contra o qual, todavia, se pule a superfície da pedra. De vez em quando são banhadas em pó de diamante misturado com óleo. O brilhante é mantido por um tórno, invenção de um mecânico francês chamado Marchandea.

Uma outra mó de um modelo diferente, é empregada para uma operação que em termo

profissional chama-se "débrutage". Não serve senão para a pedra bruta, para desbastá-la antes de lapidá-la definitivamente. A mó, neste caso, é substituída por um diâmetro mais duro que aquele que se vai trabalhar.

Um oficial digno deste nome é capaz de tomar uma pedra bruta e polí-la até lhe dar sua forma definitiva, aquela que deseja o joalheiro ou o modelista que lh'a confiou: quadrada, retangular, redonda ou triangular.

Atualmente é raro que os lapidários franceses tenham que trabalhar um diamante bruto procedente diretamente da mina. Relapidam, sobretudo, pedras antigas e fora de moda.

Os artistas que viram o "Regent" em uma recente exposição do Louvre, asseguram que se trabalhassem a célebre jóia, decuplicariam seu valor. Esta afirmação vale para a maioria das pedras famosas que ornaram as coroas dos reis.

Efetivamente, o que, a nosso ver, dá valor a um diamante não é tanto o seu tamanho mas sobretudo o feitio da sua lapidação. Trata-se de obter o máximo de brilho, mesmo sacrificando-se o peso que, durante as sucessivas operações pode ser reduzido a uma proporção de 70 a 75%.

Os lapidários parisienses praticam uma arte que remonta a séculos mas, pouco divulgada, têm como principais clientes a Inglaterra e a América. Durante a ocupação os alemães, grandes amadores de pedras preciosas, levaram todas que puderam encontrar. Comprando-as por preços astronômicos, provocaram uma alta sensível no mercado mundial.

Este ofício que vai desaparecendo — havia 400 artistas em Paris em 1929, antes da crise, e hoje não se conta mais que 200

Frigia

é simplesmente notável!



...notável, porque:

- 1.º — Não é líquido, nem pasta. É um desodorante em forma de "baton".
- 2.º — Corta e evita a transpiração sem irritar a pele. Não estraga as roupas.
- 3.º — É agradavelmente perfumado e produz uma sensação de frescor.
- 4.º — Elimina instantaneamente a transpiração das axilas.
- 5.º — Próprio para bolsa, pode ser aplicado em qualquer momento.

FRIGIA está registrado como patente de invenção sob n.º 29.830

A VENDA NAS BOAS CASAS



Dist.: HERMANNY - C.P. 247 - RIO

— é todavia um dos mais remuneradores que há. Um bom especialista ganha até 200 frs. por hora.

Foi sempre assim. Os antigos se recordam de 1900, quando os lapidários recebiam um salário de 30 e até mais francos por dia. Vinham trabalhar de chapéu alto. Havia então poucos profissionais franceses.

Hoje os franceses adquiriram uma grande habilidade manual, uma extrema precisão técnica e sobretudo um gosto muito apurado.

BRONZISOL
ANTISOLAR.
De Mme. Campos
FIXA UM LINDO BRONZEADO NATURAL
A VENDA EM TODA A PARTE

CUTIS CANSADA

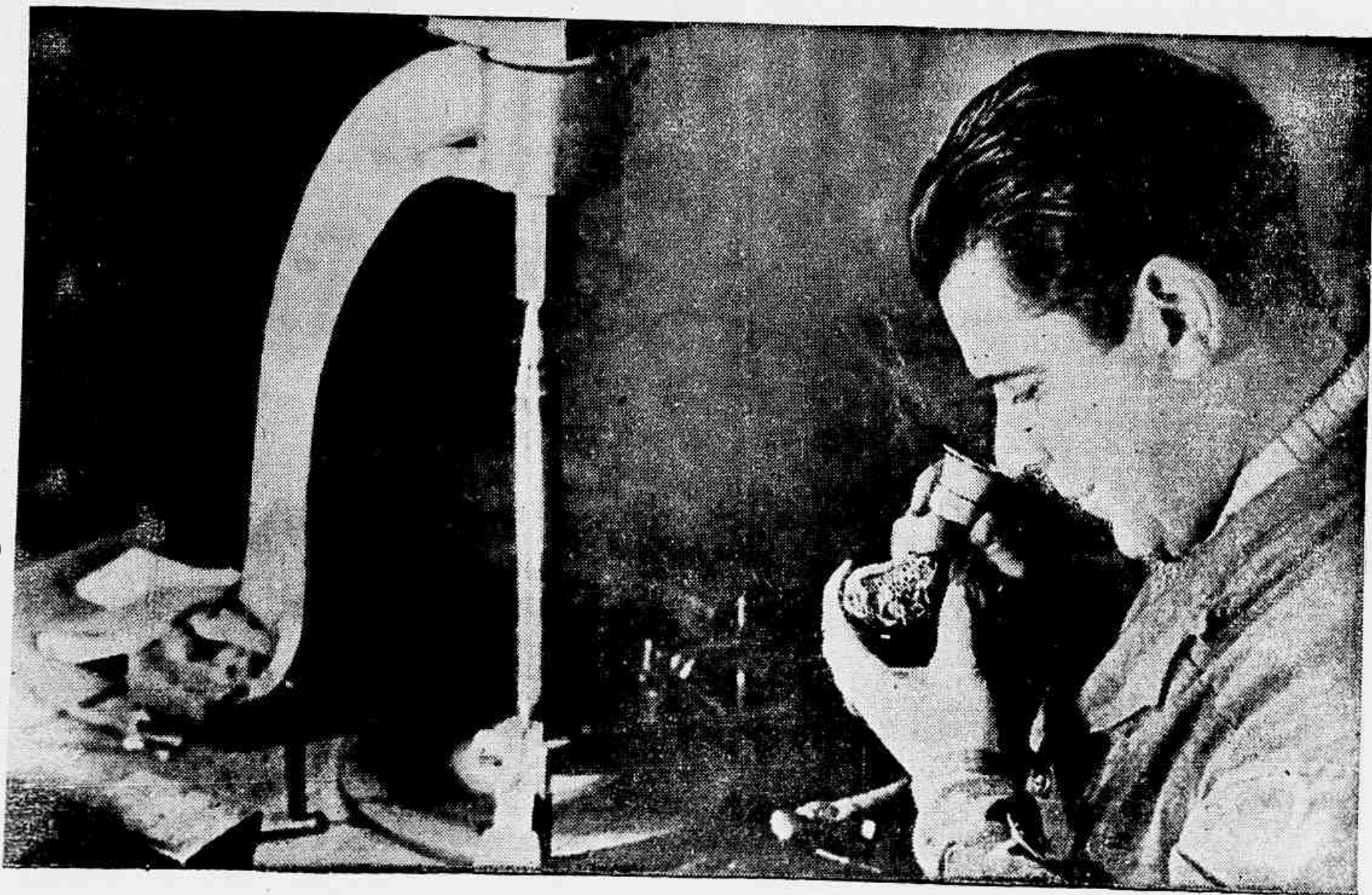


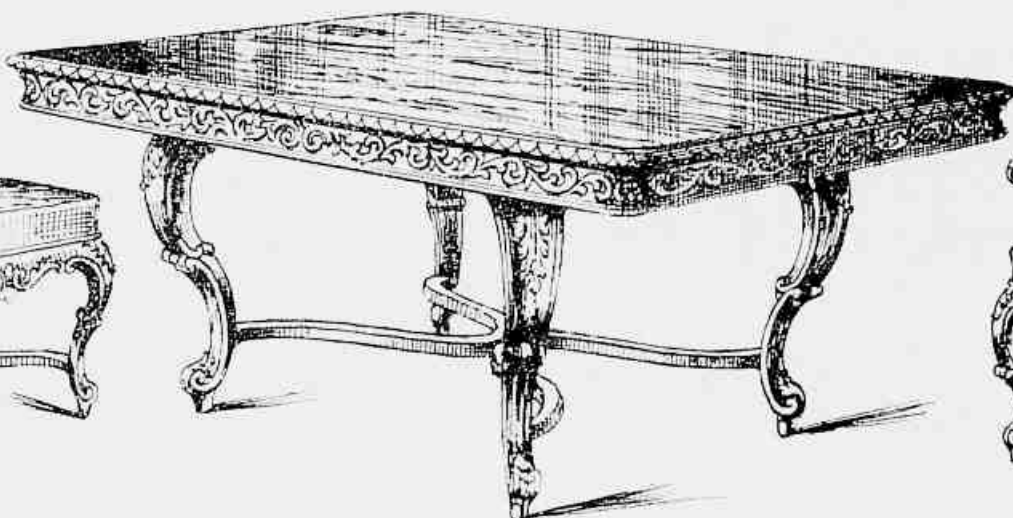
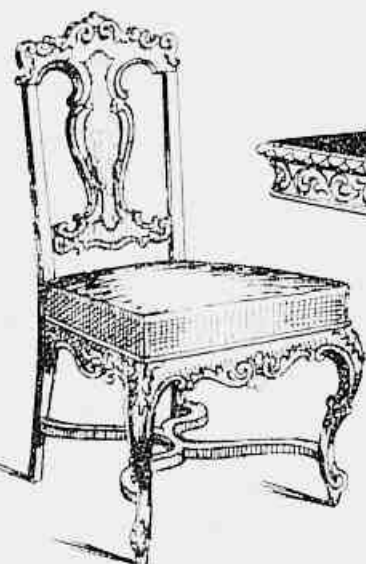
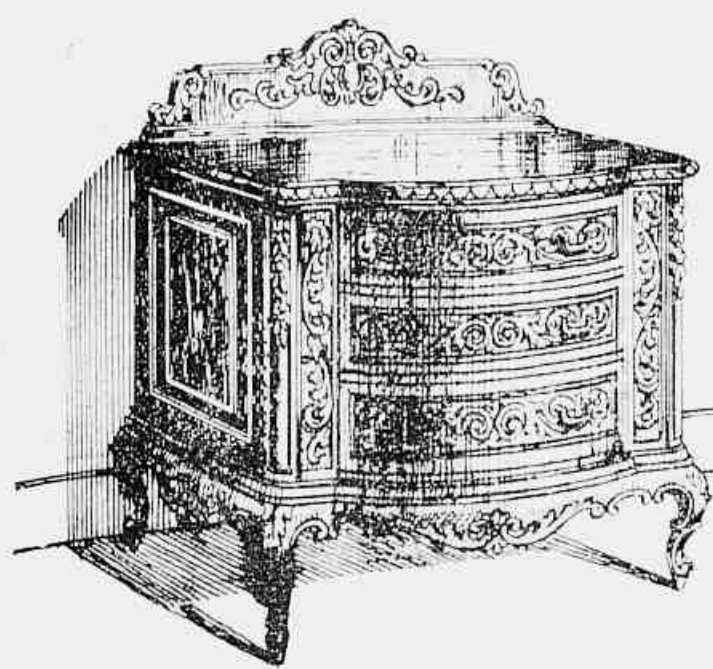
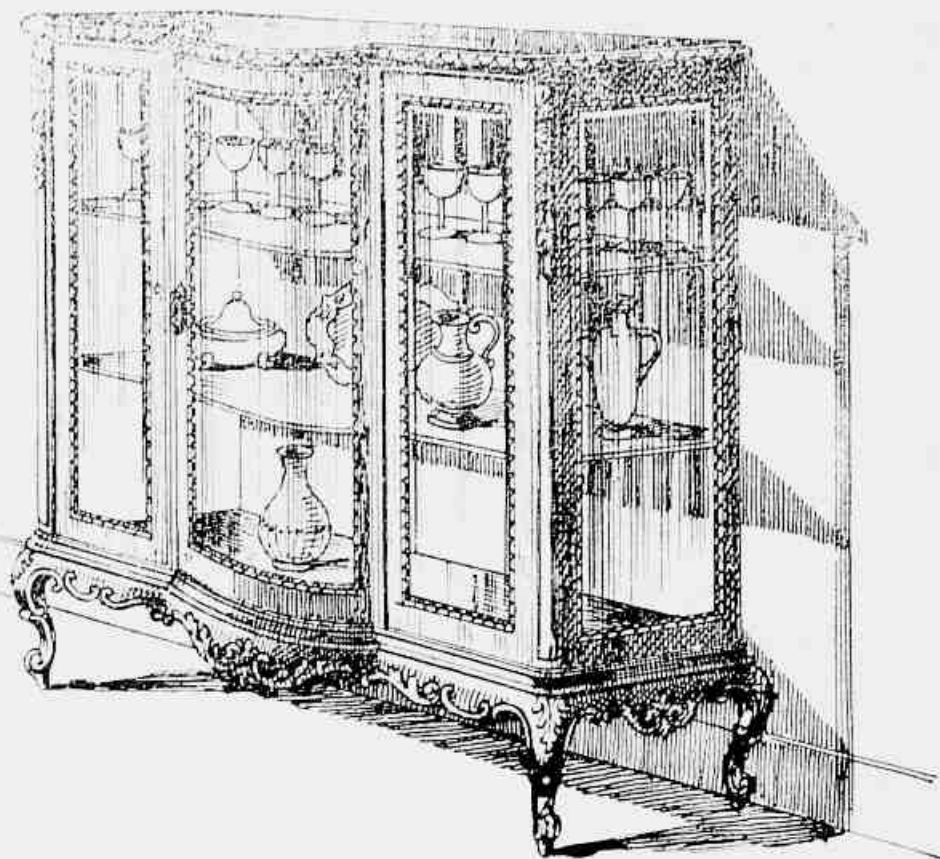
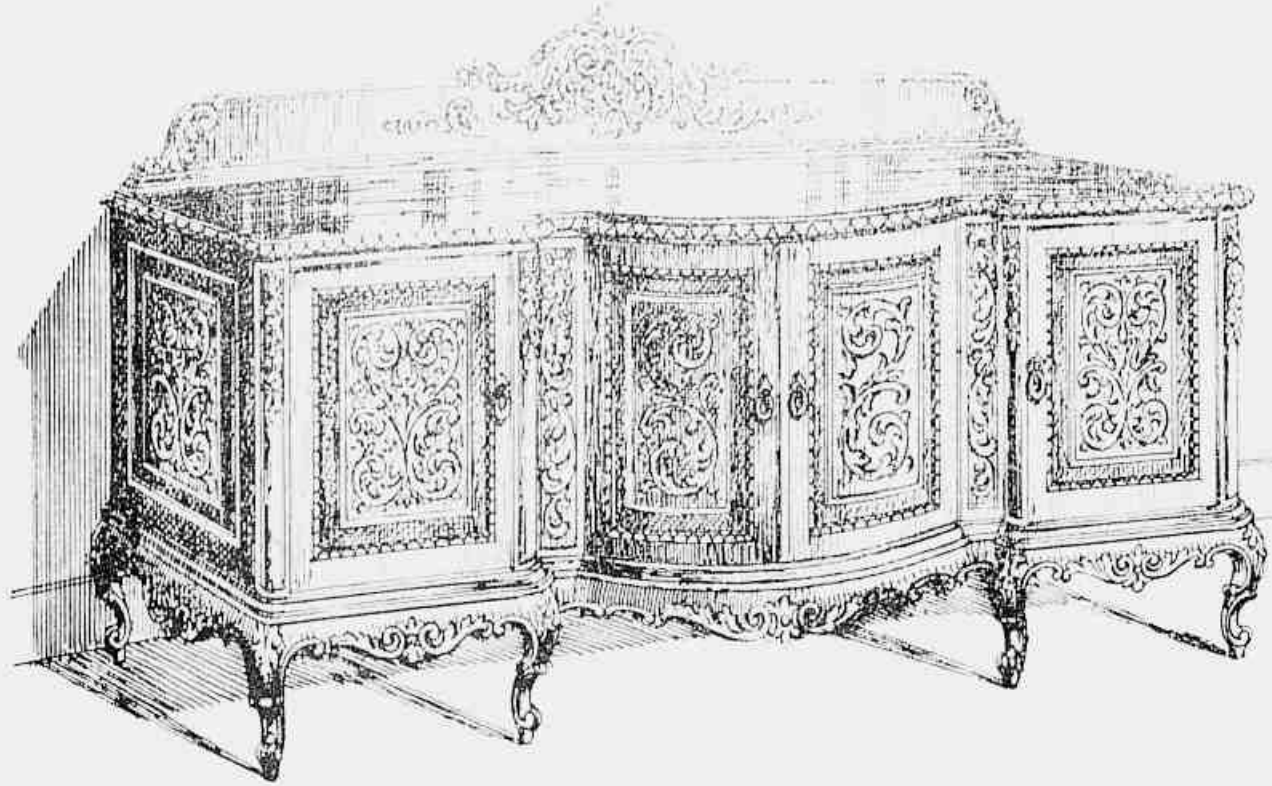
e sem viço

As pérfidas rugas na testa e ao redor dos olhos, as sardas, manchas, cravos e espinhas, são traiçoeiros inimigos da beleza da mulher. Quando surgem estas imperfeições, lançando nuvens sobre a sua felicidade, confie nas virtudes do Creme Rugol. Rugol corrige rapidamente as causas do envelhecimento prematuro da cutis. Este famoso creme embelezador, usado todas as noites em suaves massagens no rosto, pescoço, e todos os dias como base do "maquillage", remove as impurezas que se acumulam nos poros, fortalece os tecidos, dá vigor e mocidade à pele. Com apenas uma semana de uso do Creme Rugol a sua cutis poderá ficar macia, limpa e acetinada, aumentando os seus encantos e protegendo a sua felicidade. A felicidade de amar... e ser amada.

CREME RUGOL

Alvim & Freitas, Ltda. - C.P. 1379 - S. Paulo





« DINING-ROOM REGENCE »

Esta sala de jantar, em puro "regence", merece ser aproveitada em um grande palacete, onde tôdas as peças obedecam à uniformidade e pureza de estilo que são as suas características próprias. Trabalhada em talhas genuínas e originais, os móveis que aqui aparecem não deixam transparecer a mínima distonância do estilo primitivo da Regência. Cadeiras de assento amplo, "buffet" de 2,50 metros de largura, faqueiro baixo e cristaleira quase quadrada. A mesa, de pés recurvos, deve ser posta sempre no centro da sala.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA

MARCA

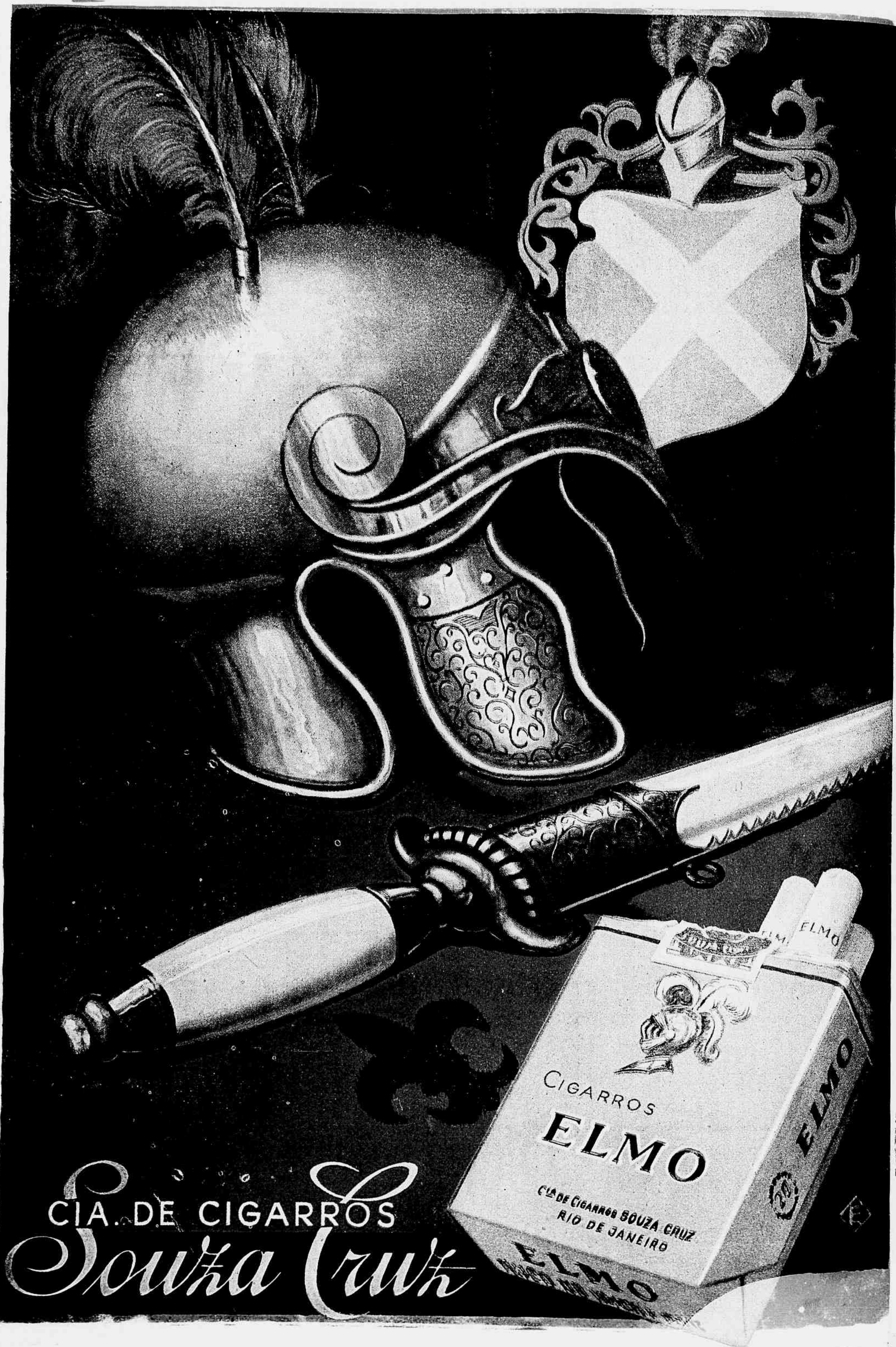
UNES

REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



CIA. DE CIGARROS

Souza Cruz